

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CORA CORALINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LÍNGUA,
LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

WALTER GONÇALVES CAMPOS

LEODEGÁRIA DE JESUS, a poeta de múltiplos voos: entre espaços e memórias.

GOIÁS - GO

2023

WALTER GONÇALVES CAMPOS

LEODEGÁRIA DE JESUS, a poeta de múltiplos voos: entre espaços e memórias.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) da Universidade Estadual de Goiás como requisito para obtenção do título de Mestre em Língua, Literatura e Interculturalidade.

Área de concentração: Estudos de Literatura e Interculturalidade

Linha de Pesquisa: LP2 – Estudos Literários e Interculturalidade

Orientadora: Profa. Dra. Nismária Alves David

GOIÁS-GO

2023



TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DE TESES E DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL (BDTD)

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Estadual de Goiás a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UEG), regulamentada pela Resolução, CsA nº 1.087/2019 sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data¹. Estando ciente que o conteúdo disponibilizado é de inteira responsabilidade do(a) autor(a).

Dados do autor (a)

Nome completo Walter Gonçalves Campos

E-mail waltergcampos59@gmail.com

Dados do trabalho

Título LEODEGÁRIA DE JESUS, a poeta de múltiplos voos: entre espaços e memórias.

Tipo:

Tese

Dissertação

Curso/Programa PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM LÍNGUA, LITERATURA E INTERCULTURALIDADE

Concorda com a liberação documento

SIM

NÃO

¹ Período de embargo é de até **um ano** a partir da data de defesa.

Goiás, 23 de maio de 2023.


Assinatura autor(a)


Assinatura do orientador(a)

CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina

C198l Campos, Walter Gonçalves.
Leodegária de Jesus, a poeta de múltiplos voos :
entre espaços e memórias. [manuscrito] / Walter
Gonçalves Campos. – Goiás, GO, 2023.
102 f. ; il.

Orientadora: Profa. Dra. Nismária Alves David.
Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e
Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina,
Universidade Estadual de Goiás, 2023.

1. Literatura goiana - poesia. 1.1. Leodegária de
Jesus. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás,
Câmpus Cora Coralina.

CDU: 82.09(817.3)-1

Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS

(Criada pela lei nº 13.456 de Abril de 1999, publicada no DOE-GO de 20 de Abril de 1999)

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

Coordenação de Pós-Graduação Stricto Sensu

UEG CÂMPUS CORA CORALINA

Av. Dr. Deusdeth Ferreira de Moura Centro - GOIÁS CEP: 76600000

Telefones: (62)3936-2161 / 3371-4971 Fax: (62) 3936-2160 CNPJ: 01.112.580/0001-71

ATA DE EXAME DE DEFESA 13/2023

Aos dezenove dias do mês de abril de dois mil e vinte e três às dezesseis horas, realizou-se o Exame de Defesa da dissertação do mestrando WALTER GONÇALVES CAMPOS, intitulada **“LEODEGÁRIA DE JESUS, a poeta de múltiplos voos: entre espaços e memórias”**. A banca examinadora foi composta pelos seguintes professores: Dra. Nismária Alves David – Presidente – (POSLLI/UEG), Dr. Ulysses Rocha Filho (PPGEL/UFCAT), Dr. Alexandre Bonafim Felizardo (POSLLI/UEG). Os membros da banca fizeram suas observações e sugestões, as quais deverão ser consideradas pelo mestrando e sua orientadora. Em seguida, a banca examinadora reuniu-se para proceder à avaliação do exame de defesa. Reaberta a sessão, a presidente da banca examinadora proclamou o resultado, segundo o qual a dissertação foi (X) aprovada.

Cumpridas as formalidades de pauta, às 17h40, a presidência da mesa encerrou esta sessão do Exame de Defesa e lavrou a presente ata que, após lida e aprovada, será assinada pelos membros da banca examinadora.

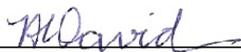
Goiás-GO, 19 de abril de 2023.

Profa. Dra. Nismária Alves David (POSLLI/UEG)

Prof. Dr. Ulysses Rocha Filho (PPGEL/UFCAT)

Prof. Dr. Alexandre Bonafim Felizardo (POSLLI/UEG)

Página de assinaturas



Nismaria David
856.873.831-15
Signatário



Ulysses Filho
283.637.281-87
Signatário



Alexandre Felizardo
196.365.138-30
Signatário

HISTÓRICO

- 19 abr 2023** 17:51:48  **Nismaria Alves David** criou este documento. (E-mail: nismaria.david@ueg.br, CPF: 856.873.831-15)
- 19 abr 2023** 17:51:48  **Nismaria Alves David** (E-mail: nismaria.david@ueg.br, CPF: 856.873.831-15) visualizou este documento por meio do IP 187.44.77.229 localizado em Catalao - Goias - Brazil
- 19 abr 2023** 17:51:54  **Nismaria Alves David** (E-mail: nismaria.david@ueg.br, CPF: 856.873.831-15) assinou este documento por meio do IP 187.44.77.229 localizado em Catalao - Goias - Brazil
- 19 abr 2023** 20:03:36  **Ulysses Rocha Filho** (E-mail: ulysses.rochafilho@gmail.com, CPF: 283.637.281-87) visualizou este documento por meio do IP 189.38.43.204 localizado em Catalao - Goias - Brazil
- 19 abr 2023** 20:06:25  **Ulysses Rocha Filho** (E-mail: ulysses.rochafilho@gmail.com, CPF: 283.637.281-87) assinou este documento por meio do IP 189.38.43.204 localizado em Catalao - Goias - Brazil
- 20 abr 2023** 15:06:05  **Alexandre Bonafim Felizardo** (E-mail: alexandre.felizardo@ueg.br, CPF: 196.365.138-30) visualizou este documento por meio do IP 177.149.155.68 localizado em Goiânia - Goias - Brazil
- 20 abr 2023** 15:06:57  **Alexandre Bonafim Felizardo** (E-mail: alexandre.felizardo@ueg.br, CPF: 196.365.138-30) assinou este documento por meio do IP 177.149.155.68 localizado em Goiânia - Goias - Brazil



A Deus.

Ao espírito da guarda.

Aos meus pais biológicos, Ana Gonçalves e Maximiano R. Campos (*in memoriam*).

Aos meus pais de criação, Maria Aparecida, por acreditar em mim – sempre – e Oximando Sampaio (*in memoriam*).

À minha esposa, Meire Lisboa Santos Gonçalves, que muito me ajudou na criação e escritura deste trabalho.

Aos meus filhos, Pedro Alexandre e Ana Clara.

Aos meus sogros, irmãos, compadres, afilhados e sobrinhos.

AGRADECIMENTOS

A Deus por toda inspiração e transpiração na confecção desta dissertação.

À minha família pela paciência e crença na minha capacidade.

À minha orientadora no Mestrado, Profa. Dra. Nismária Alves David, um sincero agradecimento por nunca ter desistido de mim nos momentos mais difíceis.

Aos professores que fizeram parte da minha banca de qualificação e de defesa dessa Dissertação, Dr. Ulysses Rocha Filho (UFCat) e Dr. Alexandre Bonafim Felizardo (UEG).

Aos professores do Mestrado que muito me auxiliaram com informações para a criação deste trabalho: Profa. Dra. Nismária Alves David, Profa. Dra. Ebe Maria de Lima Siqueira, Prof. Dr. Adolfo José de Souza André, Prof. Dr. Ricardo Júnior de Assis Fernandes Gonçalves, Prof. Dr. Samuel Carlos Melo e Prof. Dr. Alexandre Bonafim Felizardo.

À atual coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade, Profa. Dra. Carla Conti de Freitas, e à ex-coordenadora, Profa. Dra. Marília Silva Vieira Pereira.

Aos secretários do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade pelo auxílio e orientação constantes, Flávio Santos Teles e Michely Gomes Avelar.

Aos colegas de mestrado, em especial, à Vanusa e à Sheila.

À minha amiga, Zilda Reis, por muito ter ajudado ao longo do meu magistério.



Símile

Ao Dr. Manuel Dias Prates dos Santos

Quando vivemos, a sonhar amores,
Quando não temos a ilusão perdida,
Quando noss'alma não padece dores,
Morrer é triste! Como é linda a vida!

Mas se nos fere o espinho da tristeza,
Se maltratados somos pela sorte,
Se nos é dado o cálice da incerteza,
Viver é triste! Como é doce a morte!

(Leodegária de Jesus)

CAMPOS, Walter Gonçalves. **Leodegária de Jesus, a poeta de múltiplos voos: entre espaços e memórias**. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) - Campus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2023.

RESUMO

Nesta dissertação, apresentamos Leodegária de Jesus, primeira mulher a publicar poemas em terras goianas. Poeta negra, autora de duas obras apenas, *Coroa de Lírios* (1906) e *Orchideas* (1928), ela faz-se presente, hoje, entre os poetas goianos e há alguns anos vem sendo motivo de estudo de pesquisadores que têm mostrado interesse em sua criação poética. Nesse sentido, destacamos a trajetória de Leodegária de Jesus e os caminhos e descaminhos percorridos por ela, como mulher e poeta negra, em tempos em que a escrita feminina não era priorizada. Pontuamos, ainda, as presenças, no plano do conteúdo, de motes da estética romântica e, no plano da forma, da utilização do soneto e dos versos decassílabos, consoante a estética parnasiana. Assim, em nosso trabalho, temos como objetivo principal o de dedicarmos à poética de Leodegária de Jesus, a fim de analisar as temáticas referentes ao espaço e à memória e evidenciar a relevância da toponímia e das lembranças presentes em seus poemas. Com relação ao espaço, as análises dos poemas baseiam-se no elo afetivo da poeta com os diferentes lugares neles mencionados, apontando algumas reflexões teóricas sobre espaço, lugar, tempo e imagem. No tocante à memória, há o resgate, em seus poemas, de elementos da infância e adolescência, bem como lembranças do passado, das cidades onde morou e dos lugares por onde passou; destacando, também, os elementos naturais da fauna e da flora locais tão presentes nessas rememorações. Portanto, trazemos, aqui, um breve mergulho nos espaços e nas memórias apresentados na poética leodegariana e os sentimentos expressos em relação aos lugares e aos momentos vividos e experienciados pela poeta Leodegária de Jesus. Para tanto, buscamos nos apoiar em teóricos e suas pesquisas, como Denófrío (2019), Rezende (2018, 2020, 2021), Siqueira (2020), Camargo (2009, 2020), Bachelard (1978), Eliade (1992), Tuan (1980, 1983) e Halbwachs (1990, 2004).

Palavras-chave: Leodegária de Jesus. Poesia. Espaço. Memória.

CAMPOS, Walter Gonçalves. **Leodegária de Jesus, a poeta de múltiplos voos: entre espaços e memórias**. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) - Campus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2023.

ABSTRACT

In this dissertation, we present Leodegária de Jesus, the first woman to publish poems in Goiás. A black poet, author of only two works, *Coroa de Lírios* (1906) and *Orchideas* (1928), she is present today among poets from Goiás and for some years has been a subject of study by researchers who have shown interest in her poetic creation. In this sense, we highlight the trajectory of Leodegária de Jesus and the paths and detours she took as a black woman and poet in times when female writing was not prioritized. We also point out the presence, in terms of content, of romantic aesthetic mottos and, in terms of form, the use of the sonnet and decasyllable verses, according to Parnassian aesthetics. Thus, our main objective is to dedicate to the poetics of Leodegária de Jesus in order to analyze the themes related to space and memory and to highlight the relevance of topophilia and the memories present in her poems. In relation to space, the analyzes of the poems are based on the affective link between the poet and the different places mentioned in them, pointing out some theoretical reflections on space, place, time and image. As for memory, his poems contain elements from childhood and adolescence, as well as memories of the past, of the cities where she lived and the places she visited; also highlighting the natural elements of the local fauna and flora so present in these memories. Therefore, we bring here a brief dive into the spaces and memories presented in her poetics and the feelings expressed in relation to the places and moments lived and experienced by the poet Leodegária de Jesus. To do so, we seek to rely on theorists and their research, such as Denófrío (2019), Rezende (2018, 2020, 2021), Siqueira (2020), Camargo (2009, 2020), Bachelard (1978), Eliade (1992), Tuan (1980, 1983) and Halbwachs (1990, 2004).

Keywords: Leodegária de Jesus. Poetry. Space. Memory.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Foto dos pais de Leodegária de Jesus.....	13
Imagem 2: “Onde quer que me conduza o fado”.....	14
Imagem 3: Capa original da obra <i>Coroa de Lírios</i>	16
Imagem 4: Cartografia de Leodegária de Jesus.....	17
Imagem 5: Capa original do livro <i>Orchideas</i>	20

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
1. LAIVOS DA ESTÉTICA ROMÂNTICA NA POESIA DE LEODEGÁRIA DE JESUS: DAS “ORCHIDEAS” E “LÍRIOS”, O PASSARINHO VOOU.....	12
1.1 Temáticas da estética romântica na poesia de Leodegária de Jesus.....	25
2. O ESPAÇO NA POESIA DE LEODEGÁRIA DE JESUS: voando nas vastidões.....	48
3. MEMÓRIA E LEMBRANÇAS NA POESIA DE LEODEGÁRIA DE JESUS: navegando “feliz num mar de dores”.....	73
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS.....	99

INTRODUÇÃO

Aos 8 de agosto de 1889, em Caldas Novas-Go, nasceu Leodegária de Jesus, cujo nome de batismo era Leodegária Brazília de Jesus. Sua morte dá-se em 12 de julho de 1978, em Belo Horizonte-MG. Poeta negra e, historicamente, a primeira mulher, por duas vezes consecutivas a publicar poesia em Goiás: *Coroa de Lírios* (1906), início da expressão feminina no estado de Goiás, e *Orchideas* (1928), obra em que a poeta mostra o crescimento de uma consciência crítica, ultrapassando diversas barreiras a ela imposta em um tempo cheio de limitações e restrições. Contudo, apesar de todas as intempéries, conseguiu deixar seu legado representativo e caminhos abertos a outras mulheres que viriam após ela.

Esta poeta de duas obras apenas, compostas, em geral, por sonetos e poemas que no plano do conteúdo remetem à estética romântica que, segundo o professor Gilberto Mendonça Teles, chega tardiamente em Goiás, caindo no agrado dos poetas da época, em sua grande maioria homens. É nesse cenário que Leodegária de Jesus se insere e sua produção poética será nosso objeto de análise neste estudo.

Não se restringindo a esse diálogo com o Romantismo, a presente dissertação tem como objetivo de se dedicar à poética de Leodegária de Jesus e, por meio de seus poemas, analisar os temas referentes ao espaço e à memória. O enfoque será dado aos livros *Coroa de Lírios* (1906) e *Orchideas* (1928), destacando em ambos, considerando conteúdo e forma, os aspectos de topofilia e memória.

Neste trabalho, trataremos em primeiro plano da biografia de Leodegária de Jesus, destacando suas idas e vindas em sua trajetória como mulher-poeta, focando no meio social, o espaço sócio geográfico, onde viveu e lugares por onde passou. Também mencionaremos os (dis)sabores vividos por ela durante sua vida.

Em plena adolescência, nossa poeta publica seu primeiro livro, em 1906, *Coroa de Lírios*, façanha que não foi bem-vista pelos críticos da época, em um cenário ocupado por homens. Logo, a crítica não deu muita importância ao seu aparecimento no espaço literário da época. O próprio prefaciador de seu livro, Dr. Felício Buarque, não se mostra muito convicto de que ali nasceria uma grande poeta. “Embora sem apuro da forma, a jovem autora da *Coroa de Lírios* tem concepções artísticas, faltando-lhe apenas a graciosa roupagem, cujo gosto bem caracteriza os espíritos iniciados nos segredos da arte” (BUARQUE, 1906 apud JESUS, 2020, p. 14).

Já no prefácio de sua segunda obra, *Orchidea*, de 1928, Lélis Vieira a coloca no meio dos que sabem fazer criação poética. Segundo o comentário, “não é uma fazedora de frases,

nem de ritmos bárbaros. É uma deliciosa cantora que embala pelo perfume da estrofe [...]” (VIEIRA, 1928 apud JESUS, 2021, p. 24).

Aos poucos, percebemos que Leodegária de Jesus e sua criação poética começam a ser estudadas por diferentes críticos, como Gilberto Mendonça Teles, Basileu Toledo França, Antônio Jubé entre outros. Entretanto, foi com a professora Darcy França Denófrio que muito conhecemos sobre a vida e a produção da escritora. Destacamos também as estudiosas Ebe Maria de Lima Siqueira, Goiandira de Fátima Ortiz de Camargo e Tânia Ferreira Rezende que constituem parte da fortuna crítica e que muito contribuirão neste trabalho.

Ainda nesta dissertação, no primeiro capítulo, enfatizaremos os laivos da estética romântica presentes na poesia de Leodegária de Jesus que a aproxima de grandes cânones, no plano do conteúdo e da temática, como Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu e Fagundes Varela. Será apresentado um breve apanhado do Romantismo para apontar a presença de motes românticos na criação poética da poeta por nós investigada.

No segundo capítulo, teremos como foco o espaço na poética de Leodegária de Jesus e seu envolvimento afetivo com esse espaço e lugares, bem como as imagens criadas pela poeta para retratar essa afetividade com o tempo-espaço. Para tanto, valer-nos-emos de um estudo topofílico, recorrendo a teóricos, como Bachelard (1978), Eliade (1992), Tuan (1980, 1983) e outros.

É válido ressaltar, no que diz respeito à sua trajetória, que esses espaços deixaram profundas marcas na vida da poeta, em especial, por conta dos vários deslocamentos dentro e fora de seu estado de origem, Goiás, migrando de cidade em cidade, tendo por causa o engajamento de seu pai no meio político da época.

Por fim, no último capítulo, ater-nos-emos à observação das memórias e lembranças dos momentos vividos e experienciados pelo sujeito poético que os exterioriza de forma rememorativa. Neste momento, recorreremos a teóricos como Bergson (1999), Staiger (1997), Halbwachs (1990, 2004) entre outros. Para tanto, buscaremos na lírica de Leodegária poemas que retratam as experiências de uma voz e o meio social com os quais conviveu e viveu. Assim, ao examinar como a memória é resgatada em alguns de seus poemas, destacaremos a infância, lembranças da vida, em especial, por diferentes moradas e passagens.

1. LAIVOS DA ESTÉTICA ROMÂNTICA NA POESIA DE LEODEGÁRIA DE JESUS: DAS “*ORCHIDEAS*” E “*LÍRIOS*”, O PASSARINHO VOOU

PÁSSARO

Aquilo que ontem cantava

já não canta.

Morreu de uma flor na boca:

não do espinho na garganta.

(MEIRELES, 2001, p. 111)¹

Nas últimas décadas do século XIX, marcadas por movimentos políticos e sociais, ocorrem no Brasil a Abolição da Escravatura (1888) e, seguidamente, a Proclamação da República (1889). Nesse contexto, em 08 de agosto de 1889, nasce Leodegária Brazília de Jesus, poeta negra que mais tarde deixará para as letras goianas seu legado entre os cânones do estado de Goiás². (FRANÇA, 1998)

Leodegária de Jesus, cujo nome vem de São Leodegário³ e o sobrenome “de Jesus”, do pai, José Antônio de Jesus, homem pobre, negro, órfão e religioso, criado desde criança em um seminário. Sua mãe, Ana Isolina Furtado Lima de Jesus, filha de médico e de descendência portuguesa. Segundo Darcy França Denófrío (2019), a poeta nascera filha de pais músicos e intelectuais, que fundaram em Caldas Novas uma escola de primeiras letras. Depois, eles se mudam para Jataí a fim de cuidarem de uma escola na cidade. Nessa época, Leodegária de Jesus contava com 2 meses de idade.

1 MEIRELES, Cecília. *Antologia Poética*. 3 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

2 Segundo Rezende (2020, p. 101), “Leodegária de Jesus desencarnou a 12 de julho de 1978, iria completar 89 anos de idade em agosto, em Belo Horizonte”.

3 São Leodegário, Confessor. França, 680. “Filho de uma família da aristocracia franca, foi educado na corte de Clotário II. Tornando-se monge e depois Bispo de Autun, sofreu inicialmente o exílio e depois a decapitação por haver reprovado os grandes deste mundo por seus hábitos dissolutos e suas injustiças” (do Martirológio Romano-Monástico). Disponível em <http://catolicismo.com.br/materia/materia.cfm/idmat/CC8E4C13-9254-AC2BAE454B9B8E00858/mes/Outubro1999>. Acesso em 01 out. 2021.

Imagem 1: Foto dos pais de Leodegária de Jesus



Fonte: DENÓFRIO, 2019.

Sua trajetória foi marcada, assim, desde muito nova, por várias mudanças entre idas e vindas, de cidade em cidade. Consoante Basileu Toledo França (1998), a primeira mudança da poeta é para a cidade de Jataí por conta da transferência de seus pais, a pedido de políticos locais, a fim de tomarem conta de uma instituição de ensino. Ainda de acordo com o estudioso, foi lá que Leodegária de Jesus cresceu e se fez escritora. Sua apurada instrução ocorreu no núcleo familiar: da mãe, as primeiras letras; do pai, o latim; e o bom comportamento, das freiras dominicanas.

A autora de *Coroa de Lírios* cresceu e se formou poeta, tornando-se, de acordo com França (1998), a aluna mais brilhante que aquela escolinha primária teve, pois foi ali que ela descobriu suas primeiras leituras e o encantamento que as palavras provocavam nela. “[...] Sem sombra de dúvidas, a ex-aluna mais brilhante e famosa dessa escolinha primária, pois foi ali que aprendeu a ler em tenra idade, descortinando então os seus olhos o mundo encantado das palavras” (FRANÇA, 1998, p. 63).

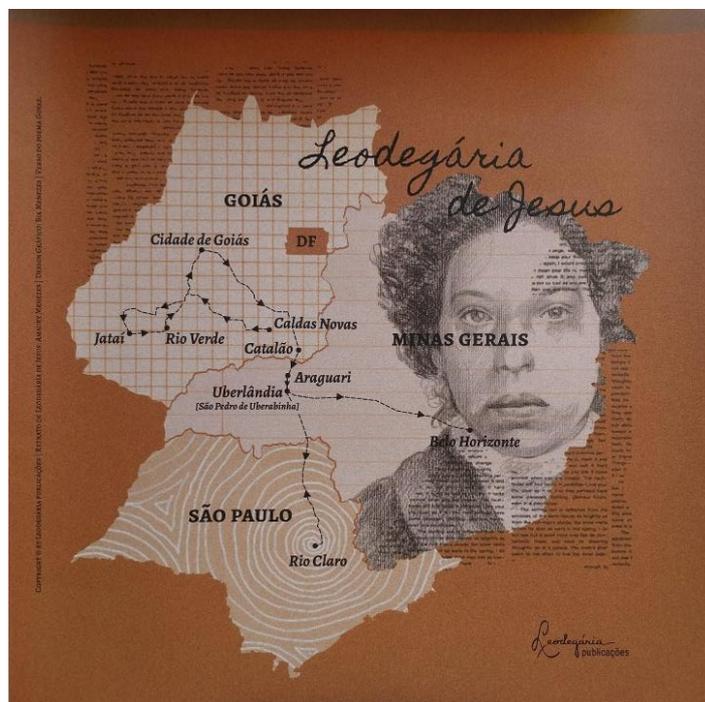
Para França (1998) e Denófrío (2019), Leodegária de Jesus sempre foi uma menina delicada e sensível, que cresceu obediente e comportada. Contudo, como toda criança, não

deixou de brincar e fazer suas traquinagens, “[...] vivia montada nos últimos galhos das árvores de fruto, o que lhe valeu nessa época o apelido de ‘Passarinho’” (FRANÇA, 1998, p. 66), tornando essa designação seu pseudônimo, quando começou a escrever poesias aos 14 anos.

Antes desse percurso poético, como a vida é uma caixa de surpresas, aos 7 anos de idade, nossa poeta, autora de *Orchideas*, sofreu sua primeira perda – muda-se de sua cidade Jataí para Rio Verde, para onde seu pai foi transferido para dirigir o jornal *Oeste de Goiás*. Esse acontecimento causou-lhe dor e sofrimento, pois deixara para trás amigos e o local, aos quais era muito apegada (REZENDE, 2018). Leodegária de Jesus expressa, então, sua dor por meio da poesia.

Esse sentimento de dor, mais tarde, foi transcrito em “Jataí”, da obra *Coroa de Lírios* (1906), que analisaremos posteriormente. Esse poema é carregado de profundo saudosismo, como expresso nos versos: “Foi nessa terra querida,/ Nessa campina formosa,/ Que s’escoou descuidosa,/ A infância minha florida” (JESUS, 2020, p. 31). Segundo França (1998) e Denófrío (2019), Leodegária de Jesus demonstrava uma sensibilidade ímpar, vivendo com intensidade as alegrias e as tristezas.

Imagem 2: “Onde quer que me conduza o fado”



Fonte: Leodegária Publicações

Em 1898, Leodegária mudou-se novamente de cidade, agora, para Vila Boa, atual Cidade de Goiás, em virtude da posse de seu pai como deputado estadual. Mais uma vez,

Leodegária teve que deixar aqueles de que mais gostava, porém, adaptou-se à nova realidade. Nota-se que sua adequação se deu de forma rápida na capital e, sendo uma moça de personalidade intensa, soube aproveitar a efervescência cultural por que passava Vila Boa. Foi matriculada no Colégio Sant’Ana, dirigido por freiras francesas, onde obteve erudição e rigor na educação oferecida pelas dominicanas. Ali, fez amizade com aquela que foi sua grande confidente, Ana Lins dos Guimarães Peixoto (Cora Coralina).

Outra dor vivida pela poeta veio quando quis entrar para o Lyceu para cursar os “preparatórios”, mas foi barrada por conta das perseguições políticas as quais seu pai sofria. Com a denúncia pela discriminação, Leodegária foi examinada por uma banca especial nomeada pelo Governo Federal e o seu desempenho foi excelente, conforme narram França (1998) e Denófrio (2019).

Mesmo assim, por algumas adversidades não pode frequentar a referida instituição, por ser “um espaço geo-histórico marcado e, por isso, reservado para poucos e alguns” (REZENDE, 2018, p. 142). Mas, muito mais que isso, ela era preta e não pertencia à linhagem daquele lugar. Segundo Tânia Ferreira Rezende (2018), como consolação, a poeta Leodegária de Jesus foi convidada a fazer parte do Grêmio Literário Goiano, passando a frequentar os “espaços geo-históricos” menos reservados naquela sociedade.

As dores e as decepções experienciadas por Leodegária de Jesus não pararam por aí. A mais marcante delas, a amorosa, para aquela menina aconteceu aos 14 anos, quando conheceu aquele que seria o grande e único amor de sua vida, Djalma Guimarães. “Ele tinha, ao conhecê-la, 17 anos e ela 14. O rompimento forçado veio aos 15 anos dela” (DENÓFRIO, 2019, p. 35). Diante disso, Leodegária de Jesus “viveu intensamente a vida cultural da cidade, as decepções e as dores pelas quais passou, e viveu e sofreu intensamente o único amor que teve na vida” (REZENDE, 2018, p. 142).

Esse amor foi malogrado, porque Djalma engravidara uma moça mais velha e ele teve que se casar com esta por pressão da família, porém com quem não conviveu. Por fim, a dor amorosa resulta em Leodegária nunca ter se casado e Djalma não a ter esquecido.

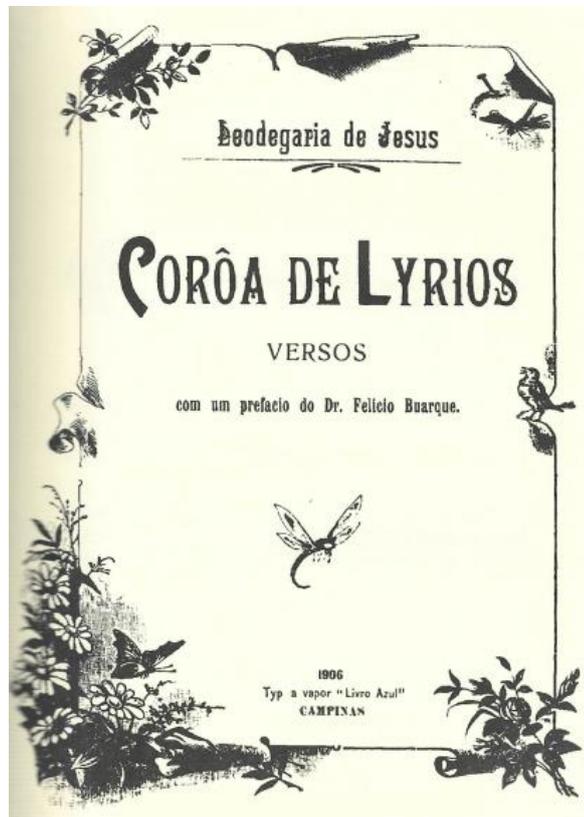
[...] O saldo de tudo foi, de um lado, um alcoólatra, alienando-se do mundo, declinando até o nível da sarjeta; de outro, uma mulher, uma poetisa⁴, cristalizando suas lágrimas em versos de pura dor e impotência diante das grades de ferro da pesada moral e do código de honra do início deste século. Uma poetisa passarinho sangrando

⁴ Em nosso trabalho, utilizaremos a referência poeta para Leodegária de Jesus ao invés de poetisa. Assim, esclarecemos que a ocorrência do referido termo (poetisa) estará associada às citações e referências que foram utilizadas no decorrer do texto pelos diferentes teóricos que aqui serão mencionados.

asas, debatendo-se em ferro bruto e, mesmo assim, desferindo o seu canto. (DENÓFRIO, 2019, p. 39)

Sua experiência de vida possibilitou a ela uma “lírica romântico-parnasiana” em *Coroa de Lírios*, obra escrita entre os 15 e 16 anos e publicada, em 1906, quando tinha 17 anos (DENÓFRIO, 2019). Leodegária de Jesus, segundo Rezende (2018, p. 142-143), “era a primeira mulher em Goiás a publicar um livro literário. A dor do amor, entrecruzada com a decepção sócio-política, deu a ela, de cabeça erguida, um lugar de destaque na sociedade goiana [...], ocupado somente por homens”.

Imagem 3: Capa original da obra *Coroa de Lírios*



Fonte: DENÓFRIO, 2019.

Com a cegueira do pai e as dificuldades familiares, os deslocamentos foram constantes: de Goiás para Catalão, de Catalão para Uberaba, não chegando ao destino, ficaram em Araguari. De lá, partiram para Uberabinha (Uberlândia-MG nos dias atuais) e daí para Rio Claro-SP e Belo Horizonte-MG (REZENDE, 2018).

Imagem 4: Cartografia de Leodegária de Jesus



Fonte: Publicações Leodegária

Todas essas idas e vindas renderam à poeta de *Coroa de Lírios*, conforme afirma a professora Tânia Rezende (2018, p. 143), “um período de vivência e de dor e de silêncio poético”. Por causa de tantas intempéries, foi somente em 1928, aos 39 anos, que Leodegária de Jesus viria a publicar seu segundo livro, *Orchideas*. Percebe-se que esses episódios na vida da poeta Leodegária de Jesus refletem na temática de seus poemas nas obras mencionadas.

Assim, sua poesia é marcada por poemas com influências das estéticas romântica, no plano da temática e conteúdo, e, parnasiana, na forma, uma vez que foi exímia construtora de sonetos aos sabores dos mestres parnasianos.

Na primeira obra, segundo Siqueira (2020a, p. 64), percebe-se que ela “foi e continua sendo um acontecimento que ultrapassa o fenômeno literário”, enquanto que, na segunda, consoante Jubé (1978 apud JESUS, 2020, p. 61), “onde, se a arte parece mais apurada, percebe-se uma perda do embalo juvenil dos primeiros versos”.

Naquele tempo em que publicou seu primeiro livro de poemas, pairava sobre Goiás, Vila Boa, como dito anteriormente, uma movimentação cultural que mobilizava a cidade. Nos dois primeiros decênios do século XX, sacudia na poética goiana um movimento sincrético estilístico (JUBÉ, 1978), que aglutinava entre tantas estéticas literárias, sobretudo, a romântica, que caía ao gosto dos poetas locais, como também uma propensão ao cultivo formal de sabor parnasiano, movimento literário muito praticado no país. Nesse cenário, encontrava-se Leodegária de Jesus.

Aqui vale perguntar o que não quer calar: onde foi e como que Leodegária de Jesus “partejou” suas “escrevivências”⁵? Já que de acordo com a fortuna crítica a respeito de sua

5 Termo utilizado por Conceição Evaristo (2006), em sua obra *Becos da Memória*. O vocábulo tem como significado “a escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da própria autora e do seu povo”. (Disponível em <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/>. Acesso em 30 de novembro de 2021).

poética, “seus tristes versos” são de expressividade romântica e estrutura parnasiana e, acrescentamos, ainda, forte musicalidade ao sabor simbolista. (REZENDE, 2018)

Assim, podemos considerar Leodegária de Jesus, foco deste trabalho, uma escritora singular nas letras goianas, com uma poética própria, que mantém uma base romântica com traços parnasianos e simbolistas. Segundo Catelan e Goyano (1970, p. 61), o ecletismo na literatura goiana “evoluiu para a dualidade parnasiano-simbolista mantendo sua base romântica”.

A sua primeira obra *Coroa de Lírios* (1906), publicada em meio a tantas rupturas, advindas de movimentos artísticos internos e externos, como as vanguardas nascidas no país⁶, inspiradas nas europeias, continua como uma representação romântica no universo literário goiano. Consoante Proença Filho (1984, p. 175), “assim, mesmo um texto da antiguidade clássica ou da Idade Média, ou dos nossos dias, pode apresentar elementos que revelem um temperamento romântico”.

A estética romântica no âmbito geral e, em particular, no Brasil e em Goiás, nesse último de forma tardia como bem nos lembra o crítico Gilberto Mendonça Teles (1983), em sua obra *A poesia em Goiás*, reforça como Leodegária de Jesus apresenta esse espírito, dialogando sobremaneira com os poetas românticos do século XIX.

Leodegária de Jesus, como mencionado anteriormente, escreve poesias no âmbito do conteúdo com temáticas românticas que nos mostram influência da literatura local, como Manoel de Carvalho Ramos, Gastão de Deus, Luís Ramos de Oliveira Couto⁷. Desse último, que publicou o poema “Penso em ti”, no livro *Violetas* (1904), tem-se o intertexto de Leodegária de Jesus na criação de seu poema “Cismando”, de *Coroa de Lírios*. Além disso, estabeleceu diálogo com cânones da literatura nacional, como Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Fagundes Varela e outros.

De acordo com Denófrío (2019), a obra *Coroa de Lírios* (1906) constitui-se de 30 poemas de influência e temáticas românticas, sendo que 18 são sonetos de versos, em sua maioria, decassílabos, como se observa, por exemplo, neste trecho do poema “Suspiros”: “Mas, não, é tarde, eu tenho o peito enfermo;/ E só a morte poderá por termo/ Ao desgraçado amor que me inspiraste!...” (JESUS, 2019, p. 46).

6 Como vanguardas “brasileiras” entendem-se os movimentos surgidos nas primeiras décadas do século XX, próximos à Semana de Arte Moderna, como Antropofagia, Pau-Brasil, Verde-amarelismo etc.

7 Luís Ramos de Oliveira Couto, poeta goiano, que com sua obra *Violetas* (1904) ecoa em Leodegária de Jesus. (DENÓFRIO, 2019)

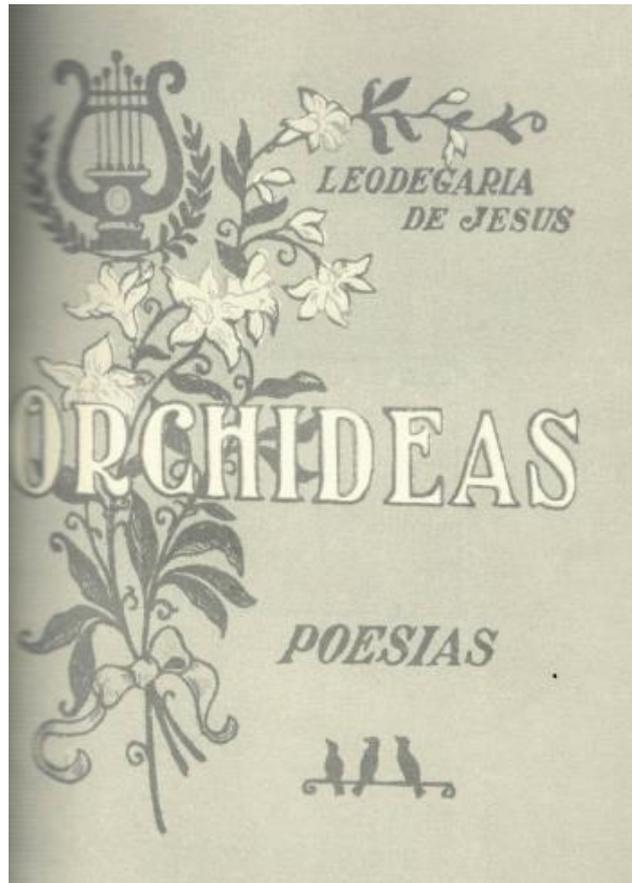
Segundo o prefaciador da citada obra, Felício Buarque (1906 apud JESUS, 2020, p. 13), “a *Coroa de Lírios* é trabalho de uma principiante que lança seus primeiros passos no caminho da arte, arrastada por uma vocação que a impele e domina”. Há no conjunto da obra versos redondilhos, quadras, sextilhas e oitavas; já nos sonetos, predominam-se versos sáficos e heroicos. Quanto à temática, encontram-se poemas que tratam de temas, como: pátria, família, infância, natureza, religião; “além daquele de amor impossível, de raiz autobiográfica” (DENÓFRIO, 2019, p. 29).

De sua segunda obra, *Orchideas* (1928), escrita seis anos após a Semana de Arte Moderna (1922), Leodegária de Jesus, agora mais madura e experiente, consegue projetar em seus poemas suas experiências e dores, tecendo palavras, marcadas por sua voz e trajetória de vida, persistindo na estrutura poética a forma parnasiana e as temáticas românticas.

Nesse livro, ela traduz a dor de amor em lirismo, em versos cantados e embalados com acordes de vida. A dor da decepção, das penas e do sofrimento, ela canta em versos embalados por acordes duros, *quase* sem vida. *Quase...* são dores vividas e sofridas de maneiras diferentes. (REZENDE, 2018, p. 143-144)

Orchideas contém 70 poemas, sendo 52 sonetos com predominância de versos decassílabos, cujos temas circundam o universo romântico (DENÓFRIO, 2019). De acordo com o prefaciador da referida publicação, Lélis Vieira (1928 apud JESUS, 2021, p. 14), “Leodegária de Jesus está no meio dos que não se afundaram na borrasca do modernismo tonto e anárquico, pretendendo reformar o que é intangível nos seus fundamentos clássicos e imutáveis”.

Imagem 5: Capa original do livro *Orchideas*



Fonte: DENÓFRIO, 2019.

Vale ressaltar que Lélis Vieira escreveu o prefácio da mencionada obra, seis anos após a Semana de Arte Moderna. Não se sabe afirmar se foi pior para as letras goianas e para Leodegária de Jesus, o certo é que esse comentário muito encorajou a “província” “a permanecer no seu sono anacrônico de quase meio século se considerarmos que só em 1900 o Romantismo atingiu o seu apogeu entre nós e que mesmo em 1928 os nossos poetas cifravam a sua mensagem em um código eminentemente romântico” (DENÓFRIO, 2019, p. 28).

Octavio Paz (1984, p. 63) reconhece o movimento romântico como uma ramificação de diferentes discursos culturais ocidentais, cujos sentidos se coadunam a “um modo de viver e um modo de morrer”, uma revolução poética por explorar não só uma alteração de estilo e linguagem, bem como de crenças. Essa questão da expressão romântica e forma parnasiana presente nos poemas *leodegarianos*, segundo Rezende (2018, p. 147-148), não poderia ser de

outra maneira, “não haveria como a poetisa se exprimir de forma diferente, estando onde estava⁸, considerando-se que a sociedade goiana da época era muito conservadora”.

Para Gilberto Mendonça Teles (1983), no tocante à segunda obra *Orchideas*, a poeta Leodegária de Jesus apresenta uma desobediência formal ao compor sonetos naquele momento, revelando ser uma parnasiana mais próxima de Alberto de Oliveira por conta do teor descritivo, paisagístico. Sobre o poeta parnasiano, escreve Alfredo Bosi (1985, p. 249), em seu livro *História Concisa da Literatura Brasileira*:

Quando voltado para a natureza, Alberto de Oliveira é, em geral, mais vibrante. Falando da palmeira livre na montanha, um dos seus tópicos, ou da fonte na mata, o parnasianismo não se subtraía ao fascínio da tradição romântica que, sem dúvida, fora a grande descobridora do mundo selvagem e da possibilidade de os homens nele se evadirem guiados pela poesia.

Nada melhor para ilustrar essa fala com o poema “Aspiração” de Alberto de Oliveira, do qual destacamos o seguinte trecho: “Ser palmeira! Existir num píncaro azulado,/ Vendo as nuvens mais perto e as estrelas em bando;/ Dar ao sopro do mar o seio perfumado,/ Ora os leques abrindo, ora os leques fechando”.

Leodegária de Jesus, no poema “Meu desejo”, de *Orchideas*, ao descrever o cenário paisagístico, muito se aproxima do poeta das palmeiras, Alberto de Oliveira. Vejamos:

Meu desejo

Conversando com Maria Aurora

Não quero o brilho, as sedas, a harmonia
Da sociedade, dos salões pomposos,
Nem a falaz ventura fugidia
Desses festins do mundo, tão ruidosos!

Prefiro a calma solidão sombria,
Em que passo meus dias nebulosos;
Sinto-me bem, aqui, à sombra fria
Da saudade de tempos mais ditosos.

Eu quero mesmo, assim, viver de lado,
Das multidões passar desconhecida,
Me alimentando de algum sonho amado.

Nada mais quero, a nada mais aspiro:
Teu casto afeto que me doira a vida,
Meus livros, minha mãe e meu retiro.
(JESUS, 2021, p. 37)

⁸ A professora Tânia Rezende explica em nota que, no “período em que Leodegária escreveu a maior parte do segundo livro, *Orchidea*, e na data em que o publicou, ela e sua família se encontravam morando fora de Goiás, em Minas Gerais”. (REZENDE, 2018, p. 148)

Ao compararmos o excerto do poema do poeta parnasiano com o de Leodegária de Jesus, nota-se que, em ambas as descrições contidas nos versos, há o desejo de regressão no plano de relação com o mundo. Os dois textos traduzem a “aspiração” de ambos de ausentarem-se do mundo que os cerca e refugiarem-se na natureza.

Essa atitude própria dos escritores românticos e que veremos mais adiante nesta dissertação chama-se evasão, tema marcante na obra poética de Leodegária de Jesus. Observa-se que, na descrição que é realizada pelos poetas, há um desejo de regressão no plano da relação com o mundo. Ao “ser palmeira! Existir num píncaro azulado”, o sujeito lírico de Alberto de Oliveira evade-se do mundo social, onde vive e busca refúgio no cenário natural, ao ponto de se metamorfosear em “palmeira” e se fundir à natureza.

Ou seja, o microcosmo se acopla ao macrocosmo – homem e natureza – busca de equilíbrio entre o humano e o divino, atingindo, assim, um ponto mais elevado nesta transcendência “píncaro azulado”, a metáfora do céu – nuvens e estrelas – dois elementos que compõem o cenário, dando infinitude à paisagem.

Em “Meu desejo”, Leodegária de Jesus também manifesta esse desejo quando, nos primeiros versos do poema, afirma que “Não quero o brilho, as sedas, a harmonia/ Da sociedade, dos salões pomposos”. Há uma manifestação, por parte do eu poético, do desejo de evasão em busca de um refúgio – “Prefiro a calma solidão sombria” – que só é possível na volta ao passado, da saudade de tempos mais ditosos, mesmo que “vivendo à margem do convívio social”, à margem das multidões, alimentando-se de algum sonho amado que são “meus livros, minha mãe e meu retiro”. Então, em ambos textos, os poetas traduzem a “aspiração” de se afastarem do mundo que os cerca e se refugiarem na natureza.

Voltemos, portanto, novamente à crítica realizada à poética leodegariana. Na verdade, os diferentes críticos que escreveram e opinaram a respeito da obra de Leodegária de Jesus, num primeiro momento, foram exclusivamente homens, como já era esperado naquele tempo. “A recepção tratou a poetisa iniciante senão com desprezo, pelo menos com um grande descaso” (SIQUEIRA, 2020a, p. 64).

Percebe-se que o mesmo teórico destaca que há na literatura, tanto nacional quanto goiana, nesses momentos antecedente e posterior à Semana de Arte Moderna, um ecletismo, oriundo do romantismo, parnasianismo e simbolismo, como dito anteriormente.

Por que a literatura de Leodegária de Jesus teria de ser diferente? Por que, em meio a tantos, teria ela de salvar Goiás da “defasagem cultural”? Porque o ecletismo de Leodegária não é o convencional. É ousado e enfrentador da matriz estética imposta.

É um ecletismo romântico-parnasiano, verificado por seu corpo. (REZENDE, 2018, p. 147)

Sendo assim, é possível observar na poesia de Leodegária de Jesus esse ecletismo, já apontado por outros estudiosos e reforçado aqui na citação anterior, uma vez que, segundo Rezende (2018), ela não representa o convencional, por trazer uma lírica que enfrenta a imposição literária vigente em sua época, que anunciava o Modernismo. O que se aponta como o diferente e como “defasagem cultural”, consoante Ebe Maria de Lima Siqueira (2020a, p. 64), era compreendido como erros, “entendemos que os erros aqui, não se tratavam de escrever bem ou mal, mas sim, dentre eles, o erro imperdoável de querer escrever sendo uma mulher e negra”.

Vê-se aqui que as professoras Tânia Rezende (2018) e Ebe Siqueira (2020a) respondem o porquê de Leodegária de Jesus estar incluída no ecletismo goiano. Nossa poeta passarinho de asas partidas e coração chagado de dor por toda sua trajetória de vida é e deve ser considerada uma escritora de grande importância para os estudos realizados na Literatura Goiana devido ter construído “um monumento lírico” (DENÓFRIO, 2019), deixando-nos o seu legado nas letras goianas.

Nota-se que, depois da publicação de *Coroa de Lírios* (1906) e *Orchideas* (1928), Leodegária de Jesus, a primeira mulher preta a publicar poemas no Estado de Goiás, fica no obscurantismo das letras goianas e brasileira por várias décadas, uma vez que tal façanha era para poucos e alguns, particularmente, poetas homens. A verdade é que Leodegária, segundo Denófrío (2019), deixou uma herança à poética goiana, em particular, às escritoras que vieram após ela.

Por toda essa particularidade, foi chamando a atenção, aos poucos, de pesquisadores interessados na sua trajetória como mulher negra e poeta, dona de um vasto conhecimento da arte de fazer versos, mesmo que somente expressos em duas obras, mas de uma riqueza poética impressionante. Assim, atualmente temos estudiosos que, através de ensaios, artigos, livros e revistas, têm-nos possibilitado mais informações sobre nossa poeta Passarinho. Aqui procuraremos elencar algumas pesquisas referentes a essa poética tão singular.

As primeiras menções foram feitas por Gastão de Deus Victor Rodrigues em *Páginas Goianas* (1917) e Rosarita Fleury em *Anuário* (1973/1974). Posteriormente, tem-se Antônio Geraldo Ramos Jubé com a obra *Síntese da História Literária de Goiás* de 1978 que faz referências significativas à Leodegária de Jesus. Na sequência, Gilberto Mendonça Teles com obras *Estudos Goianos* e *A poesia em Goiás* de 1983 e *A retórica do Silêncio* de 1989. Nesses estudos, não há um aprofundamento sobre a poética leodegariana, contudo já se verificam apontamentos a respeito.

Em 1989, Antônio Geraldo Ramos Jubé publica *Leodegária, precursora* aguçando o interesse para mais pesquisas sobre a poesia de Leodegária de Jesus. No início dos anos de 1990, o professor Genesco Ferreira Bretas publica *História da instrução pública em Goiás*. Mais ao final dessa década, são escritas por Basileu Toledo França mais duas obras relevantes à fortuna crítica da poeta Passarinho, *Poetisa Leodegária de Jesus* (1996) e *Velhas escolas* (1998).

Contudo, são os anos 2000 que marcam o aprofundamento dos estudos quanto à vida e à obra de Leodegária de Jesus. Tem-se, então, uma das grandes estudiosas dessa poeta, Darcy França Denófrío, com a obra *Lavras dos Goiases III: Leodegária de Jesus*, de 1991. A partir dela, várias outras pesquisadoras mulheres vieram para agregar os estudos, a saber: Tânia Ferreira Rezende, Goiandira de Fátima Ortiz de Camargo, Ebe Maria de Lima Siqueira, Diane Valdez, entre outras.

Em suas pesquisas e estudos sobre a vida e obra da poeta Leodegária de Jesus, principalmente, em *Lavras dos Goiases III: Leodegária de Jesus*, a professora e pesquisadora Darcy França Denófrío nos apresenta informações sobre sua trajetória como mulher negra, poeta e educadora, destacando-a como a primeira mulher a publicar poesia em Goiás. Por duas vezes consecutivas, *Coroa de Lírios* (1906) e *Orchideas* (1928), façanha que a elege a um grande marco na história das letras no Estado e como consequência possibilitando a ela torna-se importante legado a outras mulheres escritoras que vieram após ela.

A respeito da produção poética de Leodegária de Jesus, além de apresentar vida, obras e destacar os poemas, a professora Darcy Denófrío deixa evidenciado que há laivos que coincidem, na poesia desta notável poeta, com diferentes estéticas da nossa literatura nacional, como Barroco, Arcadismo, Romantismo, Parnasianismo e Simbolismo.

É válido destacar, ainda, que as professoras Tânia Ferreira, Goiandira Camargo e Ebe Siqueira, em suas pesquisas e artigos, tratam também da vida e da trajetória literária e social desta poeta negra, Leodegária de Jesus, tendo como base de suas falas e estudos a pesquisadora, escritora e crítica Darcy França Denófrío.

A pesquisadora Tânia Rezende, em um dos seus trabalhos intitulado, *A semiótica dos corpos na literatura goiana: o corpo negro de Leodegária de Jesus* (2018), problematiza “a reconfiguração corporal-identitária de Leodegária de Jesus nos estudos sobre sua obra na literatura goiana, por meio da decolonização da estética ét(n)ica, de Henrique Freitas (2015)” (REZENDE, 2018, p. 131). Mais diante nesse trabalho, ela prossegue: “para tanto, problematizamos o papel da reconfiguração corporal de Leodegária de Jesus, considerando os

fatores intersemióticos que levaram à sua preterição como protagonista da literatura goiana” (REZENDE, 2018, p. 131).

No ano de 2020, a revista *Leitura em Revista* da PUC-RJ traz um número especial em comemoração aos 130 anos de nascimento de Leodegária de Jesus e Cora Coralina, em que se verificam vários artigos a respeito da poeta que é foco nesta dissertação. Dessa forma, atualmente, conseguimos acessar artigos e pesquisas de diferentes pesquisadores cada vez mais interessados na poética de Leodegária de Jesus.

É claro que essa trajetória da poeta Leodegária de Jesus e sua poética não foram fáceis, não fossem os estudos e pesquisas realizados por pesquisadores e estudiosos interessados em sua obra, como mencionado anteriormente, a citar: Darcy França Denófrio, Basileu Toledo França, Antônio Geraldo Jubé e outros mais recentes, como Tânia Ferreira Rezende, Ebe Maria de Lima Siqueira e Goiandira de Fátima Ortiz de Camargo.

Tomamos do teórico Michel Collot (2015) a noção de canto do mundo para concluir que a poesia de Leodegária de Jesus ultrapassa a dor pessoal de uma adolescente apaixonada, para cantar a dor do mundo, motivo pelo qual temos a obrigação de colocá-la ao lado das grandes mulheres que contribuíram com a emancipação feminina no estado de Goiás pelo domínio da palavra poética. (SIQUEIRA, 2020b, p. 65)

Logo, em Leodegária de Jesus, os encontros e os desencontros, que partem de sua vida e refletem em sua obra, estão presentes principalmente no ecletismo de sua poética. “Foi nesse cenário de apogeu das letras que o nome de Leodegária de Jesus apareceu como o único nome feminino entre os escritores do início do século XX, quase todos com bem mais que o dobro de sua idade” (SIQUEIRA, 2020b, p. 73). A sua poesia, depois de muitas décadas, tem seu nome, portanto, na calçada dos caminhos trilhados por expressivos nomes da literatura goiana, como Cora Coralina e Hugo de Carvalho Ramos.

1.1 Temáticas da estética romântica na poesia de Leodegária de Jesus

Como já mencionado, a poesia de Leodegária de Jesus tem bases românticas e parnasianas: a primeira expressa na temática e no conteúdo e, a segunda, quanto à forma e à estrutura. Sobre a estética parnasiana escreveu Alfredo Bosi, em seu livro *História Concisa da Literatura Brasileira*, que “é na convergência de ideias anti-românticas, como a objetividade no trato dos temas e o culto da forma, que situa a poética do Parnasianismo” (BOSI, 1985, p. 246). Mais adiante o teórico continua conceituando: “seu trato de relevo: o gosto da descrição

nítida (a mimese pela mimese), concepções tradicionalistas sobre o metro, ritmo e rima e, no fundo, o ideal de impassibilidade que partilhavam com os realistas do tempo” (BOSI, 1985, p. 246).

Ainda sobre o Parnasianismo, Massaud Moisés (1971, p. 201) destaca que: “Ao longo da época realista floresceu [...], caracterizada por seu antissentimentalismo e a consequente reposição de ideias clássicas da arte, como ainda impassibilidade, o racionalismo, o culto da forma, o sensualismo, o esteticismo, o universalismo”. Grandes nomes destacaram-se no Parnasianismo brasileiro, como Olavo Bilac, Raimundo Correia e Alberto de Oliveira, a chamada trindade parnasiana. Destaca-se também Francisca Júlia que tenha atingido “a impassibilidade que a escola preconizava” (BOSI, 1985, p. 247). Sobre essa impassibilidade,

Na verdade, a teoria do ‘poeta impassível’ era uma chochice que só a mediocridade da reflexão estética de todo esse período seria capaz de engendrar. Na origem, a poesia que se seguiu à dos românticos tendeu a diferenciar o momento emotivo pelo registro mais atento das sensações e das impressões, deslocando assim a tônica dos *sentimentos vagos* para a visão do real. (BOSI, 1985, p. 247 – grifos do autor)

Nesse sentido, não aprofundaremos aqui no que diz respeito à estética parnasiana. Nosso interesse é trazer neste trabalho alguns dos motes românticos que permeiam a poética leodegariana antes da apresentação e análise de seus poemas, considerando o espaço e a memória, objetivo desta dissertação.

É interessante, a princípio, estabelecermos a concepção de Romantismo enquanto estado de alma e o movimento literário, compreendido entre a segunda metade do século XVIII e a primeira metade do XIX. Remete a um entendimento universal que tem como características o envolvimento do indivíduo com a natureza, a religiosidade, a idealização da realidade e a liberdade criadora, envoltos pela emoção.

Consoante Proença Filho (1984, p. 175), “assim, mesmo um texto da antiguidade clássica ou da Idade Média, ou dos nossos dias, pode apresentar elementos que revelem um temperamento romântico”. Daí nos atentarmos para a poesia de Leodegária de Jesus e a sua representação romântica no universo literário goiano que será elemento de discussão mais aprofundada.

Como estética, o Romantismo representa uma manifestação artístico-literária que traduz um modo de vida que predominou no Ocidente, aproximadamente, a partir de 1750, estendendo-se até, por volta, de 1880. Esse momento é definido “pela mesma concepção da literatura e da imaginação poética, a mesma concepção da natureza e suas relações com o

homem, o mesmo estilo poético, formado de imagística, símbolos de mitos peculiares”. (WELLEK, 1963 apud PROENÇA FILHO, 1984, p. 175).

Observa-se que como toda manifestação artística, com o Romantismo não foi diferente, o movimento não surge do acaso, vinculou-se a outras escolas anteriores, sofrendo influências para, por fim, estabelecer suas próprias características e determinantes estéticas.

Hoje propendem os críticos a entender o estilo de época chamado Romantismo como uma constelação de traços marcantes do espírito romântico a que acabávamos de nos referir, espírito este inerente ao homem de todos os tempos, como maior ou menor predominância neste ou naquele indivíduo, e que, como assinalamos, domina a civilização ocidental, mais notadamente na primeira metade do século XIX. (PROENÇA FILHO, 1984, p. 179)

Verifica-se, dessa forma, que como estética o Romantismo prende-se a um período histórico delimitado no tempo e espaço. Já, como estado de alma e manifestação individual, é uma forma de estar e ver o mundo onde se vive, demonstrando uma não identificação com a realidade vivida. Por isso, tem permeado e ainda permear diferentes representações artísticas, como a música, a arte, a pintura, a poesia até hoje.

Percebe-se que definir o Romantismo é algo bastante complexo. Para Karl Mannheim (apud BOSI, 1985, p. 100), expressa manifestações descontentes de um grupo de intelectuais com relação às novas estruturas sociais, nobreza e burguesia, surgindo as atitudes saudosistas ou reivindicatórias que assinalam todo o movimento.

Segundo Antonio Candido e Aderaldo Castello (1984, p. 207), o Romantismo é marcado por uma grande multiplicidade de atitudes e características em que se sobressai a liberdade de criação individual, permitindo que cada escritor possa criar sua própria poética. “A curiosidade do romântico, alimentada pela sua insatisfação e também indefinição, multiplica-se no tempo e no espaço”. Para Guinsburg (2013), o Romantismo também é apresentado como algo complexo em sua definição, é, ao mesmo tempo, uma escola literária, uma tendência estética, forma e fenômeno históricos, que representam um comportamento social.

O que é o Romantismo? Uma escola, uma tendência, uma forma, um fenômeno histórico, um estado de espírito? Provavelmente, tudo isto junto e cada item em separado [...] Ele é apenas uma configuração estilística ou, como querem alguns, uma das duas modalidades polares e antitéticas [...] Mas é também uma escola historicamente definida, que surgiu num dado momento, em condições concretas e com respostas características à situação que se lhe apresentou [...] É um fato histórico que assinala, na história da consciência humana, a relevância da consciência histórica. É, pois, uma forma de pensar que pensou e se pensou historicamente. (GUINSBURG, 2013, p. 13-14)

Logo, o homem romântico é aquele que expressa uma nova ordem social, moral, religiosa e econômica. Tudo isso mescla-se a sua experiência individual, tornando-se um resumo desse momento: “do testemunho pessoal chega-se ao nacional e finalmente ao universal” (CANDIDO; CASTELLO, 1984, p. 204). O Romantismo nos apresenta um sujeito desencantado, descontente, revoltado ou nostálgico diante do mundo onde vive, inconformado segue em busca de tempos remotos, como o medievalismo.

Percebe-se que há, na estética romântica, o desequilíbrio da vida interior, ressaltando-se a inconformidade entre o que se deseja e o que realiza, havendo, assim, a conquista da intuição e da fantasia, em que o emocional se sobrepõe ao racional dos clássicos. O romântico questiona, ele é o ser insatisfeito perante a passividade da vida. Por enfatizar o lado sentimental, mostra-se egocêntrico e intimista, elegendo, desse modo, o coração como o representante de sua existência.

Na escola romântica, o amor e a confiança são cultivados. Há, então, a entrega à renúncia e ao isolamento, em que a natureza é adotada como refúgio. Esta, a natureza, como macrocosmo, sobrepõe-se ao homem, como microcosmo, que resulta na ênfase do emocional sobre o racional.

Além disso, pode-se apontar como uma das principais características desse período a religiosidade, bem como a devoção à pátria e o sentimento de humanidade em defesa de causas sociais e da realidade. O Romantismo busca a liberdade de criação, embasada no dinamismo, na sentimentalidade e na historicidade.

[...] o que há de substancial na temática romântica é a reivindicação da liberdade de exprimir a vida, a partir da condição individual, surpreendendo a sua riqueza interior e a sua inadequação com a realidade. Sobre ela, o domínio da imaginação, alimentada pela sentimentalidade e pelas contradições da dúvida. E também o interesse pelo homem social e político, isso, e tudo mais em comunhão com o sentimento da nacionalidade. (CANDIDO; CASTELLO, 1984, p. 208-209)

No Brasil, essas características são retomadas pelos escritores, no entanto, os contextos material e ideológico são permeados pelo latifúndio e escravidão, contrastando com o que se teve na Europa – modernidade, máquina, operário e exploração do trabalho (BOSI, 1985). Aqui, em busca de uma nação própria e independente, manifestou-se um sentimento de produção autêntica e nacional, cujos elementos dominantes foram a natureza local, o índio e o apego à pátria.

Portanto, o Romantismo no Brasil deve ser considerado um marco na literatura por destacar a cultura e a identidade nacionais, cujo repertório continua a influenciar novos autores,

reforçando a imaginação criadora, quer em seus modos eruditos e populares. Nessa perspectiva, apresentaremos como as características dessa estética estabeleceram-se em terras goianas, em especial, na poesia de Leodegária de Jesus.

Na obra da poeta Passarinho, é visível a preocupação em cantar a pátria, seja referindo-se ao Estado em que nasceu, Goiás, torrão do qual se sente exilada com a mudança para Minas Gerais e isto é o que se percebe no poema “Goiás” – “Goiás querida! Pérola mimosa/ Destes sertões soberbos do Brasil!/ Terra que amo, que minh’alma adora,/ Ao ver-te longe, tão distante, agora,/ Quero-te mais ainda minha terra gentil” (JESUS, 2021, p. 23). Mesmo considerando as controvérsias se se trata da cidade ou do estado, a verdade é que há no poema uma espécie de declaração de amor eterno ao lugar.

Ainda, na exploração desse tema, temos o poema “Supremo Anelo”, em que a poeta registra a paisagem goiana como que em um desejo de voltar à cidade de Goiás – “Voltar a ti, ó terra estremecida,/ E ver de novo, à doce luz da aurora,/ O vale, a selva, a praia inesquecida,/ Onde brincava pequenina outrora” (JESUS, 2021, p. 25). Já no poema “Ao meu país”, Leodegária de Jesus expõe seu sentimento de patriotismo, de forma ufanista, a essa terra sem “rivais” – “Brasil, pátria minha, país sem rival,/ De todos da terra tu és o primeiro;/ Teu céu deslumbrante, de azul sem igual/ ostenta formoso o esplendor do cruzeiro” (JESUS, 2021, p. 135).

Ainda sobre o tema do cantar a pátria, na descrição que a poeta faz do espaço, ao sabor dos românticos, extravasa seu sentimento pelo lugar que descreve, expondo, através de um sujeito lírico, religioso, seu sentimento de fé, mesmo que de forma triste, sua transcendência para uma natureza melancólica e copartícipe de seu estado de alma. “A natureza torna-se triste ou alegre, melancólica ou serena, às vezes misteriosa, pois os românticos a sentem vibrar ao ritmo de seu coração” (GOMES; VECHI, 1992, p. 20).

Podemos citar como exemplos, da obra *Coroa de Lírios*, os poemas “Paisagem” e “Jataí” e de *Orchideas*, “Tela agreste” e “Aquarela”. Nesses poemas, a poeta imprime com subjetividade o seu êxtase diante das belezas naturais. Leodegária de Jesus projeta-se na paisagem que descreve, com maior frequência, em sua segunda obra, como verificamos nos versos de “Tela Agreste”.

Tela Agreste

Longe, ao sopé da viride colina,
Num valexinho rico de verdura,
Ergue-se a casa tosca, pequenina,
Ninho grácil de paz e de frescura.

E sob a densa ramaria escura
 Que ali de um lado esplêndida germina,
 Um veio d'água muito clara e pura
 Rola, gemendo queixas, à surdina.

E à tarde, quando, o sol do ocaso veste
 De púrpura e oiro aquele sítio agreste
 E a brise leve, em brando murmurinho,

Percorre o extenso laranjal florido,
 O passaredo inquieto um alarido
 Enorme faz, no bambuzal vizinho.
 (JESUS, 2021, p. 43)

Nota-se, no poema, o enaltecimento dos elementos naturais. Nas duas primeiras estrofes, há um equilíbrio entre o eu poético e a natureza. Em contrapartida, nos tercetos, existe um deslocamento para o desequilíbrio. Como se observa, há um contraste entre as duas primeiras estrofes e as duas últimas; logo, sugere-se a presença do conflito entre duas estéticas: Arcadismo e Romantismo.

Em outro poema, “À velha serra”, a poeta enaltece o espaço geográfico da Serra Dourada, projetando-se nesse lugar personificado e o elegendo como um participante de suas dores e angústias – “Gosto de ver-te assim: perante a majestosa/ angústia que te envolve sempre... Eternamente,/ Eu me sinto feliz; esqueço inteiramente,/ A mágoa que punge e a vida tormentosa” (JESUS, 2021, p. 21).

Outro tema presente na obra leodegariana é o culto à natureza, motivo muito frequente nos poetas românticos. Consoante Domício Proença Filho (1984, p. 183), “na sua evasão, o romântico encontra na natureza o lugar de refrigério, de tranquilidade, onde o seu espírito pode encontrar a paz. É a natureza capaz de inspirá-lo, de cuidar dele, de velar a sua morte”. O romântico vê-se acoplado à natureza, como se fosse uma volta ao seio materno. Sente-se protegido pela grande mãe, uma vez que a relação entre o homem e a Natureza, no Romantismo, era vista da seguinte forma: a Natureza, o macrocosmo, e o homem, o microcosmo. Como já foi dito, a natureza solidariza-se com o estado de espírito do poeta.

E não foi diferente com Leodegária de Jesus que, nas entrelinhas de vários de seus poemas, tanto em *Coroa de Lírios*, como em *Orchideas* e nas epígrafes que utiliza que remetem a cânones do Romantismo brasileiro, como Casimiro de Abreu, Álvares de Azevedo e Fagundes Varela, há a referência à natureza e a imersão do sujeito lírico nela, comungando e compartilhando os mesmos sentimentos. Para Álvaro Cardoso Gomes e Carlos Alberto Vechi (1992, p. 20), “a natureza transforma-se num espaço privilegiado que acolhe a alma solitária do poeta e a inspira, revelando-lhe mundos desconhecidos”.

Vejamos os poemas “Setembro”, da obra *Coroa de Lírios* e “Abril”, de *Orchideas*, em que temos a presença da natureza.

Setembro

Ao Desembargador Martins Ribeiro

Eis que nos vem, de novo, a primavera,
A linda quadra das mimosas flores.
A par do viço e festivos rumores,
Um doce riso, em toda a parte, impera.

Aqui... e ali... no céu azul – turquesa,
Perpassam nuvens brancas, vaporosas,
Enquanto o campo ostenta-se, em beleza,
E além ressoam notas maviosas.

De borboletas prazenteiro bando,
Pelo vergel florido, esvoaçando,
Vai, num enleio doce, indescritível.

Em tudo eu vejo um riso de alegria,
Só, em minh’alma, paira a nostalgia,
Uma tristeza aceba, indefinível!
(JESUS, 2020, p. 32)

No poema, a natureza mostra-se em desacordo com a alma da poeta, representada pelo eu poético. Nas três primeiras estrofes, há o equilíbrio entre o eu lírico e a natureza, em que a estação das flores – primavera –, comunga com esse sujeito. Porém, ao final do poema, é visível esse contraste. Há um desajuste no mundo físico, outra atitude que lembra o Romantismo e que acena para o vínculo da poesia leodegariana à estética romântica.

Vejamos o poema “Abril”:

Abril

Abril sorri... Abril o mês das rosas.
– Epopeia de amor e de carinhos
Desperta álcere, construindo ninhos
Numa eclosão de luzes primorosas.

Andam na esfera azul maravilhosas
E festivos canções de passarinhos;
Pelos florões dourados dos caminhos,
Giram falenas d’asas luminosas.

E tudo vive e canta e se entrelaça,
Nessa orgia de aromas que não passa,
Na confusão gentil desses matizes.

Só minh’alma dorida não se aquece
Aos sorrisos de Abril, porque padece
E Abril é o mês dos corações felizes.
(JESUS, 2021, p. 53)

“Abril” é um soneto com rimas interpoladas e versos decassílabos. A poeta descreve o mês de abril como o próprio sujeito lírico diz – “mês das rosas”. Nota-se nele o equilíbrio entre o eu poético e a natureza, em especial, nas três primeiras estrofes. Nos últimos versos, vê-se o contraste, mostrando um desacordo como estado de desequilíbrio com a natureza.

Observa-se que a quarta estrofe se destaca das demais, pois a voz poética mostra-se triste, queixosa, com alma trespassada de dor – “Só minh’alma dorida não se aquece/ Aos sorrisos de Abril, porque padece/ E Abril é o mês dos corações felizes”.

Verifica-se que a evasão se dá no tempo e no espaço, na relação que o eu lírico estabelece com o mundo, tudo isso marcado por uma atmosfera de tristeza, melancolia, desejo de morte, este último muito cantado pelos românticos da chamada Segunda Geração do Romantismo – “mal do século”⁹. Essa característica também perpassa os versos *leodegarianos*, está na busca do tempo perdido, principalmente, quando se refere à infância.

[...] os nossos românticos exibem fundos traços de defesa e evasão, que os leva a posições regressivas: no plano da relação com o mundo (retorno à mãe-natureza, refúgio no passado, reinvenção do bom selvagem, exotismo) e no das relações com o próprio *eu* (abandono à solidão, ao sonho, ao devaneio, às demasias da imaginação e dos sentidos). (BOSI, 1985, p. 101, grifo do autor)

O poema “Jataí” ilustra a evasão, com o retorno à infância, em sua amplitude. O eu lírico deixa transparecer uma atitude afetiva diante dos quadros descritos que formam verdadeiros espaços emotivos que exteriorizam a subjetividade do sujeito poético, que nos induzem a suspeitar e a relacionar com o sujeito autobiográfico, expondo seu saudosismo e certa melancolia diante desses quadros naturais – “Foi nessa terra querida,/ Nessa campina formosa,/ Que s’escoou descuidosa,/ A infância minha florida” (JESUS, 2020, p. 31).

Ainda sobre a evasão, podem-se elencar poemas, como “Aspiração” e “Enlevo” da obra *Coroa de Lírios* e “Meu desejo” e “Ainda e sempre”, de *Orchideas*. Neles, podemos perceber traços que nos mostram as relações conflitantes da poeta com seu próprio “eu”, principalmente, quanto a sua entrega à solidão, ao sonho e, quase sempre, ao desejo de morte. Vale aqui destacar o seguinte poema:

Ainda e sempre

Partiste... desde então, o mal secreto

⁹ De acordo com Massaud Moisés (1989, p. 13), o mal do século refere-se a um “tédio sem fim, profunda apatia moral, desalento perante as mínimas ações, desesperança de salvação ou de sentido”.

Que aqui no fundo de minh'alma existe
 É mais profundo e amargo, mais completo
 E mais intenso, desde que partiste.

A vida é muito triste!... ah! Como é triste
 A vida aqui, neste ermo em que vegeto!
 Nem mesmo sei em que o prazer consiste
 Tão longe, assim, de ti, do teu afeto!

E o tempo vai passando... o tempo corre
 Mas em meu pobre coração não morre
 Esta saudade enorme que me esmaga.

Ontem, hoje, amanhã, agora e ainda.
 E sempre a mesma dor que não se finda,
 Sempre o mesmo punhal na mesma chaga.
 (JESUS, 2021, p. 125)

O referido poema trata-se de um soneto com versos decassílabos, “medida preferida da poetisa” (DENÓFRIO, 2019, p. 47). Apresenta rimas cruzadas ou alternadas nas estrofes e uma forte presença de sentimentalismo e subjetivismo, marcas da estética romântica, cujos traços são constantes na poesia de Leodegária de Jesus, que vêm acompanhados de certo pessimismo – traço visível, principalmente, no último terceto – “E o tempo vai passando... o tempo corre/ Mas em meu pobre coração não morre/ Esta saudade enorme que me esmaga” (JESUS, 2021, p. 125).

Nota-se que as reticências e os pontos de exclamação são elementos linguísticos responsáveis por essa atitude sentimental e subjetivista exteriorizada por parte da voz poética que, por sua vez, retrata sentimentos guardados pelo sujeito empírico. Há, ainda, a presença da evasão, característica romântica muito cultivada por seus antecessores, para um mundo só seu, o seu secreto refúgio em conformidade com uma dor e uma saudade experienciada somente pela poeta, como expressos nos últimos versos do poema – “Ontem, hoje, amanhã, agora e ainda./ E sempre a mesma dor que não se finda,/ Sempre o mesmo punhal na mesma chaga”. (JESUS, 2021, p. 125).

No entanto, essa dor e essa saudade, que parecem não ter fim, não são pretendidas somente pela voz poética. Ao confessar esse sentimento, o faz em cumplicidade com a poeta, uma vez que sabemos pela sua biografia de que houve um desencontro amoroso, como já dito anteriormente, entre ela, Leodegária de Jesus, e o ser amado, Djalma Guimarães, que muita chaga lhe causou, deixando-lhe marcas profundas. “É mesmo a impossibilidade de esquecer o único homem amado que faz a poetisa declarar a sua dor implacável” (DENÓFRIO, 2019, p. 45).

É visível nos versos da primeira estrofe que a partida do amado deixou uma intensa, profunda e amarga dor na alma do eu lírico – “Partiste... desde então, o mal secreto/ Que aqui no fundo de minh’alma existe/ É mais profundo e amargo, mais completo/ E mais intenso, desde que partiste” (JESUS, 2021, p. 125). E esse sentimento persiste e é reforçado no último terceto, cuja voz poética pode, segundo a professora Ebe Maria de Lima Siqueira (2020b, p. 74), “estar denunciando a dor de não poder dizer o que verdadeiramente gostaria”.

Assim, a dor não está somente nos versos, estende-se por ser mulher, poeta, negra em uma sociedade provinciana, patriarcal e preconceituosa que não dava à figura feminina, como dissemos em outro momento desta dissertação, lugar de destaque, em especial, a uma mulher preta. “Na medida em que o poeta traz para a palavra não seu eu, mas esse Eu desconhecido que cada um traz em si, o poema pode nos falar a nós outros” (COLLOT, 2015, p. 231).

Vale lembrar que os poemas de Leodegária de Jesus ultrapassam as dores de uma adolescente e refletem as dores de toda uma camada social formada por mulheres e, principalmente, negras e pobres, não só na época em que viveu a poeta, mas até os dias de hoje. “Assim, Leodegária passa a cantar a dor do mundo, a dor de todas as mulheres que tiveram que renunciar viver a vida que realmente desejavam para si. E, em especial, a dor da mulher negra educada entre brancos” (SIQUEIRA, 2020b, p. 74).

Destacando, ainda, os laivos românticos na poética de Leodegária de Jesus, nos poemas “Símile” e “Triste viver”, há um posicionamento pessimista frente à vida, em que o sujeito poético apresenta a solidão e o abandono, expressando um sentimento de isolamento do mundo. Ele sente-se incompreendido pela sociedade e como não há uma realização, acaba desejando a morte. Segundo Gomes e Vechi (1992, p. 22), “o romântico sente-se um solitário, um ser que, devido à grandeza de suas sensações mais íntimas, se vê como um pária, excluído forçosamente do convívio humano”.

Traremos aqui o poema “Triste viver” que traduz a temática em questão. É visível a presença de elementos como o desencanto amoroso e a morte como solução para o sofrimento.

Triste viver

À Luzia de Oliveira

Não sei porque, da vida n'alvorada,
Fugiu-me tão depressa a doce crença,
Lançando-me no peito a indiferença,
Deixando esta minh'alma contristada.

De encontro às dores de tristeza imensa,
Da sorte cruelmente abandonada,
Sozinha, vai minh'alma desvairada,
Boiando à flor dos mares da descrença.

E sinto que meu peito desfalece,
 Ao peso dessas mágoas que padece,
 A's garras do pesar atroz, profundo.

Contudo, não maldigo a minha sorte,
 Pois, creio que virá um dia a morte
 Tirar-me, finalmente, deste mundo.
 (JESUS, 2020, p. 50)

Vê-se no soneto que o eu lírico é descrente quanto ao amor, pois percebe que este se afasta dele, que sem entender o motivo do distanciamento, sente no peito a indiferença, deixando sua alma entristecida. Acometido pela dor e pela tristeza, coloca-se como um ser deserdado, que, sozinho, vai naufragando no mar da descrença.

A evasão é percebida, mais uma vez, ao termos o eu lírico envolvido em uma teia de desfalecimento, padecimento e pesar profundo. Ao não encontrar respostas para a realidade em que se encontra, refugia-se no desejo de morte como fuga. O referido soneto dialoga com “Lembrança de morrer” de Álvares de Azevedo, que também busca a morte como escape da realidade experienciada, como uma inadequação ao mundo real, mergulhando em seu próprio interior, em uma atitude subjetivista.

Lembrança de morrer

No more! o never more!
 SHELLEY.

Quando em meu peito rebentar-se a fibra
 Que o espírito enlaça à dor vivente,
 Não derramem por mim nem uma lágrima
 Em pálpebra demente.

E nem desfolhem na matéria impura
 A flor do vale que adormece ao vento:
 Não quero que uma nota de alegria
 Se cale por meu triste passamento.

Eu deixo a vida como deixa o tédio
 Do deserto, o poento caminheiro
 — Como as horas de um longo pesadelo
 Que se desfaz ao dobre de um sineiro;
 [...]

Descansem o meu leito solitário
 Na floresta dos homens esquecida,
 À sombra de uma cruz, e escrevam nelas
 — Foi poeta — sonhou — e amou na vida.—

Sombras do vale, noites da montanha
 Que minh'alma cantou e amava tanto,
 Protegei o meu corpo abandonado,
 E no silêncio derramai-lhe canto!

Mas quando preludia ave d'aurora
 E quando à meia-noite o céu repousa,
 Arvoredos do bosque, abri os ramos...
 Deixai a lua prantear-me a lousa!
 (AZEVEDO, 1984, p. 56-58)

Leodegária de Jesus assim como Álvares de Azevedo têm uma atitude pessimista quanto à vida, a começar pelos títulos dados aos poemas. Para a poetisa, a vida é um “Triste viver” e para o poeta é a “Lembrança de morrer”. Tanto um quanto o outro busca evadir-se na morte como solução para o sofrimento vivido.

A fuga e o desencanto diante da realidade são reforçados pela busca da morte, que é a possibilidade de solução e libertação. O primeiro verso da primeira estrofe de “Lembrança de morrer” explicita o desejo do eu lírico em deixar de viver, é o “rebentar-se a fibra” do coração. Assim também encontramos essa percepção na última estrofe do soneto “Triste viver”, de Leodegária de Jesus, em que há esse mesmo desejo esboçado – “creio que virá um dia a morte”.

A poeta reforça o desejo da morte como fuga em tenra idade. O eu lírico demonstra profunda tristeza e se sente envolvido em um abandono. Ambos são solitários, vazios e descrentes diante do mundo em que vivem. Por isso, não queriam que, por conta desse sofrimento, as pessoas ao redor se compadecessem dessa situação melancólica.

Ao deixar “a vida como deixa o tédio” e sentir que “meu peito desfallece,/ ao peso dessas magoas que padece”, conseguem encontrar o escape como bálsamo para as dores vividas. “O eu romântico, objetivamente incapaz de resolver os conflitos com a sociedade, lança-se à evasão”. (BOSI, 1985, p. 102).

Vale destacar também o subjetivismo que “é um dos traços fundamentais do Romantismo. A realidade é revelada através da atitude pessoal do escritor” (PROENÇA FILHO, 1984, p. 180), sem preocupação com modelos a seguir. “O artista traz à tona o seu mundo interior com plena liberdade” (PROENÇA FILHO, 1984, p. 180), em que o poeta está à mercê da imaginação criadora. Desse modo, ocorre a projeção deste mundo por meio de um sujeito lírico.

Através da imaginação criadora, “os escritos românticos revelam do artista uma capacidade de criar mundos imaginários, e acreditar na realidade dos mesmos” (PROENÇA FILHO, 1984, p. 179). No encontrar do “seu eu com o mundo” (PROENÇA FILHO, 1984, p. 179), o poeta romântico “se evade na aspiração por este mundo distinto situado no passado ou no futuro onde ele não encontre as dificuldades que enfrenta na realidade imediatamente familiar” (PROENÇA FILHO, 1984, p. 179). O poeta adquire a capacidade especial de

“interpretar a seu modo, o familiar e o transcendente que empresta eternidade ao mundo sensível que o cerca” (PROENÇA FILHO, 1984, p. 179).

Para ilustrar essa característica, citamos o poema “Ao coração”, do livro *Orchideas*, de Leodegária de Jesus.

Ao coração

Sacrifica-te, agora, com bravura
Sufoca o pranto, cala essa amargura.
Frota Pessoa

Meu coração, não queixes por piedade,
Não maldigas assim teu sofrimento.
Resigna-te da sorte à iniquidade
E sentirás mais brando esse tormento!

Vamos... coragem!... recupera o alento,
Guarda contigo a amarga ansiedade
E não te queixes mais que teu lamento
Vai despertar do mundo a hilaridade!...

Mostra-te forte!... empunha com bravura,
Embora vejas a esperança morta,
Este horroroso cálix de amargura

E não te assuste a cruz do teu fadário...
Fica-te ainda a fé que te conforta
E te ilumina o topo do Calvário!
(JESUS, 2021, p. 35)

Neste poema, percebemos o predomínio do emocional sobre o racional, uma característica marcante da estética romântica – o sentimentalismo. Segundo Afrânio Coutinho (1976, p. 149), “o Romantismo reduz toda poesia ao lirismo, como forma natural e primitiva, oriunda da sensibilidade e da imaginação individuais da paixão e do amor. Poesia tornou-se sinônimo de auto-expressão”.

“Ao coração” trata-se de um soneto, decassílabo, com rimas cruzadas ou alternadas nos quartetos (ABAB/ BABA). Há que se lembrar que, dos 30 poemas do primeiro livro de Leodegária de Jesus, *Coroa de Lírios* (1906), 18 são sonetos com predominância dos versos decassílabos e dos 70 poemas de *Orchideas* (1928), 52 são sonetos, também com predomínio de versos de 10 sílabas poéticas. “Em vez de ficar com a cadência popular dos metros breves, os redondilhos maiores e menores, preferiu ficar quase sempre com o nobre decassílabo e com a forma fixa do parnasianismo, o soneto” (DENÓFRIO, 2019, p. 50)

Nota-se que o referido poema é um canto de dor, de amargura com resignação diante das diversidades. O sujeito poético reforça esses sentimentos ao longo do poema, já ao início indica – “Não maldigas assim teu sofrimento./ Resigna-te da sorte à iniquidade/ E sentirás mais

brando esse tormento!” (JESUS, 2021, p. 35). A forte presença da subjetividade e do sentimentalismo, expostos nas entrelinhas do poema, em especial, pela presença das exclamações e das reticências, lembra-nos o tardio romantismo chegado ao estado, como no verso “Vamos... coragem!... recupera o alento”.

A poeta usa as reticências por cinco vezes e o ponto de exclamação, quatro vezes, e isso é o suficiente para concordarmos com Denófrío (2019) quando afirma que o poema inteiro é um canto de dor, amargura, mas também um forte sentimento de resignação diante das adversidades, como podemos ver nos versos que seguem: “Mostra-te forte!... empunha com bravura,/ Embora vejas a esperança morta, [...]/ E não te assuste a cruz do teu fadário.../ Fica-te ainda a fé que te conforta/ E te ilumina o topo do Calvário!”

Notam-se a dor, a amargura e a resignação, representadas pela metáfora/eufemismo presentes nos termos “fadário” e “calvário”. Consoante Denófrío (2019, p. 45), “foi sua fé que sempre suportou a dor da poetisa, ou o seu calvário, mas imprimiu, por outro lado, outro rosto no sudário da Verônica, que foi, de sua própria ‘via-crucis’”.

A poeta faz uso de adjetivos também como forma de enfatizar os sentimentos, reforçando a característica romântica do sentimentalismo. Os termos “brando”, “amarga”, “forte”, “morta”, “horroso” apresentam-nos uma linguagem emotiva. Consoante Denófrío (2019, p. 50), o “código que cifrou a sua mensagem é romântico por excelência”.

Além do culto à natureza que se dá pelo escapismo e o amor à pátria de forma ufanista, há que se considerar o sentimento religioso, outra característica romântica presente na poesia de Leodegária de Jesus. E não é para menos, considerando sua formação religiosa, legada das irmãs dominicanas com as quais conviveu parte de sua vida em plena adolescência na cidade de Goiás.

Verifica-se um sentimento religioso exteriorizado, principalmente, na fase adulta de Leodegária de Jesus, “que às vezes apresenta-se como fuga da realidade como bálsamo para a dor, é também às vezes uma esperança cristã de redenção final para a autora” (DENÓFRIO, 2019, p. 30). Essa subjetividade religiosa é ampliada para além do amor à natureza e à pátria, uma vez que o poeta romântico “encontrou no Cristianismo mais um elemento para isso: a glorificação de um Deus único” (GOMES; VECHI, 1992, p. 21).

Esse sentimento é frequente em Leodegária de Jesus, especialmente, em sua segunda obra *Orchideas*, em poemas como “No horto”, “No pretório”, “Levando a cruz” e “No Calvário”, que compõem a série “Semana Santa”. Nos dois últimos poemas, a poeta introduz epígrafes de escritores em latim, língua que aprendeu com o pai, José Antônio de Jesus.

III
Levando a Cruz

“Oh! Vos omnes... videte
 Si est dolor similis sicut dolor meus”
 (JESUS, 2021, p. 149)

IV
No Calvário

“Vere Filius Dei erat iste”
 (JESUS, 2021, p. 149)

Outra característica muito comum aos românticos é o pessimismo, em que o sujeito lírico sente-se como “um ser que findou todas as esperanças e que vê o mundo circundante como um espaço que hostiliza, ao ignorar-lhe os anseios ou a impedir-lhe a consecução dos desejos” (GOMES; VECHI, 1992, p. 22). Percebe-se que nas duas obras da poeta Passarinho essa vertente caminha de mãos dadas com a tristeza e a melancolia que deságuam em um profundo desejo de morte, como se nota nos poemas “Triste Viver” – “Pois, creio que virá um dia a morte/ Tirar-me, finalmente, deste mundo” (JESUS, 2020, p. 50) – e “Símile” – “Viver é triste! Como é doce a morte! (JESUS, 2020, p. 25), ambos de *Coroa de Lírios*.

A relação do homem com os elementos naturais na estética romântica apresenta-se de forma solidária, ou seja, a natureza comunga com a situação do sujeito poético. Se ele mostra-se triste, ela se faz triste; se alegre, essa se apresenta de forma alegre, não há indiferença. “A natureza romântica é expressiva, ela significa e revela” (BOSI, 1985, p. 102). Esse comportamento também pode ser observado em poemas, como “Último adeus” e “À velha serra”.

Para o poeta romântico, as formas naturais com que ele dialoga, e que falam à sua alma, falam-lhe de alguma outra coisa; falam-lhe do elemento espiritual que se traduz nas coisas, ao mesmo tempo signos visíveis e obras sensíveis, atestando, de maneira eloquente, a existência onipresente do visível e do suprassensível. A natureza transforma-se numa teofania. Os bosques, as florestas, o vento, os rios, o amanhecer, o anoitecer, os ruídos, os murmúrios, as sombras, as luzes – de tudo que não é humano e se constitui de espetáculo para o homem. (NUNES, 2013, p. 65)

No poema “Ave Maria”, é nítida essa relação em que o sujeito poético projeta-se na natureza, notando-se uma espécie de fusão, em que os elementos naturais compartilham de sua tristeza e de sua melancolia – “Serena, desce a noite com tristeza,/ Aos corações trazendo atroz saudade./ Como és sublime e bela, ó natureza,/ Imersa nesta imensa soledade!” (JESUS, 2020, p. 56).

Outra temática comum do Romantismo universal e muito frequente nos nossos românticos, sobretudo, em Gonçalves Dias e Fagundes Varela, é o panteísmo, definido por Cândido e Castello (1984, p. 206), como “exaltação do grandioso e solene, até a atitude contemplativa que o eleva a Deus”. Há uma tentativa de fundir duas grandezas, de um lado a natureza e do outro Deus. “O poeta de formação no Cristianismo busca o refúgio na crença em Deus como uma resposta a enigmas e dúvidas, como um refúgio, expressão do bem e da paz, em oposição à tentação e ao mal” (CANDIDO; CASTELLO, 1984, p. 206).

Na poesia de Leodegária de Jesus, esse mote é perceptível no poema “À velha serra”, pois existe uma personificação do elemento “serra”, que representa a natureza como criação divina. Nesta perspectiva, “a velha serra”, que remete à Serra Dourada, manifesta-se para o eu lírico no plano da realidade como uma identidade divina, fundindo os sentimentos e as emoções ali expressos.

Daqui se te contemplo à doce luz do poente,
Coberta assim de sombra e neve vaporosa
Eu sinto me inundar o coração dolente
Estranha, suave luz de paz maravilhosa.
(JESUS, 2021, p. 21)

Por fim, apresentamos aqui a temática do “amor”, que é muito frequente na lírica da poeta Passarinho. O amor em seus poemas é idealizado, mas, ao mesmo tempo, causador de dor e sofrimento. Segundo Denófrio (2019, p. 47), “no seu coração não havia lugar para mais ninguém. E porque amou de forma superlativa esse único homem, quase todos os seus poemas destilam desolação e sofrimento”.

É o amor impossível que foi tão cantado e decantado por ela e outros antecessores, como Álvares de Azevedo, um dos cânones da estética romântica entre nós. O sentimento amoroso – nem sempre realizado e possível – desperta um infinito anelo, “nostalgia do que se crê para sempre perdido, desejo do que se sabe irrealizável” (BOSI, 1985, p. 103).

Para ilustrar esse tema, destacam-se os poemas “Último adeus” e “Adeus!”. Nesses dois sonetos, há uma comunhão, isto é, eles dialogam entre si. No primeiro, temos a partida do ser amado, causando dor à voz poética, como expresso nos versos: “Eu me lembro dessa tarde amena,/ Em que minh’alma, de saudades plena, e plena de pesares,/ Chorava, presa de amargura infinda;/ Ias deixar-me, doce imagem linda/ Dos meus azuis sonhos” (JESUS, 2020, p. 48). Verifica-se que existe uma ruptura definitiva dos amantes com a participação da natureza (“tarde amena”) no sofrimento causado, em especial, pela dor da partida.

Em “Adeus!”, dá-se o contrário, o sujeito lírico é quem parte. Aqui podemos remeter à mudança de cidade que foi realizada por Leodegária de Jesus, ao partir de Goiás, envolta em lágrimas e dor, como identificamos na seguinte estrofe: “Eu vou partir! Eu vou partir, levando,/ Sem doce alento de esperança vaga,/ Dentro do seio o coração em chaga,/ N’alma um milhão de dores palpitando” (JESUS, 2021, p. 101).

Vale lembrar também outro poema expressivo com o mote “amor”, “A uma sombra”, da obra *Orchideas*. Assim nos explica Darcy França Denófrio (2019, p. 44) sobre o referido poema: “fala de um doloroso reencontro com o eleito além, no tempo, reencontro que pode não ter passado de uma mera visão à distância, já que a moral e as circunstâncias sempre impediram o par de se ver”.

Nele podemos destacar os seguintes versos: “Quando eu ti vi depois de tantos anos/ Quando eu te vi assim, tão alquebrado/ pela dor, pelo vício, pelos danos/ De uma vida infeliz de transviado” (JESUS, 2021, p. 111), em que se percebe a amargura do eu poético ao se deparar com a declinação moral de seu amado.

Nota-se, assim, que o amor é um tema frequente na poesia de forma universal, porém nos românticos ganha outra versão. Consoante Candido e Castello (1984, p. 205), “ao ideal de pureza do amor, junta-se a noção dos direitos do coração, o que frequentemente vai de encontro com valores sociais e morais”. Nesse caso, chega-se mesmo à defesa do amor livre de convivências ou convenções, que é justificado perante Deus.

O romântico dá grande importância à vida sentimental o que conduz a um comportamento “intimista e egocêntrico”, como bem nos lembram Candido e Castello (1984, p. 206), “o coração é a medida mais exata da sua existência”. Logo, a confiança, a renúncia e o isolamento são atitudes comuns aos românticos e Leodegária de Jesus não passou incólume, vê-se que o romantismo em sua poesia remonta “como força redentora e reintegradora, tanto no homem quanto na mulher, pela presunção da autenticidade dos sentimentos” (CANDIDO; CASTELLO, 1984, p. 206).

Percebe-se, portanto, que o amor como tema é uma constante em toda a obra de Leodegária de Jesus, todavia, há que se considerar as diferenças existentes da primeira obra, *Coroa de Lírios*, de 1906, que foi “composta sob frescor da adolescência, a imagem do amor ainda não tem o viés da amargura e dor encontradas em *Orchideas*” (CAMARGO, 2020, p. 162). Naquele livro, esse sentimento chega a lembrar Casimiro de Abreu, em poemas como “Saudades” e “Canto de amor”. Percebe-se que há “uma paixão pelo sentimento amoroso e distante de uma experiência real” (CAMARGO, 2020, p. 162).

Como ilustração do que foi dito, podemos citar trechos do poema “Suspiros”, de sua primeira obra – “Se eu não te visse... Ah! Se se esquecesses./ Talvez, (quem sabe?) inda curar pudesses/ Meu coração que tu despedaçaste./ Mas, não, é tarde, eu tenho o peito enfermo;/ E só a morte poderá pôr termo/ Ao desgraçado amor que me inspiraste!...” (JESUS, 2020, p. 41). Trata-se de um soneto, em que a poeta retrata a perda da pessoa amada. Notam-se traços de um amor impossível e essa história de amor sem um final feliz foi uma constante em muitos poemas de Leodegária de Jesus.

Aqui, cabe ainda lembrar dos poemas “Volúvel”, que será analisado no próximo capítulo, e “Mutações”, de *Coroa de Lírios*. Nesse último, além da temática do amor, tem-se o da natureza: “Mas que mudança! Um dia te encontrei,/ E para te amar, somente, a sua imagem, a tua imagem/ Estrelas, flores tudo desprezei!...”. Vê-se que o eu lírico é devoto à natureza, ao encontrar o amor passa a tratá-la com desprezo. Vejamos um pouco mais sobre o poema “Mutações”.

Mutações

À Elfrida Goulart Carneiro

Eu adorava as flores delicadas,
Me fascinava a natureza em festa,
Amava, com loucura, as alvoradas
E a solidão profunda da floresta.

Eu muito amava as brisas peregrinas,
Das claras tardes de verão tão belas,
As harmonias célicas, divinas,
E as pequeninas, rútilas estrelas.

Também amava as gárrulas rolitas,
Em torno aos ninhos, presos à ramagem,
A volitarem, ledas e catitas;

Mas que mudança! Um dia te encontrei,
E para amar, somente, a tua imagem,
Estrelas, flores, tudo desprezei!...
(JESUS, 2020, p. 46)

Poema de forma fixa, soneto, com versos decassílabos e rimas alternadas nos quartetos (ABAB, CDCD), em que há uma aproximação da estética parnasiana pela forma, contudo com fundo romântico. Conforme Denófrio (2019, p. 36-37), “o amor, nesse tempo que coincide com o apogeu do Romantismo em Goiás, era, como foi para a maioria dos escritores românticos, uma espécie de religião. Não foi diferente para Leodegária, cantora de seu defasado tempo”.

O termo mutação, segundo o dicionário Houaiss, significa mudança, transformação. E é o que podemos observar no poema, em que o sujeito lírico, representante da própria poeta,

renuncia a tudo que o cerca – “Estrelas, flores, tudo desprezei!...” – a fim de idolatrar a imagem do ser amado.

No poema, como acontece com outros poetas românticos, a natureza, o ser amado e o amor, tudo é idealizado. Nas três primeiras estrofes, percebe-se um certo equilíbrio entre o eu poético e a natureza. Ela está em consonância com os sentimentos ali expressos e com a própria situação do sujeito lírico, que se encontra realizado devido à atmosfera feliz em relação à vida amorosa.

Aquele ser que antes “adorava as flores”, “amava as alvoradas”, “amava as brisas peregrinas”, “as pequeninas e rútilas estrelas”, vê-se em repentina transformação que envolve a si mesmo e se expande a uma súbita mudança; tudo por causa do ser amado – “Mas que mudança! Um dia te encontrei,/ E para amar, somente, a tua imagem,/ Estrelas, flores, tudo desprezei!...”.

No Romantismo, a aproximação entre o poeta e a natureza é inevitável, uma vez que esta passa a ser mãe e confidente da voz poética. Como já dissemos em momento anterior, ela solidariza-se com a situação do sujeito lírico, quando, em determinado momento, o relacionamento amoroso é desfeito. Ao reencontrar o ser amado, o amor torna-se superior à natureza.

De acordo com Camargo (2020, p. 162), o tema do amor “atravessa toda a obra de Leodegária de Jesus, é uma experiência ora juvenil, ora de arroubos felizes, ora amarga e escrita no infortúnio”. Ainda, segundo a estudiosa, “sua biografia nos narra o amor correspondido entre a adolescente poetisa e Djalma Guimarães – jovem de família importante da Cidade de Goiás” (CAMARGO, 2020, p. 162).

Esse relacionamento causou muita dor à Leodegária de Jesus, devido às diferenças sociais existentes entre ela e o ser amado. Vale ilustrar esses comentários com o poema “Estâncias”, extraído de sua primeira obra, poema que muito nos lembra “Esse inferno de amar – como eu amo” de Almeida Garrett, fundador do Romantismo em Portugal.

Estâncias

A ti

Quando me fitas esse olhar tão grave,
Tão doce e cheio de melancolia,
Fica minh'alma em êxtase suave,
Esqueço a vida, esqueço esta agonia
Que me tortura a alam, noite e dia,
Quando me fitas esse olhar tão grave.

Duma tristeza infinda de sol posto
São esses olhos lindos, sonhadores;

Nos quais traduzo um perenal desgosto,
 Nos quais diviso um bátrio de dores.
 Amo esses olhos cheios de dulçores,
 Duma tristeza infinda de sol posto!

Oh! Que me importam ríspidos martírios,
 Com que me cerca o fado traiçoeiro!
 Se, nesses olhos tristes, como os círios,
 Que valem mais do que o universo inteiro,
 Encontro sempre um balsamo fagueiro?
 Oh! Que me importam ríspidos martírios!
 (JESUS, 2020, p. 35)

Este inferno de amar – como eu amo!

Almeida Garrett

Este inferno de amar - como eu amo!
 Quem mo pôs aqui nalma... quem foi?
 Esta chama que alenta e consome,
 Que é a vida - e que a vida destrói -
 Como é que se veio a atear,
 Quando - ai quando se há-de ela apagar?

Eu não sei, não me lembra: o passado,
 A outra vida que dantes vivi
 Era um sonho talvez... - foi um sonho -
 Em que paz tam serena a dormi!
 Oh! que doce era aquele sonhar...
 Quem me veio, ai de mim! despertar?

Só me lembra que um dia formoso
 Eu passei... dava o sol tanta luz!
 E os meus olhos, que vagos giravam,
 Em seus olhos ardentes os pus.
 Que fez ela? eu que fiz? - Não no sei;
 Mas nessa hora a viver comecei...
 (MOISÉS, 1989, p. 234-235)

O poema “Estâncias” ‘vela e revela’ a presença do amado, retratando a dor da perda causada por um amor impossível. “Nele a poetisa consegue escapar do artificialismo do fazer poético e balizar o registro lírico” (CAMARGO, 2020, p. 163). Esse poema, como dito, dialoga com aquele do escritor português, no tocante ao gozo que provoca a ação do amar. O amor supera tudo, até a própria vida.

Para o romântico, amar é, ao mesmo tempo, tristeza e felicidade, quanto maior o sofrimento, maior é sua dedicação a esse sentimento prazeroso, que alimenta a alma e traz contentamento à matéria. Essa aproximação poética é significativa entre a primeira estrofe de “Estância” e a primeira e última de “Este inferno de amar – como eu amo!”.

Nota-se na obra de Leodegária de Jesus que a aproximação de alguns de seus poemas a outros de poetas românticos é evidente como mencionado nos parágrafos anteriores e, para

continuar ilustrando o tão cantado amor impossível, traremos uma aproximação de “Estâncias” e outro poema presente na obra *Coroa de Lírios* (1906), “Supremo gozo”.

Supremo gozo

A...

Não dou valor ao sol mais perfulgente,
Diante destas joias peregrinas.
José Chagas

Quando os teus olhos lânguidos, formosos,
Nos meus, se fitam, com ideal ternura,
Nesses olhares vagos, amorosos,
Vejo sorrir-me a vida, com doçura.

Quando em teus lábios frescos e mimosos,
Paira um sorriso, cheio de brandura,
Então, minh'alma, às regiões dos gozos,
Sinto evolar-se, plena de ventura.

Se te ouço a voz amena que deleita,
Mais que o cantar das aves peregrinas,
Ó alma santa, de minh'alma eleita,

Muda-se logo o mundo em paraíso;
As alegrias puras e divinas,
A me afagarem, ternas, eu diviso.
(JESUS, 2020, p. 44)

Os dois poemas, “Estâncias” e “Supremo gozo”, presentes na obra *Coroa de Lírios* (1906), dialogam no tocante ao tema do amor, não deixando de destacar um certo ar de sensualidade que emana, de forma sutil, do sujeito lírico com relação ao ser amado. É válido mencionar aqui que eles foram escritos quando Leodegária de Jesus contava com seus 15 para 16 anos, já que o livro veio a público com seus 17. Segundo a professora Darcy França Denófrío (2019, p. 35), “o poema ‘Supremo gozo’, entre tantos outros de amor, parece marcar o início desse idílio fadado ao sacrifício. Vem dedicado ‘A...’, ocultando intencionalmente o destinatário da mensagem”.

Neste poema, a questão do amor configurado pelo sujeito lírico “poderia ter sido apenas fruto da imaginação romântica de uma quase adolescente” (DENÓFRIO, 2019, p. 35), Poderia, mas não foi, pois, consoante estudos biográficos e relatos de pessoas da velha capital confirmam o real na poética de Leodegária, remetendo às referências do amor experienciado pela própria poeta na Cidade de Goiás, antiga Vila Boa. Não vamos cair aqui no biografismo, porém levaremos em consideração os dados biográficos, já que o livro *Coroa de Lírios* (1906) é composto de 30 poemas, sendo que quase metade se trata da temática do amor.

O poema “Supremo gozo” nos parece marcar a presença de um idílio amoroso, fadado ao sacrifício, como tantos outros de amor presentes na obra, como o já citado “Estâncias”. E aqui nos ateremos no diálogo, como dissemos anteriormente, entre os dois poemas. De acordo com Denófrío (2019, p. 35), “‘Supremo gozo’ nos dá bem a medida da maratona empreendida por Eros entre essa linha de saída e de chegada que representam o início da primeira e o da última década deste século, respectivamente” em que prevalecia “o mundo de preconceitos e patrulhadores da moral e dos bons costumes de uma cidade do interior”.

A cidade do interior mencionada refere-se à velha capital do estado de Goiás, Vila Boa, razão pela qual a poeta inicia o poema com a epígrafe “Não dou valor ao sol mais perfulgente,/ Diante destas joias peregrinas” de José Chagas. Na dedicatória, temos “A...”, provavelmente na intenção de ocultar o alvo a quem se destina a mensagem por razões às quais já arrolamos mais acima.

O poema “Supremo gozo” contém um prelúdio amoroso, isto é, sinal ou indício de que algo acontecerá, há um prenúncio. Além disso, apresenta uma disfarçada sensualidade, comportamento próprio dos românticos, advindo de uma adolescente no desejo de ocultar um sentimento “inocente”.

A poeta eleva-se como se voasse às “regiões do gozo” e se levanta até ao “paraíso”, porque se sente acariciada pelo olhar do ser amado – “Quando os teus olhos lânguidos, formosos,/ Nos meus, se fitam, com ideal ternura”, com um sorriso “nos lábios frescos e mimosos”, seguidos de “voz amena”, simbolizando “o espetáculo de pura ternura que a carne deste fim de século jamais pôde suspeitar que pudesse existir”, emanando de uma alma inocente e enamorada.

Compare-se a primeira estrofe desse poema com o “Estâncias” e percebemos a presença de um amor que está acima da carne, em uma transcendência às regiões do platônico, “mas essa também era a única forma possível para as moças de família daquele tempo, em que se passava por rígida formação, como a que passou Leodegária de Jesus” (DENÓFRIO, 2019, p. 36).

Nesses poemas, “Supremo gozo” e “Estâncias”, cujo tema é o amor, percebe-se a preservação do anonimato do destinatário da mensagem, como se pode notar em “A...” e “A ti”, respectivamente, velando e revelando a presença do ser amado.

O olhar é apresentado, no primeiro, de uma forma tenra e formosa; no segundo, é um “olhar tão grave, tão doce, tão cheio de melancolia,/ [...] Numa tristeza infinda de sol posto”. Os olhos do ser amado “tristes, como os círios” e, ao mesmo tempo, “tão grave” são um lenitivo para o sujeito lírico. Eles funcionam como se fossem uma fenda prenunciando o paraíso, tudo construído ao feitio romântico.

Com relação à sensualidade presente nos poemas, “fica na minh’alma em êxtase suave” e “às regiões dos gozos”, é possível notar que esse ar traz um magnetismo que conduz o sujeito poético ao arrebatamento, levando-o ao esquecimento da dor e da agonia que tortura a alma, pois o que prevalece é o amor.

Assim, após um levantamento das temáticas dominantes no Romantismo, foi possível constatar que na produção poética de Leodegária de Jesus, em suas duas únicas obras, *Coroa de Lírios* (1906) e *Orchideas* (1928), são visíveis laivos da estética romântica, como a evasão no tempo e no espaço, culto à natureza, a morte, o egocentrismo, o pessimismo, a sensualidade e o tema universal cantado em todos os momentos na literatura – o amor.

Nos próximos capítulos, a partir dos poemas de Leodegária de Jesus, traremos reflexões teóricas, considerando espaço, tempo, memória e recordação em sua poesia.

2. O ESPAÇO NA POESIA DE LEODEGÁRIA DE JESUS: voando nas vastidões.

NOÇÕES

*Entre mim e mim, há vastidões bastantes
para a navegação dos meus desejos afligidos.
(Cecília Meireles, 1929)*

Neste capítulo, serão apontadas algumas reflexões teóricas sobre o espaço/tempo/imagem na poesia, em especial, na poética leodegariana. Para tal, buscaremos informações em teóricos, como Bachelard (1978), Bosi (1977), Paz (2014), Tuan (1980; 1983) entre outros que nos direcionam a tratar desses temas.

Com relação ao espaço, este foi por muito tempo compreendido como um elemento estático de delimitação do mundo, no qual se impunham ao ser humano limites precisos. Entretanto, na atualidade, sua concepção tem uma significação mais profunda já que se expande não mais em contextos limítrofes, rumando ao desconhecido. Assim, o espaço não precisa mais ser considerado somente a partir de demarcações fixas, finitas, como algo fechado. Ele ganha proporções maiores, dilatando-se e se estendendo em diferentes vastidões.

Ao analisar o aspecto espacial na literatura, apega-se ao seu sentido simbólico, que se relaciona também à esfera existencial, estruturando as personagens e sua representação não só nas descrições, bem como na formação do mundo. O espaço não é mais só uma moldura, projeta-se como ambiente de (des)proteção, (in)segurança, (des)conforto e refúgio.

Segundo Rosenthal (1975, p. 55), “[o] espaço, despojado por completo de qualidade duradoura e inalteráveis, é subjetivamente integrado na ação, permitindo que se revele com nitidez o caráter indefinível de nossa realidade ‘flutuante’”. Sendo assim, pode-se considerar o espaço como um construto humano e variado de experiências, relacionando-se a um acontecimento, a uma história, que não é delimitado superficialmente. Ele está também no abstrato, no símbolo, não somente aplicado a distâncias e extensões de grandeza.

Considerando o espaço como esse elemento subjetivo das construções humanas, vê-se sua importância nas composições literárias, em especial, na poesia. Como evidenciado anteriormente, o intuito deste capítulo é pontuar como os aspectos espaciais, de tempo e memória perpassam a poética de Leodegária de Jesus, com alguns recortes de poemas para exemplificação.

A cidade é o refúgio e é este o lugar que foi escolhido por Leodegária de Jesus. Com sua mudança de Goiás, antiga Vila Boa, para outras cidades em Minas Gerais, como foi visto no primeiro capítulo, essa alteração de ambiente provoca um sentimento de insegurança, que

acaba gerando uma ambiência de angústia e de sofrimento. Há, então, um contraste entre o alegre canto quando a poeta se refere aos lugares de sua infância e juventude, e um lamento individual, transformado pela saudade, visto estar em outra cidade. Dessa forma, os lugares indicados em sua obra expressam claramente a percepção de um espaço vivido, construído de modo particular, por meio de suas vivências, estando assim dotado de significado e afetividade.

Verifica-se que a questão espacial como representação do indivíduo e de seus sentimentos é uma constante na poesia de Leodegária de Jesus. Para tanto, dar-se-á início aqui com as discussões a respeito de topofilia apontadas por Yi-Fu Tuan (1980, p. 5), que a considera como “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”.

De origem grega, a palavra topofilia é constituída de dois itens lexicais: *topos*, que quer dizer lugar; e *filia*, sentimento positivo. É o lugar de realização, em que o indivíduo se sente confortável e sem perturbações. Pode ser considerado, ainda, como o ambiente natural construído a partir de sentimentos, em especial, pela percepção sensorial.

A partir de elementos sensoriais, o sujeito pode vivenciar o universo que o cerca, desenvolvendo uma visão de mundo que se revela como uma experiência, em parte, individual e, em outra, social. No universo poético de Leodegária de Jesus, nossa poeta Passarinho, o sentimento topofílico é muito singular. Os lugares indicados em seus poemas não são descritos apenas como palco de suas memórias, mas como um reflexo da identidade do sujeito autobiográfico. Muitas vezes, ele sugere ser a extensão do próprio indivíduo por apresentar traços comuns quanto à percepção, ao valor e à atitude diante do espaço:

Percepção é tanto a resposta de sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados. Muito do que percebemos tem valor para nós, para a sobrevivência biológica, e para propiciar algumas satisfações que estão enraizadas na cultura. Atitude é primeiramente uma postura cultural, uma posição que se toma frente ao mundo. Ela tem a maior estabilidade do que a percepção e é formada de uma longa sucessão de percepções, isto é, de experiências. [...] As atitudes implicam experiência e uma certa firmeza de interesse e valor. (TUAN, 1980, p. 4, grifos do autor)

Ao considerar a complexidade da experiência humana, Tuan (1983), em sua obra *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*, afirma que ela varia desde o que é mais primário, podendo atingir uma concepção nítida do que são os sentimentos. De acordo com o teórico, a “experiência é um termo que abrange as diferentes maneiras através das quais uma pessoa conhece e constrói a realidade” (TUAN, 1983, p. 9). Essas maneiras estão associadas aos sentidos ligados aos órgãos sensoriais passivos (olfato, paladar e tato), podendo estender-se aos mais ativos, como a visão, e, ainda, a outros sentidos, como a simbolização.

Assim, os espaços constituem “locais” de reflexão humana em relação às subjetividades – sensações e pensamentos. Nesse contexto, pode-se mencionar o poema “Ao meu país”, em que afirma que a sua terra é a melhor alternativa para um viver harmonicamente e alegre, por representar seu espaço de identificação. É ali que reside o equilíbrio entre o indivíduo, o espaço e a natureza.

Ao meu país

Brasil, pátria minha, país sem rival,
De todos da terra tu és o primeiro;
Teu céu deslumbrante, d’azul sem igual
Ostenta formoso esplendor do cruzeiro.

Teus campos tão vastos, vergéis floridos
Dispersos, revelam do solo a pujança;
Tens ricos tesouros no seio escondidos
Que dão a teus filhos fartura e bonança.

Tens amplos valados, altivas montanhas,
Das matas antigas assombra, as belezas,
E serras gigantes em cujas entranhas,
Reluzem as pedras, se ocultam riquezas.

No seio das selvas, jardins colossais,
Soluçam regato sentidas surdinas.
Não tem, minha terra, no mundo, rivais
Teus rios e o verde de tuas campinas.

Eu amo a beleza de teus arrebóis
E tuas auroras sem par, meu Brasil.
Adoram teus filhos, ó terra de heróis.
Teu sol, os palmares, teu céu cor de anil.
(JESUS, 2021, p. 135)

Na composição do poema “Ao meu país”, talvez Leodegária de Jesus tenha dito que todos cantaram sua terra e ela cantaria a sua, assim como o poeta da saudade, Casimiro de Abreu, nos primeiros versos de seu poema “Minha terra”, escrito em 1856, na cidade de Lisboa – “Todos cantam sua terra/ Também vou cantar a minha [...]”. Ambos se referiam ao Brasil, terra “onde a brisa em seus rumores murmurai: - não tem rival” (ABREU, 1983, p. 26) ou “Brasil, pátria minha, país sem rival” (JESUS, 2021, p. 135).

Imbuídos de um sentimento de identidade próprio dos românticos, exteriorizaram seu amor à pátria, pois, segundo Yi Fu Tuan (1980, p. 115), “o patriotismo como uma emoção, poucas vezes está ligado a uma localidade específica: por um lado é evocado por categorias abstratas de orgulho e poder e por outro, por certos símbolos, como a bandeira.

Eu amo a beleza de teus arrebóis
 E tuas auroras sem par, meu Brasil.
 Adoram teus filhos, ó terra de heróis,
 Teu sol, os palmares, teu céu cor de anil.
 (JESUS, 2021, p. 135)

Percebemos nesses versos que compõem a última estrofe do poema um sentimento do sujeito poético, estreitamente relacionado a um comportamento nacionalista e de pertencimento a essa terra que deixa transparecer uma profunda necessidade de voltar ao regaço da pátria mãe, oriundo de um ser que se sente exilado, não em outro país, mas dentro de si mesmo. “A lealdade para com o lar, cidade e nação é um sentimento poderoso”, pois que “o patriotismo local reside na experiência íntima do lugar e no sentido da fragilidade do que é bom: não há garantia de que dure aquilo que amamos” (TUAN, 1980, p. 117).

Desse modo, a decantação do país, tido como lar, apresenta-nos como um “lugar de segurança”, e/ou um “espaço de liberdade”, uma vez que estamos “ligados ao primeiro e desejamos o outro”: lugar e espaço de felicidade. (BACHELARD, 1978) Isto está evidenciado nos versos de Leodegária de Jesus, no poema já citado, “Ao meus país”.

Brasil, pátria minha, país sem rival,
 De todos da terra tu és o primeiro;
 Teu céu deslumbrante, d’azul sem igual
 Ostenta formoso o esplendor do cruzeiro.
 (JESUS, 2021, p. 135)

A questão do espaço na poética de Leodegária de Jesus não só nos remete à ideia de nacionalidade, ligada ao país. A poeta escolhe outros lugares e espaços para simbolizar a casa, como um ninho, que acolhe e representa o refúgio para o eu lírico. Neste sentido, a imagem da casa, da moradia, tanto para os pássaros quanto para os homens de qualquer cultura é “mesmo um paraíso, chão abençoado”; é um “recanto de paz, ternura e amor”¹⁰.

No poema a seguir, “Supremo Anelo”, também se observa essa questão:

Supremo Anelo

Voltar a ti, ó terra estremecida,
 E ver de novo, á doce luz da aurora,
 O vale, a selva, a praia inesquecida,
 Onde brincava pequenina outrora;

10 Os trechos foram extraídos da música “Lá onde eu moro” de composição de Tião Carreiro e Luiz de Castro para ilustração. (TIÃO CARREIRO E PARDINHO. **Lá onde eu moro**. São Paulo: Continental:1972. LP LADO A (16’ 40”)

Ver uma vez ainda essa querida
Serra Dourada que minh'alma adora;
E o velho rio, o Cantagalo, a ermida,
Eis o que sonho unicamente agora.

Depois... morrer fitando o sol no poente,
Morrer ouvindo ao desmaiar fagueiro
De tarde estiva o sabiá dolente.

Um leito, enfim, bordado de boninas,
Onde dormisse o sono derradeiro,
Sob essas verdes, placidas colinas.
(JESUS, 2021, p. 25)

É importante enfatizar que a imagem é um termo repleto de significação, ela faz com que a poesia tenha sentido, a partir da revelação do imaginário. Assim, quando consideramos a imagem na poesia, fazemos referência ao que está sugerido. Consoante Octavio Paz (2014, p. 120), “a realidade poética da imagem não pode aspirar à verdade. O poema não diz o que é, e sim o que poderia ser”.

Voltar a ti, ó terra estremecida,
E ver de novo, à doce luz da aurora,
O vale, a selva, a praia inesquecida,
Onde brincava pequenina outrora.
(JESUS, 2021, p. 25)

Dessa forma, nessa estrofe de “Supremo Anelo”, a poeta extravasa seus sentimentos ao descrever, por meio de imagens, que nos deixam ver, através de suas recordações, lembranças da infância, fortes elos de afinidade com o espaço onde vivera “outrora”. Segundo Tuan (1980, p. 114), “a consciência do passado é um elemento importante do amor no amor pelo lugar”.

Vale lembrar que, quando Leodegária de Jesus escreveu tais versos, ela não se encontrava no estado de Goiás e, por isso, sentia-se exilada, distante do lugar em que nascera e vivera seus tempos de juventude. Nota-se que espaço e memória têm relações íntimas e tal comportamento representa um sentimento de identidade com as terras goianas, comum também a outros poetas, como um seu contemporâneo, Joaquim Bonifácio Gomes de Siqueira (Goiás, 1883-1923), em dois poemas publicados em *Folheto – alguns versos* (1913), que tiveram grande popularidade em Goiás: “Luares Goianos” e “Noites Goianas” (CATELAN; GOYANO, 1970).

LUARES GOIANOS
Quantos encantos encerra
Um luar de minha terra,
Falando cousas de amor
(CATELAN; GOYANO, 1970, p. 76)

NOITES GOIANAS

Goianos a sonham da pátria saudosos,
 Nas terras de lá...
 São noites de risos, de afetos, de gozos.
 As noites de cá.
 (CATELAN; GOYANO, 1970, p. 77)

Como podemos observar, a casa e o lar nos versos de Leodegária de Jesus, como nos de Joaquim Bonifácio Gomes de Siqueira, representam um espaço maior – a cidade, berço natal. Esse espaço está nas nossas lembranças, guardado em nossa memória por ser um lugar onde habitamos e crescemos. Nesse viés, podemos lembrar de que o habitar transcende a morada do nosso corpo físico e se expande sob os lugares onde residem os devaneios do nosso imaginário (BACHELARD, 1978).

A casa, nosso lar, seja um palacete ou uma cabana é o espaço onde nos acomodamos e nos encolhemos. “Parece que a imagem da casa torna-se a topografia do nosso ser íntimo” (BACHELARD, 1978, p. 18). A casa é o lugar de encolhimento de nós mesmos, é o reduto de nossa alma, é o espaço onde depositamos, de forma oculta, nossos desejos, nossos maiores segredos. “Encolher pertence à fenomenologia do verbo habitar. Só mora com intensidade aquele que já soube encolher-se” (BACHELARD, 1978, p. 197).

Logo, o termo encolhimento é utilizado por Bachelard (1978), em *A poética do Espaço*, para representar a necessidade do sujeito de afastamento, de refúgio do mundo exterior, em que ele se reduz para caber no espaço mais íntimo e seguro para si, a própria casa.

A ela se volta, ou sonha voltar, como um pássaro *volta* ao ninho, como o cordeiro volta ao aprisco. Este signo do *retorno* marca infinitos devaneios, pois os retornos humanos se fazem sob o grande ritmo da vida humana, ritmo que atravessa os anos, que luta contra todas as ausências através do sonho. Sobre as imagens apropriadas ao ninho e da casa repercute um componente de íntima fidelidade. (BACHELARD, 1978, p. 261-262 – grifos do autor)

A casa, como lugar de proteção, tem valores imaginados, fantasiosos, espaços de fuga e símbolo de “habitar” – morada da alma humana. Ainda, segundo Bachelard (1978), a casa, portanto, existe primeiramente e mais sensivelmente no imaginário do que no material. Isso quer dizer que as imagens da casa, ou de qualquer espaço que se tenha como morada, estão em nós tanto como estamos nelas. De acordo com o referido filósofo, entende-se tudo isso como uma via de mão dupla.

Como diria Leodegária de Jesus (2021, p. 29), em seu poema, “Longe”: “aqui, tão longe, triste sem carinho [...]/ Eu sinto mais dorida/ Esta imortal saudade infinda/ Dos lares meus, da casa de meus pais”. Esses versos dialogam com os de Casimiro de Abreu (1983, p. 27), do

poema “Saudades”: “Nessas horas de silêncio [...] / Então – proscrito e sozinho – / Eu solto aos ecos da serra / Suspiros dessa saudade – / Saudades – dos meus amores, / Saudades – da minha terra!”.

Muito antes da construção concreta da casa ou qualquer coisa similar, essa já reside enquanto proteção de nossos desejos e necessidades, os sonhos de uma possível existência feliz. “Se se volta à velha casa como se retorna ao ninho, é porque as recordações são dos sonhos, é porque a casa do passado transformou-se numa grande imagem, a grande imagem das intimidades perdidas” (BACHELARD, 1978, p. 262). Citamos de Leodegária de Jesus os poemas “Ninho vazio” e “Jataí”.

Ninho Vazio

Ao Dr. Felício Buarque de Macedo

Por entre ramas verdes, perfumadas,
Que do ribeiro à margem vicejavam,
Entre o sorrir das flores delicadas,
Ninho gentil as auras balouçavam.

Dentro, um casal de pássaros vivia,
Em idílio contínuo, descuidado,
E, docemente, a vida lhe corria,
Num transporte de amor imaculado.

Mas chega o inverno, em desamor ferino,
E então expulsa as aves, de momento,
Do sorridente abrigo pequenino.

Hoje, esse ninho, a balouçar silente,
Ao sopro frio e ríspido do vento,
Encerra em si um quadro comovente.
(JESUS, 2020, p. 26)

Jataí

E, choro, sim, e suspiro
Por esses campos que amo.
C.A.

Não vês aquela campina,
De flores mil adornada,
Tanta palmeira plantada,
Tanta açucena e bonina?

Ao longe, brancas casinhas,
Não vês o lindo horizonte,
O murmurinho da fonte,
E o canto das avezinhas?

Essa campina alacr’ante
É meu berço idolatrado,
É Jataí adorado,
Essa terra deslumbrante.

Foi nessa terra querida,
Nessa campina formosa,
Que s'escoou descuidosa,
A infancia minha florida.

Nas tardes belas de Abril,
Eu deslumbrada, dizia:
Quanta beleza e magia,
Neste canto do Brasil!
(JESUS, 2020, p. 31)

Sobre o primeiro, temos uma atitude romântica por parte do eu lírico, características, como retorno ao passado, contraste entre o ontem e o hoje, recuo no passado e recordação – “Hoje, esse ninho, a balouçar silente,/ Ao sopro frio e ríspido do vento,/ Encerra em si um quadro comovente” (JESUS, 2020, p. 26). Do segundo, destacamos que o eu poético deixa transparecer uma atitude tofófica diante dos quadros descritos, que formam verdadeiros espaços emotivos, os quais exteriorizam a subjetividade, ao sabor da estética romântica, do sujeito poético que nos induzem a associar que se trataria da própria autora, expondo seu maravilhamento diante desses quadros naturais.

Ainda, no poema “Jataí”, a cidade é como se fosse um berço de infância, “seu berço idolatrado”, onde a poeta vê “escoar” seus primeiros momentos pueris. Jataí era o espaço de liberdade – o seu tempo de criança “que os anos não trazem mais”. A poeta evade-se no tempo em busca da “infância florida”, atitude muito comum nos poetas da estética romântica, principalmente, em Casimiro de Abreu, como já mencionamos anteriormente.

Para Leodegária de Jesus, Goiás é, parafraseando Victor Hugo, escritor francês, o ovo, o ninho, a casa, a pátria e o universo. Conforme Bachelard (1978, p. 230), “às vezes, a casa cresce, se estende”. Em outra cidade contra sua vontade, a poeta confessa em versos sua saudade, sonhos, devaneios causados por esse distanciamento que muitas dores lhe causaram.

Quando o poeta a desdobra [a casa], a estende, ela se oferece num aspecto fenomenológico muito puro. A consciência "se eleva" no momento de uma imagem que comumente "repousa". A imagem não é mais descritiva, é resolutamente inspiradora. Estranha situação, os espaços amados não querem ficar fechados! Eles se soltam. Diríamos que se transportam, facilmente aliás, para outros tempos, para outros planos diferentes dos sonhos e das lembranças. (BACHELARD, 1978, p. 231-232).

Quando construímos uma casa, seja ela uma cabana, um barraco ou um palácio, isso é feito no plano de mundo real e/ou no plano do imaginário. No que concerne ao primeiro plano, o efêmero o destrói, consome-o, nada é eterno; mas, esse espaço construído no plano da realidade permanecerá em nós, uma vez que o transportaremos para o nosso mundo mais secreto, mundo onde habitam nossos sonhos, devaneios, muito além de nossas lembranças.

Segundo Henri Bergson (1999), a memória e a consciência são coincidentes, sendo que a primeira se identifica com a segunda. Assim, é pela e na memória que conseguimos resgatar nosso passado e os momentos vivenciados e experienciados em nossa existência. Os seguintes versos extraídos do poema “Goiás”, de Leodegária de Jesus, ilustram bem o que foi dito pelo teórico. A poeta escreve: “Ao ver-te tão distante agora”, “E vivo a recordar as joias ricas”, “Vivo a sonhar contigo eternamente”.

Goiás

*Pátria, tudo me falece
Para erguer teu esplendor.
A. Lessa*

Goiás querida! pérola mimosa
Destes sertões soberbos do Brasil!
Terra que amo, que minh'alma adora,
Ao ver-te longe, distante, agora,
Quero-te mais ainda,
Minha terra gentil!

E vivo a recordar as joias ricas
Que te enfeitam o colo primoroso;
A serra azul, os rios, as palmeiras
De cujas frondes vírdes, faceiras,
Saúda o pôr do sol
O sabiá queixoso.

Ah! Como é belo nas manhãs rosadas,
Cheias de luz, de aromas, de harmonias,
Correr teus vales aromatizados,
Ver deslizar teus rios sossegados,
Aos beijos perfumosos
Das auras fugidias.

Em noites consteladas, quando a flauta
E os bandolins desatam pelo espaço,
Essas notas refeitas de pesares,
Ao palor ideal de teus luars,
Como é grato sonhar
Em teu morno regaço.

E como é doce à sombra dessas matas,
Onde tecem rolinhas ninhos frouxos,
Acalentar um sonho estremeado,
Ouvir do arroio o marulhar sentido,
À luz aveludada
Desses teus poentes roxos.

Terra garbosa e linda, que saudades
Dessas montanhas verdes cismativas
Que meu olhar dorido idolatrava!
Onde, com tanto afeto repousava,
Em tardes fumarentas
Ou nas manhãs estivas.

Ó Pátria minha estremeada e bela,
Não mais verei o teu azul risonho,

Mas, onde quer que me conduza o fado,
Jamais te esquecerei, berço adorado,
De minha dor primeira!
Do meu primeiro sonho!

Aqui, onde exilou-me a desventura
E a mocidade minha saturada
De amargores falece, tristemente,
Vivo a sonhar contigo, eternamente,
Ó terra de minh'alma!
Ó Pátria idolatrada!
(JESUS, 2021, p. 23-24)

Através do sujeito lírico, percebem-se os lamentos queixosos, porque se sente exilado e para um indivíduo envolvido por um sentimento de perda, e não se sabe se momentâneo ou eterno, a cidade, lugar onde vivera parte de sua adolescência, “é a própria pessoa, sua forma e seu esforço mais imediato” (MICHELET, 1858, p. 208 apud BACHELARD, 1978, p. 263).

A casa, a morada, é para a pessoa que a habita sua vestimenta mais ajustada possível, aos moldes de seus desejos mais secretos, onde residem seus devaneios e até recônditos sonhos. “Em suma, na mais interminável dialética, o ser abrigado sensibiliza os limites de seu abrigo. Vive a casa em sua realidade e em sua virtualidade, através do pensamento e dos sonhos”. (BACHELARD, 1978, p. 200).

Leodegária de Jesus elege a cidade de Goiás, antiga Vila Boa, como a sua casa, essa morada que a abrigou e contemplou todos os seus sonhos e desejos adolescentes. No poema “Goiás”, podemos perceber que o espaço é descrito em sua amplitude; contudo, não perdendo as características do lugar que a acolhe e encolhe, conforme já dito por Bachelard (1978). O espaço se torna sua própria casa, o seu lar.

[...]
Ao palor ideal de teus luars,
Como é grato sonhar
Em teu morno regaço.

[...]
Vivo a sonhar contigo, eternamente,
Ó terra de minh'alma!
Ó Pátria idolatrada!
(JESUS, 2021, p. 23-24)

Nota-se, na expressão “morno regaço”, a imagem do acolhimento; contudo, é relevante ressaltar que “a imagem é uma frase em que a pluralidade de significados não desaparece. A imagem recolhe e exalta todos os valores das palavras sem excluir os significados primários e secundários” (PAZ, 2014, p. 130). Goiás, assim, é a metáfora do útero materno, em que

“morno” simboliza o conforto e o aconchego e o “regaço” remete à casa, ao ninho que faz o acolhimento e o encolhimento. “Nossa casa, compreendida em seu poder onírico, é um ninho no mundo. Viveremos dentro dela com uma confiança inata, tão verdadeiramente participamos, em nossos sonhos, da segurança de nossa primeira morada” (BACHELARD, 1978, p. 264).

Os poemas “Ao partir” e “Coragem” do livro *Orchideas*, de algum modo, tratam do distanciamento da terra natal, daquilo que a poeta tem como pátria. Eles tratam de vários sentimentos, existe um enunciado de saudade do lugar deixado, de onde teve que partir, às vezes involuntariamente, deixando lugares e pessoas para trás.

Ao partir

Ó vamos coração!... teu desalento,
Essa profunda, atroz ansiedade
Vem do tristonho, negro isolamento,
Em que propões gastar a mocidade.

Vamos... não temas o aborrecimento,
Longe dos teus e longe da cidade;
Vais ver como o ar, o campo, a liberdade
Vão dar-te força, vida e muito alento.

E quando em vez de montes tão sombrios,
Tiveres, ante os olhos doloridos,
Céu azul, campos verdes, mansos rios,

Bendirás, meu amigo, com certeza,
A hora em que deixaste, entre gemidos,
Goiás – o ninho frio da tristeza.
(JESUS, 2021, p. 27)

Nos versos da segunda estrofe, “Vamos... não temas o aborrecimento,/ Longe dos teus e longe da cidade;/ Vais ver como o ar, o campo, a liberdade/ Vão dar-te força, vida e muito alento”, percebemos que, mesmo aborrecido por deixar o lugar em que habita e, conseqüentemente, os entes queridos, esse distanciamento vai colaborar com que certos sentimentos de dor, de mágoa e de amores perdidos fiquem no passado.

Para a poeta, esse passado está envolto por “montes sombrios”, causando “gemidos”, uma vez que nesse momento o espaço habitado – Goiás – para ela, representa o “ninho frio da tristeza”. De acordo Tânia Rezende (2021, p. 184), “dado que o corpo e lugar são indissociáveis, o distanciamento físico não implica desligamento ou ruptura, isto é, ‘estar fora’ não significa ‘ser de fora’ nem estar distante, porque o distante é o ‘de forasteiro’”. Esse pressuposto está claro também no poema “Coragem”.

Coragem

No álbum de um triste

Se é doloroso, assim viver, sozinho,
Se a saudade da pátria te lacera,
Se te magoam cardos do caminho,
Mas quanto glória, sonhador, te espera!

E quantos louros, coração de arminho,
Irão cingir-te a nobre fronte austera!
Ó tu, que vives longe do carinho,
Alma feita de luz e primavera!

Quando um dia voltares ao querido
País natal; guardando esse tesouro
Que são as palmas loiras da vitória,

Verás, então, poeta destemido,
Teu nome escrito, em grandes letras d'ouro.
Nas refulgentes páginas da história.
(JESUS, 2021, p. 39)

Percebemos que a terceira estrofe traz bem a questão do distanciamento, como vimos nos poemas “Goiás” e “Ao meu país”, ambos de *Coroa de Lírios*. Assim como lá, aqui em “Coragem”, o eu lírico trata da “saudade da terra natal deixada sem ser deixada” (REZENDE, 2021, p. 184).

Sentindo-se exilado, “proscrito e sozinho”, como é comum em outros poetas do Romantismo brasileiro, como, por exemplo, Gonçalves Dias e Casimiro de Abreu, a voz poética, sentindo saudades de sua terra, só pensa em voltar um dia no querido ninho, trazendo consigo “as palmas loiras da vitória”, para não mais viver “longe do caminho” do “querido país natal”.

Desse modo, vemos que, nos dois poemas, tempo e espaço estão associados e que esse artifício só é possível por conta das lembranças, resgatadas através da memória. “Tempo e lugar são atualizados na malha socioenunciativa dos poemas, por meio de travessias transtemporais e transespaciais” (REZENDE, 2021, p. 184).

No poema “Volúvel”, verifica-se que espaço e tempo estão intimamente ligados e interligados. Temos dois espaços de tempo – presente/passado, passado/presente –, em que o eu lírico se evade no tempo e se vê em um momento-espaço de felicidade, porque há nesse instante entre ele(a) e o seu amado.

Volúvel

De minha vida na vereda escura,
Eu deparei-te um dia.
Amei-te muito, amei-te, com loucura,

E feliz me sentia.

O meu caminho que era só abrolhos,
De flores mil juncaste.
E, com a luz sublime de teus olhos,
A senda iluminaste.

Tempos passaram, céus! E me fugiste;
O teu amor faltou-me.
E deste então, saudade roxa e triste,
No seio vicejou-me.
(JESUS, 2020, p. 33)

O poema constitui-se de três quadras com versos decassílabos e hexassílabos alternados nas quadras. Ocorre no poema uma conhecida característica romântica que é a evasão no tempo; neste caso, recuo no passado. Se observamos as duas primeiras estrofes, vemos que a felicidade é plena no passado, mas há um contraste entre estes dois lapsos de tempo, ou seja, passado/presente, presente/passado.

Ainda nas duas primeiras quadras, é possível notarmos essa contradição: “De minha vida na vereda escura”. Destacamos as imagens “vereda escura”, denotando vida triste, amargurada, mas que se torna alegre ao reencontrar a pessoa amada – “eu deparei-te um dia”, “amei-te, com loucura”, “feliz me sentia”.

Percebe-se que, no passado, o eu poético sente-se infeliz, porém, ao se deparar com o ser amado – “eu deparei-te um dia” –, entrega-se com loucura ao amor – “amei-te muito, ameite, com loucura” –, passa, então, a sentir-se feliz, dedicando-se a esse sentimento, comportamento próprio dos românticos.

Nesse recuo ao passado, percebemos um contraste entre passado e presente: “de minha vida na vereda escura” e “feliz me sentia”. Essa inconformidade continua nos versos “o meu caminho que era só abrolhos, /De flores mil juncaste”. Ora a alegria, ora a tristeza. O termo “abrolhos” é a metáfora da tristeza e sofrimento. Temos, então, na segunda estrofe, nos dois primeiros versos, esse ar de infelicidade, mas que é recompensado nos próximos versos – “E, com a luz sublime de teus olhos,/ A senda iluminaste”, em que há o retorno à felicidade.

Esta forte presença da antítese, envolvendo presente/passado e passado/presente é fortemente visível na última estrofe do poema, nas imagens “tempos passaram” – “Tempos passaram, céus! E me fugiste;/ O teu amor faltou-me” –, referindo-se ao ontem e “desde então” – “E deste então, saudade roxa e triste,/ No seio vicejou-me”, ao hoje.

Assim, verifica-se que o referido poema se nos apresenta ao sabor do Romantismo, pela evasão, utilizando recordações, envoltas por tristeza e melancolia – “saudade roxa e triste” -

que retratam um sujeito que outrora se achara perdido, angustiado; mas que se reencontrou ao se deparar com seu amado.

Porém, como tudo na existência humana é efêmero – felicidade/infelicidade –, não fica incólume: aquele que antes se julgava perdido se reencontrou e, logo, em um átimo de tempo se perdeu novamente. Consoante Bosi (1977, p. 34), “o caminho passará pelo meio da nossa vida e a selva escura marcará o lugar onde um homem se perdeu e se reencontrou”.

Resgatando novamente a perspectiva da topofilia, apresentamos o poema “À velha serra”.

À velha serra

*Serranias azuis, pensativas montanhas
de minha terra, como eu vos amo!*

Daqui se te contemplo à doce luz do poente,
Coberta assim de sombra e neve vaporosa,
Eu sinto me inundar o coração dolente
Estranha, suave luz de paz maravilhosa.

Gosto de ver-te assim; perante a majestosa
Angústia que te envolve sempre... eternamente,
Eu me sinto feliz; esqueço inteiramente,
A mágoa que me punge e a vida tormentosa.

E quando nessas tardes lânguidas de inverno,
Vejo teu grande vulto imerso nesse eterno
E túrbido tristor, eu penso consolada:

Que guardas em teu seio enorme de granito,
Mudo e cheio de dor, um coração aflito,
Uma alma que soluça, exausta, torturada!...
(JESUS, 2021, p. 21)

Percebe-se que o espaço é simbolizado pelo sujeito poético, que remete ao microcosmo, e o seu lugar de identificação, “a velha serra”, que é parte de um universo maior, o macrocosmo, a exterioridade, identificado nos trechos: “Vejo teu grande vulto imerso nesse eterno/ E túrbido tristor, eu penso consolada:/ Que guarda em teu seio enorme de granito”. Consoante Marc Augé (1994, p. 76), o lugar “é o lugar do sentido inscrito e simbolizado, o lugar antropológico”.

Ao descrever o ambiente, caracterizando-o como o espaço de vida, com seio, coração e alma, nota-se que são despertados no sujeito sentimentos topofílicos, fornecendo estímulos que retratam, ainda mais, sua tristeza e sofrimento. A poeta fala de um acalento, a serra é o seio de acolhimento, uma vez que ela é personificada, tornando-se coparticipante de seus sentimentos: “Que guardas em teu seio enorme de granito,/ mudo e cheio de dor, um coração aflito,/ Uma alma que soluça, exausta, torturada!...” (JESUS, 2021, p. 21).

Podemos destacar, no referido poema, que há por parte do eu lírico uma projeção na paisagem que descreve, aqui representada pela serra, que é a própria natureza. Essa relação desperta sensações diversas no sujeito poético, a visão da serra faz com que sentimentos de alegria e tristeza apareçam. “Os estímulos sensoriais são potencialmente infinitos: aquilo a que decidimos prestar atenção (valorizar ou amar) é um acidente do temperamento individual, do propósito e das forças culturais que atuam em determinada época”. (TUAN, 1980, p. 129).

A serra, para o sujeito lírico, é uma espécie de confidente, em que a vida de um coaduna-se com a própria natureza da outra: “Gosto de ver-te assim perante a majestosa/ angústia que te envolve sempre... eternamente,/Eu me sinto feliz; esqueço inteiramente, a mágoa que me punge e a vida tormentosa” (JESUS, 2021, p. 21). É válido ressaltar que esse comportamento do eu poético é também uma atitude presente nos poetas românticos, que se evadiam na natureza, buscando-a como uma forma de refúgio e consolo.

Percebemos que esse diálogo entre o eu poético e o espaço “serra” é possível, pois, de acordo com a professora Tânia Ferreira Rezende (2021, p. 182-183), o lugar apresentado neste poema não é estático, imutável. Nota-se que a serra passa por um processo de personificação, animação e humanização. “Do ponto de vista da teoria literária, nesse soneto, um ser inanimado, a serra, é personificado, é animado e humanizado. Da perspectiva da comunicação cosmopolítica e da cosmolinguística, não existem as dicotomias humano/não humano, animado/inanimado”.

Assim, entre a serra e o eu lírico há uma simetria, ou seja, o espaço e o indivíduo pertencem a um mesmo plano, “são espaços unos e sagrados” (REZENDE, 2021, p. 183), reforçando a ideia de que sentimentos, dores, angústias, alegrias e tristezas são comuns aos dois elementos, não há distinção entre o que é sentido por um e pelo outro, colocando-os nesta indissociabilidade.

O espaço também, para Leodegária de Jesus, está associado a algo puro e intocado, em que a vida se coaduna com a própria natureza. Percebe-se no poema “Luar de Outubro” que há uma projeção da poeta na descrição da natureza.

Luar de Outubro

Luar de outubro claro, imaculado,
Feito de paz, de sonhos, de carinho!
Que coração não pulsa arrebatado,
Quando derramas teu clarão de arminho?

Se um teu reflexo melancolizado
E meigamente brando, de mansinho,
Vai se espelhar no lago sossegado

Ou nas areias brancas do caminho,

Que comoção despertas em minh'alma!
Uma saudade amargamente calma
Vem me pungir, no seio o coração...

Grata lembrança de meus dias idos,
Claros dias da infância decorridos,
No seio perfumado do sertão.
(JESUS, 2021, p. 49)

Na primeira estrofe do poema, “Luar de outubro claro, imaculado,/ feito de paz, de sonhos, de carinho! Que coração não pulsa arrebatado,/ Quando derramas seu clarão de arminho?”, nota-se que há um equilíbrio entre o eu poético e o elemento natural citado, o luar. Neste poema, segundo Tânia Rezende (2021, p. 184), “há expressão de lembranças da infância e de saudade desse tempo passado, como passado, sem transposição ou travessia enunciativa”.

Existe ainda a menção àquilo que é puro e sem mácula, remetendo ao sagrado. Mircea Eliade (1992), ao falar sobre o espaço sagrado e a sacralização do mundo, aponta que a sacralização espacial tem um valor existencial para o ser, em que porções espaciais são vistas diferentemente umas das outras.

O sagrado é o real por excelência, ao mesmo tempo poder, eficiência, fonte de vida e fecundidade. O desejo do homem religioso de viver no sagrado equivale, de fato, ao seu desejo de situar na realidade objetiva, de não se deixar paralisar pela relatividade sem fim das experiências subjetivas, de viver num mundo real e eficiente – e não numa ilusão. (ELIADE, 1992, p. 21)

Portanto, para o sujeito poético, o espaço aberto é o seu refúgio, lugar “de paz, sonhos e carinho”. Além de citar o luar, outros elementos aparecem, como o “lago” e as “areias”, que são projeção desse sagrado. As imagens que são construídas remetem a uma percepção daquilo que é calmo, branco e puro – “Vai se espalhar no lago sossegado/ Ou nas areias brancas do caminho.

Conforme Paz (2014, p. 130), “as imagens do poeta têm sentido em diversos níveis. [...], possuem autenticidade: o poeta as viu ou ouviu, são a expressão genuína de sua visão e experiência do mundo”. Logo, no poema “Luar de Outubro”, o que foi visto e experienciado pela poeta – “Que comoção despertas em minh'alma!” – reflete uma atitude de rememoração, o ser adulto recorda os dias ditosos, revividos quando criança – “Grata lembrança de meus dias idos,/Claros dias da infância decorridos,/No seio perfumado do sertão”.

No poema, as imagens estão associadas ao passado e ao presente. Nas duas primeiras estrofes, o eu poético tem vínculos com o ambiente, em uma atitude de conservação daquilo

que é mais sagrado e puro, pois esse espaço se refere às lembranças de sua infância. Nas duas últimas, percebe-se um desequilíbrio, não há mais a harmonia anterior, uma vez que há um sentimento de dor compartilhado com os elementos naturais. Portanto, há um comportamento antitético por parte do sujeito lírico perante a cena descrita, em que há o equilíbrio/desequilíbrio *versus* desequilíbrio/equilíbrio.

Outro ponto de interesse à análise, ainda com relação à apresentação dos elementos da natureza, é como eles são representados no espaço de vivência de Leodegária de Jesus. O morar não se resume ao espaço da casa que, como dito anteriormente, está associado à Vila Boa, atual cidade de Goiás, e também ao seu Estado natal, mas se expande aos aspectos naturais exteriores que o envolve, como no poema “Tela agreste”. Nele são apresentados espaços e composições naturais, como colina, água, sol, brisa, valezinho, casa, ninho, ramaria, sítio, laranjal, bambuzal entre outros.

Tela agreste

Longe, ao sopé da víride¹¹ colina,
Num valezinho rico de verdura,
Ergue-se a casa tosca, pequenina,
Ninho grácil de paz e de frescura.

E sob a densa ramaria escura
Que ali de um lado esplêndida germina,
Um veio d’água muito clara e pura
Rola, gemendo queixas, à surdina.

E à tarde, quando o sol do ocaso veste
De púrpura e oiro aquele sítio agreste
E a brisa leve, em brando murmurinho,

Percorre o extenso laranjal florido,
O passaredo inquieto um alarido
Enorme faz, no bambuzal vizinho.
(JESUS, 2021, p. 43)

Há nos itens apresentados referências não só à natureza, mas às sensações provocadas por ela. Por meio da visão, o sujeito poético indica a presença dos elementos naturais, como o sol, a colina, o valezinho e a ramaria, seres do universo exterior que reforçam a condição de isolamento e refúgio - já que “E à tarde, quando, o sol do ocaso veste”, “Longe, ao sopé da

11 O termo “víride” é utilizado no poema e faz referência ao adjetivo “verde”. Segundo o Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, “víride é um adj m+f. 1. O verde da relva. ETIMOLOGIA lat viridis.”. Disponível em <https://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=v%C3%ADride>. Acesso em 01 setembro de 2022.

víride colina”, “Num valezinho rico de verdura” e “E sob a densa ramaria escura”, temos a representação de um espaço escondido, recôndito, afastado, em que não há a presença humana.

Conforme Yi-Fu Tuan (1980, p. 7), “dos cinco sentidos tradicionais, o homem depende mais conscientemente da visão do que dos demais sentidos para progredir no mundo. [...]. Um mundo mais amplo se lhe abre e muito mais informação, que é espacialmente detalhada e específica, chega até ele através dos olhos”. Nos estudos bakhtinianos sobre a obra de Goethe, *Poesia e Verdade*, a percepção do mundo também é indicada pela visão. Os olhos são os responsáveis pela compreensão e transformação do espaço (BAKHTIN, 1997).

Dessa maneira, o eu poético percebe a água, denominando-a como “Um veio d’água muito clara e pura”. Conforme Tuan (1980, p. 4, grifo do autor), a “percepção é tanto a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra ou são bloqueados”. Nesse sentido, ainda, é possível associar ao elemento “água” a noção de paladar, já que não é somente pelo visual que se percebe a sua limpidez, como também pelo gosto.

Além da percepção visual, ao afirmar que a água “rola, gemendo queixas, à surdina”, os termos em destaque realçam outro sentido que é o da audição, remetendo ao seu fluir incessante, como o ruído produzido pelo líquido que escorre e segue o seu curso. Consoante Tuan (1980, p. 11), “nossa experiência de espaço é aumentada grandemente pelo sentido auditivo, que fornece informações do mundo além do campo visual”.

O espaço visto “ao sopé” lança a noção do sagrado. O sujeito poético vislumbra na totalidade o lugar superior, estando em um espaço inferior. Dali, “ao sopé”, observa todas as grandezas naturais, como colina e sol. O observar e o valorizar aquilo que está no alto fazem com que o eu lírico esteja mais próximo da divindade, do lar, em que “ergue-se a casa tosca, pequenina”. Aqui, a casa é o “centro do mundo” (*Axis mundi*), seu eixo de referência espacial. É o ponto de ligação do espaço sagrado, sua casa, ao divino, a própria colina e o sol (ELIADE, 1992).

A referência à casa ao pé da colina, envolta por elementos naturais, indica o afastamento do sujeito lírico de um espaço citadino, marcando a busca por um isolamento do convívio social. Nota-se que no poema a ênfase é dada à natureza, não percebemos a ação humana, contudo, ele está ali, mantendo-se como um expectador., como alguém que vislumbra o cenário natural.

Há a familiaridade com o espaço, pois o eu poético compõe o microcosmo e os elementos da natureza, o macrocosmo, aproximando novamente à noção defendida pelos românticos, conforme referenciamos anteriormente, uma vez que eles acreditavam que “a natureza era inspirada pelo espírito divino e que a imaginação humana individual poderia

fundir-se na estrutura universal; mas também que a mente criativa, sendo profundamente solitária, ansiava pela harmonia entre o homem e a natureza” (WOLF; WALTHER, 2008, p. 6).

Assim, a afeição que é estabelecida com o lugar onde mora, seu espaço de encolhimento, representa a topofilia por se apegar “ao seu chão nativo como cada fibra do seu ser” (TUAN, 1980, p. 114). São elaboradas imagens que permitem perceber a identificação do sujeito com o meio onde habita, sua afinidade com esse ambiente é expressa como um “ninho grácil de paz e de frescura”.

A integração do homem com o espaço e com a paisagem é expressa no poema “Paisagem”, em que se nota uma afinidade entre os elementos, revelando a disposição humana em habitar o lugar, valorizando os aspectos naturais. De acordo com Anne Buttimer (1982, p. 166), habitar “implica mais do que morar, cultivar ou organizar o espaço. Significa viver de um modo pelo qual se está adaptado aos ritmos da natureza, ver a vida da pessoa como apoiada na história humana e direcionada para um futuro”.

Paisagem

A meu pai

Desponta a aurora; a estrela vespertina,
No espaço azul, vai desmaiando a medo;
Suspira a rola; agita-se o folheto
E a brisa oscula a linfa cristalina.

Enquanto as auras brincam no arvoredado,
No bosque umbroso, uma canção divina,
De galho em galho, o pintassilgo trina
Ao desabrochar dos lírios no silvedo.

Aqui, soluça um ribeirão antigo,
Ali, depara-se um modesto abrigo,
Perfume exala a pálida violeta.

E mais além, pela campina em meio,
Linda criança corre, num anseio,
E em vão persegue jalde borboleta.
(JESUS, 2020, p. 23)

No poema em questão, percebemos que a natureza e o homem comungam do mesmo espaço, tanto o “pintassilgo” habita o seu lugar, quanto o “ribeirão”, cada um agindo ao seu ritmo – “De galho em galho, o pintassilgo trina/ Ao desabrochar dos lírios no silvedo./ Aqui, soluça um ribeirão antigo,/ Ali, depara-se um modesto abrigo”.

Observa-se, ainda, que o habitar reflete a situação presente e a projeção no futuro, como dito por Buttimer (1982). O ribeirão é aquele que está adaptado à rotina do ambiente onde

vive. Sob esta perspectiva, nos versos “E mais além, pela campina em meio,/ Linda criança corre num anseio,/ E em vão persegue jalde borboleta”, a criança indica a direção para o futuro. Há uma projeção do eu lírico, recuperando imagens poéticas, em que, ao mesmo tempo, está no passado, como um velho ribeirinho, e na criança que corre livremente, como uma promessa futura.

A infância, sempre visualizada como um momento paradisíaco do passado, é outra forma de regresso que podemos surpreender em Leodegária, mesmo quando ela fala da infância de outras crianças, vislumbrando esse momento sempre privilegiado para ela. (DENÓFRIO, 2019, p. 33)

Observa-se que, ao revisitar a infância, seja a sua ou de outras crianças, Leodegária de Jesus representa o momento pueril como algo puro, inocente, feliz em que ainda há uma perspectiva de futuro e de realização, reforçando uma atitude de evasão. Por isso, também é comum associar esses momentos com a integração no espaço e com os elementos naturais. Para Yi-Fu Tuan (1980), a apreciação da paisagem e das pessoas que compõem esse quadro, vislumbrado pelo eu poético, relaciona-se a uma atitude pessoal e íntima, que se prolonga através de lembranças ou episódios vivenciados pelo sujeito.

Milton Santos (2002, p. 103) afirma que "a paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza. O espaço são as formas mais a vida que as anima". Ao experienciar a natureza, o sujeito lírico de Leodegária sente o despertar de um prazer, que está associado à beleza, à alegria, à afeição que ele tem com o espaço em que vive. Isso revela uma atitude topofílica por reforçar os laços afetivos do ser humano com o meio ambiente.

O despertar profundo para a beleza ambiental, normalmente acontece como uma revelação repentina. Este despertar não depende muito de opiniões alheias e também em grande parte independe do caráter do meio ambiente. As cenas simples e mesmo as pouco atrativas podem revelar aspectos que antes passavam despercebidos e este novo *insight* na realidade é, às vezes, experienciado como beleza. (TUAN, 1980, p. 110)

Portanto, em “Paisagem”, as cenas são, realmente, representadas de uma forma simples, mas que, na composição total do poema, percebe-se sua grandeza e riqueza expressas pelos bens simbólicos construídos a partir do contato do eu lírico com a natureza, com a sensibilidade e os sentimentos ali expressos.

Continuando nossa exposição sobre o espaço, em especial, a casa, temos em “Aquarela”, a referência a esse lugar, – “uma casinha em meio do valado”.

Aquarela

A Cileneu de Araújo

Uma casinha em meio do valado,
Olhando ereta para o sol nascente
O loiro capinal cheiroso em frente,
Onde descansa sonolento o gado.

Aos lados um pomar bem cultivado
De cuja sombra parte, docemente,
Um soluço de rola desolado
A misturar-se às queixas da corrente.

Ao longe, na planície sossegada,
Pasce o rebanho d'alvas ovelhinhas
À luz do ocaso tépida, dourada.

E no terreiro da casa, onde voeja
Um bando d'aves céleres, mansinhas,
A figura gentil da sertaneja.
(JESUS, 2021, p. 45)

Consoante Bachelard (1978), a casa é um elemento de interpretação da alma do homem. Como o próprio teórico afirma, a alma é uma morada para as lembranças e os esquecimentos, conseqüentemente, a casa não é somente o lugar de habitação, é também expressão da alma subjetiva que ali fala, com seus sentimentos e suas recordações.

Além da casa, aparece a figura da mulher campesina – “E no terreiro da casa, [...] / A figura gentil da sertaneja”. Para Mircea Eliade (1992, p. 31), “a habitação comporta um aspecto sagrado pelo próprio fato de refletir o Mundo”. Quando há a junção da casa à mulher que a habita, o espaço reflete a sua existência, molda seu mundo e se responsabiliza pela manutenção e conservação do que é seu *imago mundi* – o centro do mundo.

A figura da casa retém valores de intimidade, é um espaço privilegiado, conforme Bachelard (1978), por apresentar elementos que favorecem ao indivíduo condições de sua permanência e sobrevivência. Em “Aquarela”, são descritos lugares que indicam que existe essa relação de privilégio entre a casa, o espaço circundante e o ser que a habita, – “O loiro capinal cheiroso em frente”, “Aos lados um pomar bem cultivado”, “Ao longe, na planície sossegada, / Pasce o rebanho d'alvas ovelhinhas”.

Para o sujeito lírico, a casa representa o abrigo e o aconchego, é onde está projetada sua essência interior, por isso, tem um valor singular e próprio para aquele que a habita. Nessa identificação com o espaço habitado, seja na sua construção física – a casa –, seja em sua projeção exterior – o campo e, conseqüentemente, todos os elementos naturais que o cercam, é

o lugar para o encolhimento, seu “canto do mundo”. “Pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é, como se diz frequentemente, nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Até a mais modesta habitação, vista intimamente, é bela” (BACHELARD, 1978, p. 200).

Sendo a casa um abrigo para o homem, transforma-se em seu universo particular, espaço que, mesmo em sua simplicidade, fornece beleza e aconchego por exteriorizar a plenitude do interior do indivíduo que a habita. Bachelard (1978, p. 201) afirma que “a casa é um dos maiores poderes de integração para os pensamentos, as lembranças e os sonhos do homem”.

A casa constitui-se em um dos principais recursos de agregação e sem ela o ser humano seria fragmentado, pois o preserva das intempéries naturais e vitais. Ela representa o “corpo e alma”, ou seja, é a primeira experiência do sujeito. O espaço da casa é uma espécie de seio materno, que o acolhe, dando-o proteção e guarida.

Pode-se afirmar que, no poema “Aquarela”, a casa é o elemento de identificação e projeção identitária do ser que a habita. Portanto, ela mantém a união afetiva do indivíduo com o meio em que vive. Desse modo, ela é a representação do que lhe é sagrado e mais íntimo: “E no terreiro da casa, onde voeja/ Um bando d’aves céleres, mansinhas,/ A figura gentil da sertaneja”.

Para finalizar a análise sobre o espaço, trazemos o poema “Manhã na roça”. Ele é o terceiro da segunda parte de *Orchideas* (1928), intitulado de “Ramo Florido”, uma vez que a obra se encontra dividida em três partes, a saber: “Folhas Mortas” com 10 poemas; “Ramo Florido” com 10 poemas e “Gotas de Orvalho”, 34 poemas (REZENDE, 2021).

Manhã na roça

*A terra, o céu, o infinito
Falam de paz e de amor.
Duque Estrada*

Desperta a natureza... Um claro sol dourado
Se mostra altivo e belo, às portas do levante.
Acorda, na floresta, o inquieto povo alado.
E a brisa do sertão suspira farfalhante.

Floresce o lírio azul, na várzea, e, mais distante,
Na bruma, surge além o monte iluminado.
Vagueia, na planície, o manso gado errante
E a voz do camponês retumba, no valado.

E enquanto a madressilva o cálice desata
E vai a estrela d’Alva, aos poucos, descorando
Ao som cadencioso e brando da cascata,

Formosa roceirinha alegre, como a aurora,

Levando a enxada no ombro, esbelta, sai cantando
 Uma canção de amor, pela campina a fora.
 (JESUS, 2021, p. 47)

No poema em questão, nota-se a presença de elementos que fazem com Leodegária de Jesus explore matizes árcades, como nas passagens “o manso gado errante”, “a voz do camponês retumba”, “formosa roceirinha alegre”, o que a aproxima do Arcadismo. Os termos “gado”, “camponês” e “roceirinha” dão ao poema uma atmosfera de equilíbrio entre o homem e o espaço/natureza. Segundo Denófrio (2019, p. 31), há nesta obra “descrições da natureza que sugerem verdadeiros *locus amoenus* ao feitio árcade”.

Em “desperta a natureza”, “a brisa do sertão suspira”, “um claro sol dourado”, temos flagrantes da vida natural que a poeta percebe, através da criação poética, e como enunciadora “parece descrever telas, quadros de ambientação cotidiana” (REZENDE, 2021, p. 184), utilizando a mesma técnica dos poemas “Tela agreste” e “Aquarela” sobre os quais já tecemos alguns comentários anteriormente.

Não queremos agora nos alongar no que diz respeito à estética árcade, porque esta não é a proposta nesta dissertação, e sim continuar com a topoanálise. Para Ozíris Borges Filho (2008, s/p), “a topoanálise não se restringe à análise dos espaços íntimos, mas de toda e qualquer espacialidade representada [...]”. Partindo desta colocação é que vamos continuar com a análise do poema em questão.

Em “Manhã na roça”, observamos os quadros descritivos que compõem a paisagem. Conforme Ozíris Borges Filho (2008, s/p), a paisagem é “uma extensão do espaço que se coloca ao olhar”. Leodegária de Jesus, ao escrever o poema o faz a partir do “olhar”, o mais aguçado dos sentidos sensoriais.

Nessa perspectiva é que consideramos a importância do espaço e de como os lugares são descritos pelas sensações que traduzem efeitos sinestésicos, expressos por uma voz poética, que nos detalha aspectos paisagísticos, repletos de subjetividade exteriorizada e registrada com sensibilidade diante das belezas naturais.

No poema em questão, o quadro descrito, representado pelos elementos animados e inanimados, como “sol”, “floresta”, “brisa”, “gado”, “camponês”, “roceirinha”, entre outros, representam a harmonia entre o ser humano e o cenário natural. Consoante Ozíris Borges Filho (2008, s/p), entende-se por cenário “os espaços criados pelo homem. Geralmente, são os espaços onde o ser humano vive. Através de sua cultura, o homem modifica o espaço e o constrói a sua imagem e semelhança”.

Dessa forma, a repetição de fonemas consonantais sonoros dá ao quadro descrito uma dinamicidade, uma vivacidade que anima. Por meio de efeitos onomatopaicos, as cenas que compõem o ambiente e o cenário são descritos, como nos versos da segunda estrofe – “Vagueia, na planície, o manso gado errante/ E a voz do camponês retumba, no valado”. Sobre o ambiente, “na perspectiva da topoanálise, [...], se define como a soma de cenário ou natureza mais a impregnação de um clima psicológico” (FILHO, 2008, s/p).

Observa-se que as cenas descritas e os lugares apresentados fazem parte de um cotidiano vivido e, ainda, presente para o eu lírico e que são reforçados pelos efeitos sinestésicos, despertando alguns órgãos sensoriais, como a visão – “Na bruma, surge além o monte iluminado – e a audição – “Ao som cadencioso e brando da cascata”.

Conhecer um lugar plenamente significa plenamente entendê-lo de um modo abstrato e conhecê-lo da mesma forma como uma pessoa conhece outra. Em suma, os lugares pelos quais possuímos afeição, sentimentos, não precisam necessariamente estar visíveis, tanto para nós quanto para outros, podem inclusive estar apenas na memória e nas lembranças individuais ou coletivas. (FERREIRA; TORRES, 2020, p. 140)

Em conclusão, a topoanálise, indicada nos diferentes poemas de Leodegária de Jesus, como “Tela Agreste”, “Manhã na Roça”, “Aquarela”, “Paisagem” entre outros, mostra a relação identitária do eu poético com o ambiente em que vive. Os aspectos espaciais representados pelos elementos naturais e lugares mencionados (colina, campo, casa, ninho etc.) simbolizam a identificação do sujeito com o espaço que o circunda.

É importante destacar que os espaços e lugares apresentados estão associados às teorias de topoanálise referentes ao elo que é mantido entre o sujeito poético e os cenários/ambientes descritos. Por exemplo, a casa é referenciada como um canto do mundo, o primeiro universo do homem; o ninho, como o lugar de encolhimento, símbolo de aconchego, refúgio para o eu lírico.

Nota-se que há uma íntima proximidade entre os espaços detectados nos poemas e o sujeito lírico, pois eles estabelecem relações de afetividade que, conseqüentemente, reforçaram a teoria de topofilia, de Yi-Fu Tuan (1980; 1983). Assim como uma valorização do espaço como sagrado, segundo Mircea Eliade (1992).

Verifica-se também que o sentimento topofílico desse sujeito poético está relacionado a uma aproximação afetiva e de dependência com o natural, que compõe o espaço habitado por ele, sendo que a casa se apresenta como um dos ambientes mais representativos por significar um lugar de “encolhimento” e refúgio, consoante Bachelard (1978).

Portanto, a partir das análises dos poemas neste capítulo, foi possível realizar uma toponálise, prendendo-se aos aspectos toponímico e sagrado, reforçando a dependência afetiva do sujeito lírico quanto ao seu espaço de identificação.

3. MEMÓRIA E LEMBRANÇAS NA POESIA DE LEODEGÁRIA DE JESUS: navegando “feliz num mar de dores”¹²

“A memória é o essencial, visto que a literatura está feita de sonhos e os sonhos fazem se combinando recordações”
(Jorge Luís Borges)

Procuraremos, neste terceiro capítulo, por meio de análises, aprofundar os aspectos que envolvem a memória e as lembranças nos poemas de Leodegária de Jesus, comprovando nossa proposta. Para tanto, recorreremos a teóricos que tratam da referida temática, bem como outros que nos parecer conveniente aos estudos, tais como: Bergson (1999), Halbwachs (1990, 2004), Camargo (2009; 2020), Staiger (1997).

Nesse sentido, para Halbwachs (2004), a memória é individual e coletiva; a primeira está vinculada a uma intuição sensível, ou seja, a um momento de consciência individual. Já a memória coletiva é preenchida a partir dos fenômenos coletivo e social, tendo uma função importante, pois contribui para o sentimento de pertencimento a grupo com um passado comum, que compartilham suas memórias, estando essas distribuídas não somente no campo histórico e real, como também no simbólico.

Ainda para o teórico, há a questão da lembrança que está associada ao que pode ser reconstruído ou simulado, partindo da vivência em grupo. Ela é uma “imagem que ininterruptamente está junto com outras imagens e é, em larga medida, uma reconstrução do passado que é feita com a ajuda de dados emprestados do presente” (OLIVEIRA, 2017, p. 4). Assim, as lembranças podem ser consideradas a expansão de nossa percepção do passado que insere outras informações do contexto social em que estamos inseridos.

Logo, as lembranças permanecem ativas por conta da memória, não só a individual, bem como a coletiva, já que todo este processo de construção da memória perpassa por um referencial que é o sujeito: “nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se tratando de acontecimentos nos quais só estivemos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. É porque, em realidade, nunca estamos sós” (HALBWACHS, 2004, p. 26).

No espaço da criação artística, conforme a professora Goiandira Camargo (2009, p. 75), “a recordação, vereda lírica da memória, é o caminho por onde retornam ao presente as imagens esgarçadas da lembrança”. Nesse espaço, o poeta tem domínio da construção de sua fala

¹² Trecho extraído do poema “Amar” da obra *Orchideas*. (JESUS, 2021, p. 123)

mnemônica, tendo consciência da força que tem sua própria memória, a qual promove atividades de alteridade. “O importante para o autor que rememora, não é o que viveu, mas o tecido de sua rememoração, o trabalho de Penélope da reminiscência” (BENJAMIM, 1994, p. 37).

Vários são os textos no âmbito da memória que possuem “na falha entre o vivido e o lembrado sua virtude poética” (CAMARGO, 2009, p. 75), uma vez que “um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limite, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois” (BENJAMIM, 1994, p. 37).

Nas brechas desse espaço de criação, a “memória sonha, cria impressões e, principalmente, as impressões da referencialidade do vivido” (CAMARGO, 2009, p. 75). Assim, pode-se dizer que o indivíduo que recorda é aquele que consegue recompor constantemente como ser poético, como afirma Goiandira Camargo. Então, a partir de pequenos episódios do passado, movidos para o presente, a lembrança é revivida e a memória é atualizada.

Porque o que há de memória na recordação é um vazio: a força do acontecimento, que, não sendo senão força, sensações sem conceitos busca desde logo a que ligar-se, um abrigo para o seu vazio, a linguagem. O instante do acontecimento é por isso um, instante cindido – o irreparável da perda é o que se transfigura em beleza e assim sobreviverá na condição de perdido e presente. Só há relação com o que já se perdeu, só se perde aquilo com que houve relação: não é possível dissociar o acontecimento da memória dele, e esta da concretização de uma forma. (LOPES, 2003, p. 62)

Nota-se que a questão da memória está presente em poemas de Leodegária de Jesus. O tom memorialístico na poesia da poeta é apresentado através de diferentes sensações, despertadas no sujeito lírico por meio de suas reminiscências, o que será exposto e visto em alguns de seus poemas mais adiante neste trabalho.

Assim, repleto de rupturas, “impregnado do que passou e do que está vivendo” (CAMARGO, 2009, p. 75), o texto da memória busca conferir significado ao mundo. Sobre esse poder de construção da memória, Henri Bergson (1999, p. 22) afirma que, “na verdade, não há percepção que não esteja impregnada de lembranças. Aos dados imediatos e presentes de nossos sentidos, misturamos milhares de detalhes de nossa experiência passada”.

Levando em consideração essa fala de Bergson, o que vivemos no presente constitui-se, então, em um acréscimo de detalhes, conjunto de pormenores vivenciados que se agregam “às imagens imediatas dos nossos sentidos”, criando um texto “originário e permeável que, tendo afinidade com o texto poético, se infiltra de ambiguidade, sobrepõe outros sentidos que acabam por deteriorar o anterior” (CAMARGO, 2009, p. 76).

Assim, é possível identificar em vários poemas de Leodegária de Jesus uma carga autobiográfica, que nos oferece uma reflexão acerca de experiências humanas e sua relação com o que foi vivido e experienciado, em especial, pelas lembranças dessa nossa poeta Passarinho. Segundo Rita de Cássia Oliveira (2012, p. 15), “a autobiografia da poesia retoma a memória e um estado de alma, como condição para se trazer ao presente o passado, na perspectiva de pensar o tempo na sua delonga de duração”. Nota-se, pelo traçado poético, que os momentos retratados pelo sujeito lírico perpassam lembranças da própria poeta.

Quando instaurado na instância poética, o texto da memória compromete os documentos e dados da biografia; torna-se um palimpsesto em que a historicidade é rasurada, mal apagada, dita em “meias confissões”, estabelecendo, dessa forma, uma fronteira instável entre o eu lírico e o eu biográfico. (CAMARGO, 2009, p. 76).

A perspectiva autobiográfica que é dada às obras de Leodegária de Jesus, a saber, *Coroa de Lírios* (1906) e *Orchideas* (1928), possibilita-nos fazer uma análise, partindo dos aspectos memorialísticos, associando-os à vida da escritora, mas não se restringe a isso e se estende a outros sujeitos. Seus poemas biografam a si mesma, assumindo a missão de rever o passado e, ao mesmo tempo, que o perpetua em uma “escritura poética” (CAMARGO, 2009).

A vivência em vários grupos, desde a infância, está na base da formação de uma memória autobiográfica, pessoal. Vários poemas nos oferecem elementos com referência do seu passado, como: “Jataí”, “Goiás”, “Supremo Anelo”, “Recordando”, entre outros que serão analisados no decorrer do capítulo.

Assim, a recordação que está presente nos poemas *leodegarianos* estende-se a lembranças da própria poeta. Percebe-se que um evento rememora outros acontecimentos que não têm uma sequência cronológica, mas que se entrelaçam na e pela memória revivida.

Entre a inconsistência de um presente que desliza à superfície das coisas e o charme de um passado do qual nos separamos tragicamente, a lembrança e, em particular, as experiências privilegiadas da memória afetiva fornecem a matéria de uma verdadeira vida, libertada das contingências e agarrada na pureza de sua essência. (RAIMOND¹³, 1967, p. 150 apud CAMARGO, 2009, p. 55. Tradução do autor)

As obras de Leodegária de Jesus trazem essa memória afetiva em diferentes poemas, pois percebemos que de uma simples situação rememorada outras submergem para compor a tessitura poética que é apresentada ao leitor. São registros de uma lembrança afetiva de uma

13 RAIMOND, Michel. Marcel Proust et les metamorfoses du romain. In: _____. *Le roman depuis la Révolution*. Paris: Armand Colin, 1967. p. 149 163.

vivência particular, que também podem se referir a um contexto social, familiar etc. O afetivo está naquilo que a memória não esquece, permanece guardado até que um fato provoque no interior do sujeito lírico essa ressuscitação. A memória afetiva compreende, então, lembranças sensoriais e emocionais que vêm à tona por meio de sons, cores, cheiros e sabores; sempre ligada a um momento do passado. Dessa forma:

Memória afetiva é a documentação da história da vida emotiva de cada pessoa, não registrando somente os fatos, mas as emoções conexas a ele. Quando um determinado fato é registrado na memória juntamente com sua carga emocional, que mesmo com o tempo venham a ser esquecidos os acontecimentos, as emoções que eles provocaram ou que estão de alguma maneira ligadas a eles, não serão esquecidas. (ARNOLD, 1960, p. 187)

No tocante à memória involuntária, pode-se afirmar que ela está relacionada às lembranças espontâneas, ou seja, àquelas que surgem independente da vontade do indivíduo, emergindo de uma recordação, geralmente, imprevisível. Volta-se a um momento do passado através da emoção e/ou da sensação sinestésica, “um acontecimento passado de há muito torna-se subitamente perceptível; o coração bate e finalmente a recordação instiga a memória” (STAIGER, 1997, p. 55).

Logo, a memória involuntária oscila entre o que estava esquecido e o que é lembrado, por isso a percepção fragmentada das lembranças. O recordar, que é trazer de volta ao coração, corresponde a uma resignificação da memória, sobretudo, quando se volta à infância, que é o lugar da paz, da felicidade. É a imagem idealizada. É esse período pueril que Leodegária mais retorna em sua poesia.

O poeta lírico nem torna presente algo passado, nem também o que acontece agora. Ambos estão igualmente próximos dele; mais próximos que qualquer presente. Ele se dilui aí, quer dizer ele "recorda". "Recordar" deve ser o termo para a falta de distância entre sujeito e objeto, para o um-no-outro lírico. (STAIGER, 1997, p. 59)

Há a presença do contraste, em que o passado se opõe ao presente ou o ontem se contrapõe ao hoje nos poemas “Volúvel” e “Ninho Vazio”, presentes na obra *Coroa de Lírios* (1906) e “Estrelas”, “Recordando” e “Criancinhas”, de *Orchideas* (1928), Neles, seja nos sonetos, quadras, quintilhas ou em outras formas de composição, a professora Ebe Maria de Lima Siqueira (2020a, p. 67), em seu texto “No cálix perfumado das violetas”, afirma que “o tom dos sonetos ou das quadras era marcado por uma saudade de um tempo-lugar que já não existia, seguindo característica marcante dos poetas românticos, que é a de ancorar a felicidade em um tempo que já passou ou que ainda há de vir”.

Assim, percebemos que nos poemas citados, de forma geral, a felicidade está no passado. Existe um recuo, em que a poeta tenta recuperar o tempo perdido por meio da recordação. Escolhemos “Criancinhas” para ilustrar essa questão.

Criancinhas

Gosto de ver-vos assim travessas
 Botões de lírios, ó criancinhas!
 Vossos sorrisos tão cristalinos
 Do paraíso traduzem hinos
 Ó avezinhas!

Manhãs de rosas, flocos de arminho,
 Perfumes, flores, risos, gorjeios,
 Das alvoradas róseos matizes,
 Crianças, tudo, trazeis felizes,
 Em vossos seios,

A claridade da primavera
 Vossa existência de galas veste;
 Em vossos olhos canta a alegria,
 Canta a pureza toda a poesia
 Do azul celeste.

Ao mundo alheias, passais, sorrindo,
 Pelos desgostos, pelos pesares,
 Almas mimosas feitas de sonho,
 Astros nascentes no céu risonho
 De nossos lares.

Ao ver-vos, penso nos dias idos
 Iluminados de doce calma.
 Como vós hoje, também outrora,
 Tive reflexos, luzes de aurora
 Dentro em minh'alma.
 (JESUS, 2020, p. 97)

O poema, estruturalmente, constitui-se de 5 estrofes, com cinco versos cada uma – quintilhas. O primeiro verso de cada estrofe não apresenta rimas, enquanto os quatro versos finais são compostos de rimas interpoladas. Nota-se que o último verso de cada estrofe possui quatro sílabas (tetrassílabo).

Com relação à temática, percebemos que há um regresso ao passado, evasão no tempo, característica, como dito anteriormente, presente nos poetas do Romantismo. Seu poema traz um tom de saudade, sentimento apresentado também no passado como um refúgio, o que aponta a uma das características da poesia romântica citadas por Alfredo Bosi (1999, p. 93): “O eu romântico, objetivamente incapaz de resolver os conflitos com a sociedade, lança-se à evasão”.

Essa perspectiva está clara, principalmente, nas quatro primeiras estrofes, em que a poeta canta as “criancinhas”, exaltando sua tenra idade, aproximando-as de anjos. Já na última

estrofe, é visível um lamento, ao recordar os dias idos de sua infância “que os anos não trazem mais”¹⁴ (ABREU, 1983, p. 37). O sujeito lírico remete à infância como um tempo bom, de boas lembranças e essas servem como uma evasão das suas inquietações, representando uma fuga ao sofrimento presente.

A infância, sempre visualizada como um momento paradisíaco do passado, é outra forma de regresso que podemos surpreender em Leodegária, mesmo quando ela fala da infância de outras crianças, vislumbrando esse momento sempre privilegiado para ela. (DENÓFRIO, 2019, p. 33)

Outro poema que remete às recordações e memórias vividas e experienciadas pela poeta é o “Recordando”.

Recordando

Tempo feliz aquele, em que sorrindo,
Sempre a teu lado, alegre, descuidosa,
Via a existência, tua voz ouvindo,
Correr serena, calma... veludosa...

De teu olhar serenamente lindo
À luz tranquila e morna e carinhosa,
Ia minh'alma trêmula se unindo
À tua alma, num elo cor de rosa.

Hoje... que vejo? O céu dos dias claros
Turvou-me a sorte, dolorosamente...
Hoje... que resta desses tempos caros?

Prantos, soluços, mágoas, ansiedades,
Forte afeição que a ausência faz crescente
E... um coração crivado de saudades!...
(JESUS, 2021, p. 129)

Há um ditado popular que diz que “recordar é sofrer duas vezes” e em “Recordando”, poema da obra *Orchideas* (1928), o próprio nome remete à ação, com uma continuidade, de trazer algo à memória pela recordação. O poema é um soneto com versos decassílabos, forma e medida preferida de nossa poeta, Leodegária de Jesus.

Temos novamente uma tônica romântica – a evasão no tempo, presente/passado e passado/presente –, em que esses dois momentos se constroem de forma contrastante: o ontem, visível nas duas primeiras estrofes – “Tempo feliz aquele, em que sorrindo,/Sempre a teu lado, alegre, descuidosa [...]”, denotando felicidade. E o hoje, nos dois tercetos finais – “Hoje... que

14 Verso retirado do poema “Meus oito anos” de Casimiro de Abreu.

vejo? O céu dos dias claros/ Turvou-me a sorte, dolorosamente... [...]”, significando a infelicidade.

Esse recuo ao passado, dá-se por meio das lembranças e recordações, como bem expressa o título do poema. Ao recordar, o sujeito lírico traz à memória momentos e episódios do passado ao presente e, da mesma forma, do presente consegue retroceder ao passado. “A memória, então, não é nem sensação nem julgamento, mas é um estado ou qualidade (afeição, afeto) de um deles, quando o tempo já passou” (ARISTÓTELES, 1986, p. 291).

Nos versos, “Via a existência, tua voz ouvindo,/ Correr serena, calma... veludosa...”, temos essa sensação de retorno ao passado pela memória. O ato de ouvir, segundo o eu lírico, representa a sua própria existência, conduzindo a momentos serenos, calmos, adjetivos utilizados para se referir à própria voz.

Consoante Aristóteles (1986, p. 291), “toda memória, então, implica a passagem do tempo. Portanto, só as criaturas vivas que são conscientes do tempo podem lembrar, e elas fazem isso com aquela parte que é consciente do tempo”. Assim, podemos constatar que no poema em análise, o passado opõe-se ao presente ou o antes se contrapõe ao hoje – “Hoje... que resta desses tempos caros?/ Prantos, soluços, mágoas, ansiedades”.

Outro poema que segue a mesma temática é “Estrelas”.

Estrelas

Sempre gostei de vê-las refulgindo,
No claro anil da esfera imaculado
E ao contemplá-las na amplidão luzindo,
Todo o meu ser pulsava, transportado.

Que belas cismas! Quanto sonho lindo!
Quanto ideal na mente arquitetado,
Se em noites brancas, pelo espaço infindo,
Vagava meu olhar maravilhado.

Hoje, porém, aos vê-las tremulando,
Mudas, formosas, pálidas, boiando,
Sob o silêncio azul da imensidade

Eu sinto n’alma, em vez d’alvas quimeras,
Em vez dos sonhos castos de outras eras,
Um mundo de emoções e de saudade!
(JESUS, 2021, p. 91)

Logo nos primeiros versos, é possível percebemos a projeção do sentimento na paisagem descrita pela poeta, “frequentemente, como é comum mesmo num Romantismo extemporâneo, aparece a projeção do sentimento da poetisa na paisagem que descreve” (DENÓFRIO, 2019, p. 31).

Nos versos “Sempre gostei de vê-las refulgindo/ No claro anil da esfera imaculado”, as estrelas são a referência para o sentimento que se intensifica no último verso da primeira estrofe – “Todo o meu ser pulsava, transportado”. Todo esse maravilhamento advém das imagens visualizadas pelo sujeito poético, como “claro anil”, “amplidão luzindo”, “noites brancas”. Esses elementos nos deixam ver a felicidade e momentos felizes em algum lugar recuado no passado em que poeta, por meio da recordação, tenta recuperá-los. Tudo isso só é possível por conta da memória.

Essa rememoração é incorporada à trama do poema mediante mudanças temporais inseridas no desenrolar das cenas. A memória é uma instância essencial sem a qual não existe realidade. A interferência da memória no poema cria novos valores, propõe novas reflexões a respeito da história e do tempo. Ora, a medida em que a memória vai sendo reativada, contando aquilo que já aconteceu, o passado torna-se flexível e o presente um fluxo de mudanças constantes. (OLIVEIRA, 2012, p. 12)

Nas duas estrofes finais do soneto, é possível vislumbrar que há um contraste entre esse passado repleto de felicidades e o presente, em que o eu lírico mostra-se amargurado; o que era equilíbrio, agora se vê em desequilíbrio. Temos uma alma em desacordo no mundo físico que a cerca. Consoante Darcy França Denófrio (2019, p. 32), “é a natureza, sua beleza e esplendor, que oferece flagrante contraste à alma da poetisa, em desacordo”.

Então, em “Estrelas”, esse contraste dá-se entre os dois quartetos e os dois tercetos, em que o passado se opõe ao presente ou o ontem contrapõe-se ao hoje. Essa oposição entre esses dois tempos é possível na colocação dos verbos no poema. Nas duas primeiras estrofes, predominam os verbos no passado – “gostei”, “vagava”, “pulsava”. Contudo, nas duas últimas, há a predominância do tempo presente – “vê”, “sinto”.

Há que se comentar aqui que esse regresso, esse recuo no passado é uma conhecida forma de evasão romântica. Esse inconformismo, esse não “ajustar” no mundo físico faz com que o sujeito poético se evada da realidade presente em busca do passado. Note que a situação vivida no passado não comunga com a do presente, em que antes era felicidade, agora impera a infelicidade – “Eu sinto n’alma, em vez d’alvas quimeras/ Em vez dos sonhos castos de outras eras,/ Um mundo de emoções e de saudade!”.

Continuando a discussão a respeito da memória, notamos que o lado afetivo está relacionado, principalmente, às figuras como da mãe, do pai e da irmã, que são pessoas presentes nos poemas e com as quais Leodegária de Jesus passou os melhores momentos de sua infância e juventude. Por meio delas e de outras pessoas do seu círculo familiar e social, é possível vislumbrarmos diferentes situações que estão ligadas à forma memorialística e

autobiográfica em alguns de seus poemas. Consoante Bosi (1979, p. 29), “a narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar. É a sua memória”.

Para ilustrar, podemos mencionar os títulos dos poemas presentes na primeira obra, *Coroa de Lírios*, como “À Maria Aurora” e “Mater” e, da segunda, *Orchideas*: “A meu pai”, “Mãe”, “Relíquia” e “Requiescat in pace”. As figuras do pai e da mãe tiveram grande impacto na vida de Leodegária de Jesus, tanto é que aos dois devotou carinho e dedicação, responsabilizando-se por eles em momentos muito difíceis, como na doença da mãe e, sobretudo, na cegueira do pai.

Do pai, sabemos que obteve uma educação erudita e, da mãe, os carinhos e mimos maternos, que muito ajudaram a nossa poeta em sua formação feminina. José Antônio, seu pai, foi seu mentor, porque a ensinou o que não se aprendia na escola. “A voz de Ana Risolina, mãe de Leodegária, está presente, mas em nenhum momento se sobressai. Notável é que para ela, Leodegária dedicou mais poemas do que ao pai e neles há o amor terno e delicado que unia as duas” (CAMARGO, 2020, p. 158)

Em *Coroa de Lírios* (1906), apesar de dedicar aos pais o seu livro¹⁵, fica visível que na abertura, com o poema “Paisagem”, há o oferecimento à figura paterna. Já em *Orchidea* (1928), a dedicatória é direcionada somente ao pai¹⁶, por conta da morte dele em 1920. Contudo, é importante ressaltar que os poemas retomam mais a imagem materna, sendo que o fechamento dessa obra é direcionado à mãe, no poema “Mãe”.

Com a morte do pai, Leodegária de Jesus deixa refletido em vários poemas de sua última obra um sofrimento maior e profundo do que na anterior, em virtude de um amadurecimento, em que conseguimos perceber os encontros e desencontros de sua trajetória de vida. Dessa perda, o poema “Relíquia” marca bem esse momento experienciado pela poeta.

Relíquia

Essa cruz de madeira pequenina,
Que tenho aqui, em frente de meu leito,
Perante a qual meu coração se inclina,
A que beijo, com amor, quando me deito,

Essa cruz tão singela, tão franzina
Ele a trazia sempre sobre o peito;
E quantas vezes quantas, à surdina
Surpreendi-o a beijá-la com respeito.

15 “A vós meus prezados pais, dedico meu primeiro livro, uma pétala murcha de minha vida. Homenagem de profundo respeito e gratidão”. (JESUS, 2020, p. 17)

16 “À santa memória de meu pai” (JESUS, 2021, p. 15)

Foi essa cruz a doce companheira
De seu longo martírio... da cegueira
Embalsamou-lhe a noite tormentosa.

E afinal, acolheu-lhe aquele beijo,
O derradeiro, no último lampejo
De uma vida de mártir, dolorosa.
(JESUS, 2021, p. 121)

Trata-se de um soneto de versos decassílabos e rimas alternadas nos quartetos. Nele, conseguimos notar que, além das lembranças do caráter nobre e de seu valor afetivo, ficou do pai um objeto, um crucifixo, que simboliza “a expiação por meio da morte” (CAMARGO, 2020, p. 160), o que lembra a dor de Cristo.

A ideia principal do poema é a de simbolizar a transferência da dor e do sacrifício vividos e experienciados pelo pai à poeta como relíquia herdada que tende a um sentimento de religiosidade e respeito: “perante a qual meu coração se inclina”. Pela biografia de Leodegária de Jesus, podemos concluir que a poeta herda do pai o mesmo sofrimento, a mesma cruz, uma vez que ela teve que assumir os lugares materno e paterno, sendo a figura de arrimo da família.

Aceitando como seus o martírio e os sofrimentos paternos, em especial, a doença de Mal de Tabes¹⁷ desenvolvida pelo pai e a cegueira ao final da vida dele, tanto no poema quanto na trajetória da poeta, nota-se que ela tem na cruz uma “doce companheira”. “O que fica do pai, além das lembranças, da nobreza de caráter e do seu legado intelectual e afetivo, é um objeto pessoal, de valor sacro, que revela a devoção do pai à religião cristã” (CAMARGO, 2020, p. 160). Assim, pela memória afetiva, ela tem na lembrança a figura paterna, “de seu longo martírio” e “de uma vida de mártir, dolorosa”, e uma comoção que são expressas pelo sujeito poético.

Ainda com relação à memória, “Requiescat in pace”, do livro *Orchideas* (1928), traz à lembrança novamente a figura do pai:

Requiescat in pace

Seis anos são passados que trocaste:
A terra pelo céu, e ainda, agora,
Sinto a amarga saudade que deixaste
– Amargura que o tempo não minora.

Em nosso lar que cedo abandonaste
Julgo escutar ainda, como outrora

¹⁷ Doença nervosa de origem sífilítica que provoca ataxia progressiva dos membros locomotores, pela degeneração dos cordões posteriores da espinal medula. = TABE. (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2021). Disponível em, <https://dicionario.priberam.org/tabs>. Acesso em 19-03-2023.

A doce voz que tu me apontaste
A senda da virtude vida afora.

Seis anos!... com que mágoa inda me lembro
Daquela tarde azul! Era Dezembro.
Que doloroso e triste entardecer!

Em teu leito, meu pai, serenamente,
Vi-te morrer, assim, tão docemente!
Quão belo então me pareceu morrer!
(JESUS, 2021, p. 159)

Poema de forma fixa, soneto, com versos decassílabos e rimas alternadas nos quartetos (ABAB, ABAB), cujo título em latim, “*requiescat in pace*”, significa “descansa ou repousa em paz”, sendo uma expressão muito usada nos túmulos, sobretudo, em lápides cristãs. O verso, “Seis anos!... com que mágoa inda me lembro”, nos traz a informação que, de acordo com a biografia de nossa poeta, Leodegária de Jesus, foram os anos passados depois da morte de seu pai e “parece ser finalmente o momento de superação do luto” (CAMARGO, 2020, p. 161).

Curioso é que o livro *Orchideas* (1928), seu segundo trabalho, tem este poema como penúltimo na publicação, vindo antes do poema “Mãe”, dedicado a sua mãe, Ana Risolina. Neste último poema, o sujeito poético recorda com serenidade a figura materna, como que lhe dando força para suportar a perda do pai – “e os seus exemplos santos, mãe querida!/ Dai-me esta força estranha que me assiste/ Nas grandes lutas trágicas da vida!”.

Esses versos nos deixam perceber que a poeta preconiza seu futuro que envolve a morte do pai e as obrigações que hão de aumentar, uma vez que ela terá que assumir de vez as figuras da mãe e do pai dela. Assim, retornamos ao poema “*Requiescat in pace*” que, na primeira estrofe, temos descrita a amarga saudade deixada pelo passamento do pai, saudade que o tempo jamais há de diminuir – “Sinto a amarga saudade que deixaste/– Amargura que o tempo não minorar”.

Assim como no poema “Relíquia”, já citado anteriormente, em que o pai é tido como um mártir durante a vida e após a morte; aqui, a morte da figura paterna significa a ida para o céu, reforçando esse desligamento com o terreno e com a própria poeta – “Seis anos são passados que trocaste:/ A terra pelo céu, e ainda, agora”, deixando profunda tristeza em sua vida.

O uso da segunda pessoa do singular retratado na presença dos verbos “trocaste”, “deixaste”, “abandonaste” e nos pronomes “tu”, “teu” e “te” nos mostra a aproximação entre a voz poética e a figura do pai, “o que ameniza a dor da morte”. Segundo Camargo (2020, p. 161), é ela que continua, “colocando-a sob a vontade do pai; foi ele que trocou a terra pelo céu e abandonou o lar”. Contudo, o legado paterno permanece – “A doce voz que tu me apontaste/

A senda da virtude vida afora”, continuando assim uma imagem viva, um símbolo de virtude e coragem.

Nos dois últimos tercetos, é possível notar certa postura dos românticos perante a morte, aí não está a visão pessimista com relação ao morrer, e sim uma atitude positiva, em que “Daquela tarde azul! Era Dezembro./Que doloroso e triste entardecer!”. Neste amargo momento, a voz lírica deixa-nos perceber que entre ela e a natureza existe um conluio. A natureza manifesta-se como copartícipe da dor causada pela “amarga saudade”, advinda da ausência do pai.

Os últimos versos do poema exalam uma atmosfera própria do Romantismo, a morte como bálsamo reparador, o que não deixa de ser uma forma de escape para resolver a dor e a angústia causada pela perda de um ente querido – o próprio pai – “Vi-te morrer, assim, tão docemente!/ Quão belo então me pareceu morrer!”. Portanto, a morte do pai é sentida pela voz poética, a filha, como algo “sereno”, “doce” e “belo”.

Outro poema que ilustra a relação da nossa poeta com o pai e as lembranças que tem dele é “A meu pai”.

A meu pai

Como é pungente, pai... e que tortura,
Que intensa dor amarga experimento,
Ao ver-te preso à grande desventura
Que te escraviza a ideia, o pensamento.

Como é pungente ver-te a frente pura,
Onde, esplendeu outrora o teu talento,
A se inclinar, assim, na noite escura
Desta cegueira atroz que é teu tormento.

Alma sublime e forte, nobre e casta,
Que do infortúnio o sopro não devasta,
Onde a virtude luz, como um clarão...

Pai!... quanto mais te oprime essa desdita,
Mais te estremece, mais por ti palpita
O meu de filha terno coração.
(JESUS, 2021, p. 67)

Poema de forma fixa, soneto, com versos decassílabos e rimas alternadas nos quartetos (ABAB/ ABAB). Primeiro poema da terceira parte do livro *Orchideas*, intitulada “Gota de Orvalho”, que das três “é a mais autobiográfica” por ser a que “mais expressa as relações interpessoais da autora, suas mágoas, suas dores” (REZENDE, 2021, p. 185).

“A meu pai” expressa a dor e o sofrimento causados no sujeito lírico pelos martírios sofridos pelo pai da poeta – “Como é pungente, pai... e que tortura,/Que intensa dor amarga

experimento”. Esta pulgência muito maltrata Leodegária de Jesus a ponto de causar-lhe um amargor intenso à alma de uma filha que se sente torturada ao ver o pai aprisionado “à grande desventura” que lhe “escraviza a ideia, o pensamento”. Seu sofrimento é tão grande quanto ao do pai, o ser que mais estima e tem gratidão – “Pai!... quanto mais te oprime essa desdita,/ Mais te estremece, mais por ti palpita/ O meu de filha terno coração”.

Todo o sofrimento paterno lhe esmaga a existência, o que era brilho, glória outrora – “esplendeu outrora o teu talento” –, agora só resta o declínio da figura do pai, cansado pela enfermidade presente – “A se inclinar, assim, na noite escura/ Desta cegueira atroz que é teu tormento”.

Note como a poeta faz uso oportuno do eufemismo, utilizando a expressão “na noite escura” para indicar a cegueira pela qual passa o pai e que muito martírio lhe causa, tanto ao pai, quanto a ela – “cegueira atroz” –, estigma de crueldade. A voz poética, que é autorreferencial, condói-se da situação, que lhe provoca tortura, amargura e tristeza. Esta má sorte que assola a existência do pai e o seu infortúnio e o sentimento de dor e sofrimento que causam na filha é visível no hipérbato que fecha o soneto – “O meu de filha terno coração”.

Para fechar a discussão sobre a memória afetiva e a ênfase nos laços familiares, trazemos o poema “Mãe”, já mencionado em alguns momentos da análise.

Mãe

*A ti que és a melhor das mães, estas últimas
gotas do orvalho de minh'alma.*

Iluminando os ásperos abrolhos
Da perigosa estrada em que prossigo,
Sinto seguir-me como um astro amigo,
A claridade augusta de seus olhos.

Olha e perscruta os íntimos refulhos
De minh'alma dorida... No perigo,
Não me abandona... Impávida comigo,
Da vida afronta os túrbidos escolhos.

É meu amparo forte... Se padece
Meu frágil coração, ansiosa e triste
Toda a su'alma cândida estremece!

E os seus exemplos santos, Mãe querida!
Dão-me esta força estranha que me assiste
Nas grandes lutas trágicas da vida!
(JESUS, 2021, p. 161)

“Mãe”, último poema da terceira parte de *Orchideas*, denominada “Gotas de Orvalho”, trata-se de um soneto de versos decassílabos e rimas interpoladas nos quartetos (ABBA/

ABBA). Como já foi destacado em capítulos anteriores, destacamos que a poeta cantou temas, mostrando seu vínculo com a estética romântica no plano do conteúdo, cultivando quanto à forma o soneto, com versos quase sempre decassílabos e, esporadicamente, versos alexandrinos ou dodecassílabos.

Leodegária de Jesus enquadrou-se no “sincretismo estilístico” (JUBÉ, 1978) que, segundo Goiandira Camargo (2020, p. 148), “nas primeiras décadas do século XX em Goiás, a prática poética era fruto de um ‘sincretismo estilístico’, juntava a língua romântica, ao gosto dos poetas, e uma tendência formal ao parnasianismo” e, continua a teórica, é um “movimento literário em voga à época na capital do país”.

Na análise do poema “Mãe”, percebemos que uma das temáticas românticas – o afeto filial –, é um tema de destaque, já que se trata de matizes autobiográficas e das memórias da poeta Leodegária de Jesus. Vale aqui destacarmos a seguinte afirmação de Camargo (2020, p. 157), “tanto o pai quanto a mãe foram fundamentais na vida de Leodegária de Jesus e a eles ela se dedicou e por eles se responsabilizou nos momentos mais difíceis”.

Assim, sem mais delongas, voltemos ao estudo de “Mãe”. Pode-se afirmar que fica registrado nas entrelinhas que a voz poética se manifesta no saudosismo da poeta em relação à figura materna, D. Ana Risolina, exteriorizando atitudes afetivas no tocante àquela que foi, consoante Camargo (2020, p. 161), “a afirmação da vida do que se há de viver e seguir”.

Para entendermos tal colocação, os versos – “Dão-me esta força estranha que me assiste/
Nas grandes lutas trágicas da vida!”, a poeta refere-se aos exemplos obtidos da mãe, além da educação familiar que, juntamente com o esposo José Antônio de Jesus, deixou habilidades do lar, as quais ajudaram-na nos cuidados com a família em tempos futuros – “E os seus exemplos santos, Mãe querida!”.

No poema, a poeta reporta-se à figura da mãe envolta em um sentimento de gratidão, com alma serena. Esse comportamento de afetividade vem a ser por meio da memória, recordando momentos felizes, pois que se acha no regaço materno, no ninho de proteção. A gratidão vem logo no início do texto, na epígrafe, provavelmente, escrita pela própria poeta – “A ti que és a melhor das mães, estas últimas/ gotas do orvalho de minh’alma”.

A metáfora do ninho de proteção é percebida nos versos – “Sinto seguir-me como um astro amigo,/ A claridade augusta de seus olhos”, em que “claridade”, “astro” e “augusta” significam porto seguro, contrastando com “ásperos abrolhos”, rochedos, como se fossem os percalços da vida.

A poeta continua com as lembranças, referindo-se à figura materna e à proteção dela recebida, utilizando-se do substantivo “olhos” e da forma verbal “olha”, como que um

acoplando ao outro, adicionados ao verbo “perscrutar”, sugerindo os cuidados e as preocupações da mãe com ela, pois só a figura materna conhecia as partes mais secretas de sua alma, os “íntimos refolhos”.

“O primeiro objetivo da linguagem poética, e das metáforas em particular, é o oposto de tornar a linguagem mais transparente. [...] (Elas) intensificam uma consciência da distorção da linguagem, aumentando a espessura e a curvatura das lentes e, assim, exagerando os ângulos de refração” (HAMBURGUER, 2007, p. 53). Dessa forma, a coragem e a força providas da mãe dão a ela segurança, mesmo que venham as intempéries da vida, tudo metaforizado pelos termos “abrolhos” e “escolhos”.

Através das recordações da infância e juventude, Leodegária de Jesus traz até nós, leitores, situações e fatos que marcaram seu mundo. É a mulher que, por meio da memória afetiva, consegue nos apresentar experiências e vivências de seu passado em uma linguagem poética e repleta de lembranças.

Nos poemas *leodegarianos*, em relação à memória, tem-se o retorno à infância como subterfúgio às dores atuais. Relembrar o período enquanto era criança traz alento e sossego ao coração. Segundo Darcy Denófrio (2019, p. 33), “a infância, sempre visualizada como um momento paradisíaco do passado, é outra forma de regresso que podemos surpreender em Leodegária [...]”. Vejamos o poema “Jataí”, já citado no capítulo anterior.

Esse poema, oitavo da obra *Coroa de Lírios* (1906), tem-se quanto à forma cinco quadras, com versos de rimas interpoladas e de sete sílabas. A utilização da redondilha maior deve-se à valorização da melodia e da fácil memorização, recurso que foi muito utilizado no Trovadorismo, para a produção de Cantigas Medievais. Segundo Massaud Moisés (1980, p. 13), “pelo fato de o lirismo medieval associar-se intimamente com a música: a poesia era cantada ou entoada e instrumentada [...]”.

Com relação à temática, o poema traz, a partir da memória, a infância em Jataí, cidade em que Leodegária de Jesus vivera por um tempo. Ali era o seu berço idolatrado, é onde a poeta vê esvair sua infância como o espaço de liberdade, “que s’escoou descuidosa”. Observa-se que o eu poético recorda saudosamente de lugares onde passou e de momentos em que era criança.

No poema, Leodegária de Jesus nos apresenta, através de uma leitura subjetiva, “a paisagem ou quadros da natureza” (DENÓFRIO, 2019, p. 31). Estão presentes elementos que compõem o cenário e a natureza, como campina, palmeira, açucena, bonina, fonte entre outros.

Ela faz essa exposição com uma grande sensibilidade e, de certa forma, com embriaguez perante cenas de belezas naturais, como nos versos “Não vês aquela campina,/ De flores mil adornada,/ Tanta palmeira plantada,/Tanta açucena e bonina?” (JESUS, 2020, p. 31).

Como já dissemos anteriormente, a poeta de *Coroa de Lírios* dialoga com a poética romântica no plano do conteúdo. Então, é admissível que ela expresse sentimentos de comoção nas paisagens que descreve, como na segunda estrofe do poema:

Ao longe, brancas casinhas,
Não vês o lindo horizonte,
O murmurinho da fonte,
E o canto das avesinhas?

Observa-se que, além da sensibilidade projetada nos versos, somos impelidos a um retorno, promovido pela poeta, através da memória, convidando-nos a compartilhar desse mesmo sentimento.

Se nossa impressão pode apoiar-se não somente sobre nossa lembrança, mas também sobre a de outros, nossa confiança na exatidão de nossa evocação será maior, como se uma mesma experiência fosse começada, não somente pela mesma pessoa, mas por várias. (HALBWACHS, 1990, p. 25)

Assim, somos levados, em seus versos, a lembranças vividas pela poeta. O relato de suas experiências é trazido, em um primeiro momento, como testemunho ao qual ela, como sujeito lírico, tem em sua relação consigo mesma, confrontadas por uma visão atual de seu passado. Consoante Camargo (2009, p. 77-78), “são refúgios de criação, de ficcionalização e de tentativa de afastamento do puramente biográfico e da historicidade circunstancial e privada”. Essas mesmas lembranças abrangem uma esfera de diálogo entre a poeta do presente e o trabalho da memória.

Mais adiante, em “não vês o lindo horizonte [...]”, percebemos esse retorno pela memória, através da jovem do presente que se volta para a criança do passado. É o recordar de cenas vividas que constituem espaços emotivos que exteriorizam a subjetividade do sujeito poético, induzindo-nos à associação do eu lírico à Leodegária de Jesus, “em outras palavras, equivaleria a dizer que o sujeito lírico coincide com o sujeito civil” (SIQUEIRA, 2020a, p. 63).

Em todo o poema “Jataí”, em especial nos versos “não vês aquela campina” e “não vês o lindo horizonte”, marcados pelo uso do verbo na segunda pessoa do singular (vês), há, de certa forma, um chamamento do sujeito poético ao leitor, como copartícipe dessa lembrança que só existe na memória. Além disso, nota-se a passagem do tempo quando ela se coloca participante desse processo ao dizer “Que s’escoou descuidosa,/ A infância minha florida”, marcado pelo pronome possessivo “minha”.

Outra questão que pode ser evidenciada é a utilização da aliteração pela repetição do fonema “s” que cria um efeito onomatopaico que nos remete ao gorjeio dos pássaros, como em “brancas”, “casinhas” e “avezinhas”. Há ainda a recorrência dos fonemas nasais, por exemplo, em “lindo” e “murmurinho”, provocando um efeito sinestésico como se ouvíssemos o movimento silencioso da água.

Essas imagens poéticas representadas por “brancas casinhas”, “lindo horizonte”, “murmurinho da fonte” e “canto das avezinhas” remetem-nos ao *locus amoenus*, pela provocação que esses quadros naturais causam na poeta, uma sensação de retorno a um “tempo/lugar”, que outrora propiciava sossego e paz. Pode-se afirmar também que a paisagem é harmônica como é o estado de alma na infância.

Por isso, o retorno à infância é bem marcado no poema. Pela memória, esses quadros de paisagens esboçados pelo sentimento de subjetividade da poeta exteriorizam a identificação que Leodegária de Jesus tinha com a cidade de Jataí, onde viveu e que muito marcou suas primeiras experiências em tenra idade.

Percebe-se no poema “Jataí” que a saída daquele lugar causou-lhe muita dor, quando, por motivos alheios a sua vontade, deixou para trás amigos e espaços pelos quais tinha grande afeição. Para Halbwachs (1990, p. 160), não existe memória que não sobrevenha sem um contexto espacial:

[...] é justamente a imagem do espaço que, em função de sua estabilidade, nos dá a ilusão de não mudar pelo tempo afora e encontrar passado no presente – mas é exatamente assim que podemos definir a memória e somente o espaço é estável o bastante para durar sem envelhecer e sem perder nenhuma de suas partes.

O poema “Jataí” traz como epígrafe versos de Casimiro de Abreu, que apresenta como uma das características o saudosismo. Há uma aproximação entre os dois poetas: o “poeta da saudade”, autor de *As primaveras* (1859), e “Passarinho”, autora de *Coroa de Lírios* (1906) e *Orchideas* (1928). O primeiro, quando escreveu seu poema “Minha Terra” (1856)¹⁸, que tem dois versos extraídos e citados como epígrafe do poema em análise, sentia-se exilado em Portugal e, o segundo, autora de “Jataí”, vivendo em Vila Boa (atual cidade de Goiás) à época.

Verifica-se que é o sentimento de saudade da terra natal que provoca, no sujeito poético, a volta (evasão) aos tempos e lugares de infância, como no fragmento que segue: “Foi nessa

18 O poema “Minha Terra” está na obra *Canções do Exílio* (1854 – 1857) em ABREU, Casimiro. *Poesias completas*. Rio de Janeiro: Editora Tecnoprint, 1980.

terra querida,/ Nessa campina formosa,/ Que s’escoou descuidosa,/ A infância minha florida” (JESUS, 2020, p. 31).

Especialmente, no último verso da quarta estrofe – “A infância minha florida”, percebemos esse apego ao passado, expresso nas boas lembranças que a poeta tem daquela fase, em especial, da cidade de Jataí. Ainda, nessa mesma estrofe, o eu lírico sente-se afetado pelo dissipar tão rápido daquele momento pueril, afirmando que ela [infância] “s’escoou descuidosa”. Relembra-la provoca uma saudade de um momento que o sujeito lírico cria como encantado, remetendo ao que viveu em terra goiana.

Jataí é descrita como uma cidade de beleza e magia, é a “terra querida”. Em toda a estrofe, bem como no poema, é possível perceber um vínculo de afetividade com o espaço. É semelhante ao que Yi-fu Tuan (1980, p. 5) define como topofilia, ou seja, “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico”.

Leodegária de Jesus apresenta “Jataí” como esse lugar de afetividade, exaltando-o e o engrandecendo, como nos seguintes versos: “É Jataí adorado,/ Essa terra deslumbrante”. Além disso, sente-se como parte desse espaço, colocando-o como “meu berço idolatrado”, sagrado. E, ainda, continua “Nas tardes belas de Abril,/ Eu deslumbrada, dizia:/ Quanta beleza e magia,/ Neste canto do Brasil!”.

Nossa poeta transforma as saudades de sua infância e suas experiências pueris, relembrando o espaço onde viveu, em momentos sagrados, que ficaram impressos em sua alma inocente. Para Mircea Eliade (1992, p. 31), “a habitação comporta um aspecto sagrado pelo próprio fato de refletir o Mundo”. Em “Jataí”, portanto, temos a memória resgatada para reforçar como Leodegária de Jesus reflete a si mesma e ao universo do qual fez parte.

Passemos à análise do poema “Supremo Anelo”, terceiro poema de *Orchideas* (1928), de forma fixa – soneto – com versos decassílabos e rimas alternadas nos quartetos.

Supremo Anelo

Voltar a ti, ó terra estremecida,
E ver de novo, á doce luz da aurora,
O vale, a selva, a praia inesquecida,
Onde brincava pequenina outrora;

Ver uma vez ainda essa querida
Serra Dourada que minh’alma adora;
E o velho rio, o Cantagalo, a ermida,
Eis o que sonho unicamente agora.

Depois... morrer fitando o sol no poente,
Morrer ouvindo ao desmaiar fagueiro
De tarde estiva o sabiá dolente.

Um leito, enfim, bordado de boninas,
 Onde dormisse o sono derradeiro,
 Sob essas verdes, placidas colinas.
 (JESUS, 2021, p. 25)

A partir do título, “Supremo Anelo”, em que entendemos que anelo é um desejo intenso, vislumbramos no poema um querer que não é somente forte, mas que está acima de qualquer coisa, por isso, supremo. Alfredo Bosi (1985, p. 103), em sua obra *História concisa da Literatura Brasileira*, ao referenciar a música de Beethoven, menciona que “infinito anelo” trata-se de “nostalgia do que se crê para sempre perdido, desejo do que se sabe irrealizável”. Assim, pode-se considerar que o poema é a definição de uma vontade intensa, mas que possivelmente não será realizada.

A poeta no referido poema retrata a natureza goiana, suas paisagens e esse desejo intenso (supremo anelo) de voltar à cidade de Goiás. Como se observa, essa vontade está impressa na primeira estrofe do poema, sobretudo, nas expressões “ó terra estremecida” e “à doce luz da aurora”, seguidas de elementos que ilustram a paisagem vislumbrada pelo sujeito poético: “o vale, a selva, a praia inesquecida”.

Esses componentes provocam lembranças da meninice, “onde brincava pequenina outrora”. “Em outras palavras, enfim, as lembranças pessoais, exatamente localizadas, e cuja série desenharia o curso de nossa existência passada, constituem, reunidas, o último e maior invólucro de nossa memória” (BERGSON, 1999, p. 120).

Na segunda estrofe, o termo “Serra Dourada” reforça o título do poema quanto ao desejo de retorno a esse espaço geográfico-histórico – a cidade de Goiás – e a outros lugares que a compõem. A monumental velha serra, que a poeta canta em outro poema da mesma obra, intitulado “À velha serra”, que encanta a todos, quando vista e visitada por sua beleza paisagística natural, é motivo de devoção para o sujeito lírico: “Ver uma vez ainda essa querida/ Serra Dourada que minh’alma adora”. Para Yi-Fu Tuan (1980), a apreciação da paisagem relaciona-se a uma atitude pessoal e íntima, que se prolonga através de lembranças ou episódios vivenciados pelo sujeito.

O modo como caracteriza essa paisagem faz referência direta ao modo como enxerga a si mesma. Depois de envolvida por essa paisagem inebriante, nota-se uma confissão, ao sabor dos românticos, primeira geração especificamente, um sentimento ufanista – orgulho, encanto – por essa terra. E, novamente, há um elo de identificação com esse espaço, que no poema personifica-se como um macrocosmo (Cidade de Goiás), constituído por outros espaços

menores, verdadeiros microcosmos, como “Serra Dourada¹⁹”, “o velho rio²⁰”, “o Cantagalo²¹” e “a ermida²²”.

Milton Santos (2002, p.103) afirma que “a paisagem é um conjunto de formas que, num dado momento, exprime as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”. Logo, esses espaços constituem para a poeta o desejo de realizar um sonho, ou seja, a possibilidade de revê-los novamente, mas que já sabemos, não será possível concretizar, a não ser pela memória.

Na penúltima estrofe de “Supremo Anelo”, o sujeito lírico projeta seus sentimentos de admiração e gozo ao contemplar elementos da natureza, constituintes do cenário espacial já analisado, como “sol no poente”, “tarde estiva”, “sabiá dolente”. Esses componentes são revelados como coparticipes de suas sensações, representando sua entrega, de bom grado, à morte, nesse espaço mesclado, ao mesmo tempo, de meiguice e tristeza.

No último terceto, “Um leito, enfim, bordado de boninas,/ Onde dormisse o sono derradeiro,/ Sob essas verdes, plácidas colinas”, percebemos que, mesmo o eu lírico desejando morrer ao pôr do sol, ouvindo o cantar triste de um sabiá, a natureza mostra-se, ao final do poema, indiferente aos sentimentos ali expressos, que são de tristeza e melancolia, causados pelo distanciamento da poeta da Cidade de Goiás.

Assim, em “Supremo Anelo”, há esse desejo de retornar à cidade que muito marcou sua vida, em especial, no início da infância em que brincava/passeava nos rios e praias, observando as serras. Nota-se que pela busca do passado através da lembrança, estão presentes elementos marcantes de um espaço e uma época, que a poeta não tem como voltar mais fisicamente, esse retorno somente é possível pelo que está inscrito/marcado em sua memória e nos seus versos.

19 A Serra Dourada, atualmente, faz parte do “Parque Estadual da Serra Dourada, o qual foi criado em 2003 e é uma área de proteção ambiental localizada nos municípios de Goiás, Mossamêdes e Buriti de Goiás. É considerado o segundo maior parque do estado (IBGE, 2019). A biodiversidade de fauna e flora existente nessa região é específica do Cerrado, além disso, possui a maior concentração aurífera do estado de Goiás”. (LINO, 2021, p. 15)

20 O “velho rio” faz referência provável ao Rio Vermelho, que é o principal curso de água, que corta o sítio histórico da Cidade de Goiás. (MARTINS DA COSTA, 2014)

21 O Morro Cantagalo, também conhecido como Morro da Índia, localiza-se ao norte da cidade de Goiás. Atualmente, próximo ao perímetro urbano, possui o cerrado bem preservado. (MARTINS DA COSTA, 2014)

22 Ermida, cujo significado é pequena igreja ou capela em lugar ermo ou fora de uma povoação, provavelmente, faça menção à Igreja de Santa Barbara, “datada de 1780, construída em adobe e blocos de pedra-sabão aparelhados, é um edifício religioso que possui uma escadaria com mais de cem degraus, oferece uma vista privilegiada da cidade” de Goiás. (MARTINS DA COSTA, 2014, p. 29)

É possível, portanto, percebermos nos poemas analisados, “Jataí” e “Supremo Anelo” que, por meio da memória, Leodegária de Jesus faz uma volta aos espaços em que outrora vivera – nas cidades de Jataí e Goiás – em partes de sua infância e adolescência. E esse processo de rememoração é visível quando é retratado o sentimento de retorno a esses lugares, especialmente, marcados pela fase pueril.

Todavia, por mais que seja possível relacionar o sujeito empírico de Leodegária de Jesus ao sujeito lírico de seus poemas, esses sujeitos se ampliam para metaforizar experiências e memórias de outros sujeitos de diferentes espaços e tempos. “A memória, nesse sentido, é de uma coletividade, porque não só traz de volta ao coração as plangências do eu lírico, mas também confronta-se com o mundo” (CAMARGO, 2009, p. 78). A poeta ao lembrar sobre os momentos vividos nesses lugares, de certo modo, os evoca e, ao lermos sobre tais lembranças, somos também transportados.

Segundo Aristóteles, a imaginação é responsável pelo regime de encadeamento das coisas exteriores ao corpo humano, enquanto a memória se faz seguindo a ordem do entendimento em relação com a apreensão do tempo, ou seja, a memória é do tempo passado. Então, imaginação e memória comportam o mesmo enigma: a presença da coisa ausente. E, por sua vez, memória e tempo se recobrem: o ato de recordar se produz quando o tempo é transcorrido. (OLIVEIRA, 2012, p. 13)

Leodegária de Jesus olha o espaço, o ambiente com saudosismo como uma integração profunda com a natureza. O olhar sensorial, assim como a poesia, nos atravessa e marca as nossas vivências.

A memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo atual das representações. Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, desloca estas últimas, ocupando espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva e, ao mesmo tempo, profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 1979, p. 9)

E essas vivências “alimentam” nossas lembranças, do mesmo modo que a memória encontra-se intimamente relacionada a um contexto sociocultural e espacial. Também está relacionada às vivências, ao emocional e à afetividade que perpassa a relação entre as pessoas e os lugares. “A lembrança é a sobrevivência do passado. O passado, conservando-se no espírito de cada ser humano, afiara a consciência na forma de imagens-lembrança. A sua forma pura seria a imagem presente nos sonhos e nos devaneios” (BOSI, 1979, p. 15-16).

Portanto, após as análises realizadas dos poemas de Leodegária de Jesus no que concerne às memórias e lembranças, foi nos possível perceber que a poeta expõe suas

recordações de criança, como momentos de paz e felicidade. Contudo, há também a presença do contraste em que o ontem se opõe ao presente e vice-versa, como episódios de tempo-lugares que, ao mesmo tempo, são indicadores de felicidade e infelicidade, no que diz respeito as suas relações como sujeito civil e sujeito lírico no meio social em que vivera.

Através das memórias individual e coletiva, a poeta traz à tona suas vivências e experiências, advindas dos caminhos e descaminhos percorridos grande parte de sua vida. Ela recorda lugares, tempos e seres que ficaram marcados em sua existência. Assim, entendemos que na obra de Leodegária de Jesus, no tocante à memória e à lembrança, a relação entre o sujeito empírico e o lírico expande-se, metaforizando reminiscências de outros sujeitos de diferentes espaços e tempos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A história da literatura brasileira e universal é estigmatizada pelo silenciamento de mulheres, principalmente, de mulheres pretas. Mas, hoje, felizmente, isso tem mudado. E aqui demos destaque e importância a uma mulher e poeta preta – Leodegária de Jesus.

A poeta Leodegária de Jesus e sua poesia vêm se destacando como forte representante de mulheres escritoras, principalmente, nas letras goianas por deixar um legado “de sabores e poesia e permanece como referência para o feminismo da contemporaneidade” (CUNHA; DERING, 2020, p. 106), considerando o contexto social em que ela viveu no final do século XIX e parte do século XX, principalmente, no interior do estado de Goiás, onde reinava uma cultura conservadora e provinciana que “subvalorizava a mulher”.

Nesta dissertação, através dos caminhos e descaminhos, da fortuna crítica e análises de poemas, escritos por Leodegária de Jesus, observamos sua aproximação das estéticas romântica e parnasiana, mostrando seu contato como o Romantismo tardio e o Parnasianismo que estava em voga naquela época na passagem do século XIX para o início do XX.

Buscou-se compreender como Leodegária de Jesus, “em sua vivência e em sua poesia, foi subversiva, fazendo-se não apenas existente como também resistente a uma realidade em que a mulher negra era desvalorizada e subjugada” (CUNHA; DERING, 2020, p. 106). Nunca é demais lembrar que nossa poeta, ainda que tenha nascido em berço livre, o estigma da cor a perseguia. Por esse motivo, ela “viveu as dores profundas das diásporas e das perdas ao longo de sua existência, mas existiu e resistiu também nessa jornada, perfazendo um caminho que deixou legado” (CUNHA; DERING, 2020, p. 113).

Leodegária de Jesus foi uma mulher além do seu tempo, resistindo em um cenário em que somente os homens tinham vez. Foi um exemplo de ruptura e tradição e isto a levou a ser considerada, segundo Jubé (1978), uma escritora representante de um “sincretismo estilístico” na literatura goiana que, “juntava a língua romântica, de gosto dos poetas, e uma tendência formal ao Parnasianismo, movimento literário em voga à época na capital do país” (CAMARGO, 2020, p. 148).

Considerando, ainda, sua existência e resistência, como mulher preta e poeta, em uma sociedade conservadora, escreve Tânia Rezende (2018, p. 149), que “Leodegária de Jesus ocupa um lugar na sociedade vilaboense, o lugar de mulher, um lugar que ela conquistou, mas seu corpo define a ocupação desse lugar. Ela é uma mulher negra, filha de negro [...]”.

Assim, através de seus versos vem sua resistência, porque a poesia é também resistir. E, como Leodegária de Jesus já dizia em seu poema “Ainda e sempre”, em especial, na última

estrofe – “Ontem, hoje, amanhã, agora e ainda./ E sempre a mesma dor que não se finda,/ Sempre o mesmo punhal na mesma chaga.” (JESUS, 2021, p. 125). Com esses versos, pode-se perceber que é sempre esse mesmo punhal na mesma chaga que “ainda hoje atinge mulheres negras neste país” (CUNHA; DERING, 2020, p. 115).

Nessa perspectiva, vemos como foi difícil para nossa poeta Passarinho existir e resistir à época. Época de muito preconceito e restrições à figura feminina e, ainda mais, a uma mulher preta. Mas se se considerarmos o todo das duas obras poéticas de Leodegária de Jesus – *Coroa de Lírios* (1906) e *Orchideas* (1928) – entendemos “que sua importância ultrapassa o espaço da arte, porque sua obra nos permite discutir questões de gênero e raça e as interseccionalidades que naturalmente resultam na leitura de seus livros” (SIQUEIRA, 2020b, p. 65).

Leodegária de Jesus passou por muitas intempéries nas suas idas e vindas, como poeta, professora, chefe de família e mulher preta. E, principalmente, no desencontro amoroso que muita dor deixou em seu coração. Sobre isso “é importante ressaltar que Leodegária viveu a sua vida sem precisar de um casamento que a sustentasse e lhe garantisse um lugar de respeito na sociedade (SIQUEIRA, 2020b, p. 80).

Vários acontecimentos possibilitaram à poeta Passarinho exteriorizar, através do eu-poético, sentimentos de gozo e dor, que marcaram sua existência, sobretudo nas fases de infância e adolescência, que ficaram expressos em seus dois livros, cujos laivos remontam à estética romântica, como dito ao longo desta pesquisa.

Foi possível verificar que Leodegária de Jesus, primeira mulher a escrever e publicar poesia em Goiás, deixou seu legado nas letras goianas em um tempo em que tal façanha era permitida, especialmente, aos homens. Desse modo, nossa Passarinho conquistou seu espaço, dando a ela um lugar expressivo entre as coras, damianas, conceições, firminas... na terra dos “goyazes”.

Percebeu-se também, ao analisarmos alguns dos poemas extraídos de suas duas obras, características, tanto no que diz respeito às vivências e experiências do sujeito civil, quanto no âmbito da criação poética, em que há laivos da estética romântica no plano do conteúdo e parnasiana, na forma, como afirma Denófrio (2019). O que faz com que alguns críticos considerem Leodegária de Jesus uma autora sincrética.

Foi possível notar que, apesar de todas as barreiras a ela impostas por um tempo de limitações e restrições, conseguiu deixar seu legado representativo e caminhos abertos a outras mulheres que viriam após ela nas letras goianas. Observamos, ao longo de sua trajetória, os sabores e os dissabores que deixaram profundas marcas na vida da poeta, como as várias

deslocações dentro e fora do estado de origem – Goiás –, migrando de cidade em cidade, tendo por causa o engajamento de um pai no meio político da época.

Neste trabalho, tentamos expor esses encontros e desencontros de nossa poeta, focando, no primeiro momento, em informações sobre sua vida no que diz respeito a sua biografia, bem como sua trajetória como uma mulher negra e as várias dificuldades pelas quais passou para, assim, deixar entre nós seu legado junto aos demais cânones das letras goianas.

Apresentamos também, no corpo de nossa dissertação, as confissões de uma poeta, por meio de um sujeito lírico, em poemas voltados, em muitos momentos, a uma escrita de um passado, a um apego a suas reminiscências e a lugares especiais e marcantes na trajetória vivida e experienciada por ela. Foi possível discutir temas como natureza, pátria, família, infância, motes presentes no Romantismo brasileiro, e recuperados por Leodegária de Jesus.

Além disso, no que diz respeito ao espaço, buscamos mostrar o envolvimento afetivo da poeta com locais e lugares, bem como imagens criadas para retratar esse elo topofílico com o espaço-tempo. Nesse breve mergulho na vida, obra e nos espaços apresentados por Leodegária de Jesus, constatamos elementos relacionados a diferentes espaços, sejam eles externos ou internos, e os sentimentos expressos em relação a esses lugares e ambientes em que viveu, configurando um apego e um afeto a eles.

Percebeu-se que estão presentes nos poemas analisados, além das alegrias vividas na infância, quando morou em Jataí, cidade do Estado de Goiás, também os sofrimentos causados pelo fato de ter que se mudar para outro lugar – Vila Boa (Cidade de Goiás), velha capital do Estado – onde passou por novos prazeres e, principalmente, amarguras advindas de um relacionamento amoroso impossível.

Enfim, os lugares representados e apresentados em diferentes poemas *leodegarianos* remetem a acontecimentos de um espaço-tempo que possibilitaram a exteriorização de sentimentos de alegria e de dor que marcaram sua poética; sobretudo, nas fases de infância e adolescência, na obra *Coroa de Lírios* (1906) e de um momento mais maduro, sua fase adulta, em *Orchideas* (1928).

Por fim, focamos na memória, em que analisamos poemas, procurando explorar a memória e as lembranças de momentos vividos e experienciados, como indicações de recordações memorialísticas. Nosso intuito foi o de examinar como a memória foi resgatada em alguns poemas, destacando-se elementos de sua infância, seu relacionamento amoroso e todas as dores envolvidas, os laços afetivos relacionados ao pai e à mãe, lembranças de todo um passado, das cidades onde morou e dos lugares por onde passou, bem como elencando a presença dos elementos naturais da fauna e da flora locais tão presentes em suas reminiscências.

Escrevendo *Corôa de Lírrios* em 1906 e *Orchideas* em 1928, Leodegária construiu um monumento lírico, uma espécie de Taj Mahal que, como aquele da Índia, levou também 22 anos para ser concluído. E se aquele mausoléu foi erigido por um imperador em memória a sua esposa muito amada, este, ao contrário, foi construído por uma poetisa em memória do homem amado. Na base, o gesto foi igualmente poético e ambíguo: sepultar e, ao mesmo tempo, imortalizar um amor que não poderia se perder, de tão grande. (DENÓFRIO, 2019, p. 54)

Assim, depois de um mergulho – ainda que breve – na poética de Leodegária de Jesus, perpassando sua vida e obra, constatamos que nos poemas de *Coroa de Lírrios* e *Orchideas*, aqui analisados, espaço, tempo e memória estão intimamente ligados a temas, como pátria, família, bem como o tão cantado tema universal – o amor, aquele impossível – em que a poeta confessa, por meio de uma voz lírica, suas dores, angústias e alegrias vividas e experienciadas em sua trajetória.

Tudo isso, portanto, foi motivação para sua escrita. Escrita essa que está sendo, cada vez mais, objeto de estudo e análise no meio acadêmico. Assim como esse trabalho que visou contribuir para a fortuna crítica de Leodegária de Jesus.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Casimiro de. *Poesia*. Organizado por Souza da Silveira. 6 ed. Rio de Janeiro: Agir, 1983.
- ARISTÓTELES, Ética a Nicômaco. Tradução Leonel Vallandro; Gerd Bornheim. In: *Os Pensadores*. São Paulo: Editora Victor Civita, 1986.
- ARNOLD, Magda. *Emocion Y Personalidad*. Aspectos Psicológicos. New York: Ed. Losada S. A., 1960.
- AZEVEDO, Álvares de. *Poesia*. São Paulo: Agir, 1984.
- AUGÉ, Marc. *Não-lugares: Introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Tradução Maria Lúcia Pereira. Campinas/SP: Papirus, 1994.
- BACHELARD, Gaston. A poética do espaço. In: _____. *Os pensadores*. Tradução de Joaquim José Moura Ramos et al. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BENJAMIM, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Tradução de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução Paulo Neves. 2 ed. Coleção Tópicos. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BORGES, Jorge Luís. *Frases*. Disponível em <https://www.escritas.org/pt/t/32086/a-memoria-e-o-essencial>. Acesso em setembro de 2022.
- BUARQUE, Felício. Prefácio. In: JESUS, Leodegária de. *Coroa de Lírios*. Cidade de Goiás-Go: Leodegária publicações/ Trilhas urbanas, 2020.
- BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo na poesia*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3 ed. São Paulo: Cultrix, 1985.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 36 ed. São Paulo: Cultrix, 1999.
- BOSI, Ecléia. *Memória e sociedade – lembranças de velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 1979.
- BRASIL. Assis (org). *A poesia goiana no século XX – antologia*. Rio de Janeiro: Imago Ed.; Goiânia: Fundação Cultural Pedro Ludovico Teixeira, 1997.
- BUTTNER, Anne. Apreendendo o Dinamismo do Mundo Vivido. In: CHRISTOFOLETTI, Antônio. *Perspectivas da Geografia*. São Paulo: Difel, 1982, p.165-195.
- CAMARGO, Flávio Pereira. A Mitologia da Memória Literária: a Memória Voluntária e Involuntária em Proust. *REVELLI*. Revista de Educação, Linguagem e Literatura da UEG-Inhumas. v. 1, n. 1, março de 2009. Disponível em: www.revista.ueg.br/index.php/revelli/article/view/2781/1762. Acesso em: 18 janeiro de 2019.
- CAMARGO, Goiandira de Fátima Ortiz de. Poesia e memória em Cora Coralina. *Signótica*, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 75–86, 2009. DOI: 10.5216/sig.v14i1.7306. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/sig/article/view/7306>. Acesso em: junho de 2022.

- CAMARGO, Goiandira de Fátima Ortiz de. Tópicos sobre vida e obra da poetisa Leodegária de Jesus. Cora Coralina e Leodegária de Jesus - 130 anos de nascimento. *Leitura em Revista*. n. 16, abril de 2020. Disponível em: https://iiler.puc-rio.br/portal/wp-content/uploads/2020/05/ler_16_2020.pdf. Acesso em dezembro de 2021.
- CANDIDO, Antonio; CASTELLO, José Aderaldo. *Presença da Literatura Brasileira: das origens ao Romantismo*. 12 ed. São Paulo: DIFEL, 1984.
- CATELAN, Álvaro; GOYANO, Augusto J. Mene. *Súmulas da Literatura Goiana*. Goiânia: Livraria Brasil Central Editora, 1970.
- COLLOT, Michel. O canto do mundo. Tradução de Giovana Blyer; Goiandira Ortiz de Camargo; Olliver Mariano Rosa. *Signótica*. Goiânia, v. 27, n. 1, p.221-244, jan./jun. 2015.
- COUTINHO, Afrânio. *Introdução à Literatura no Brasil*. 8 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.
- CUNHA, Geruza Tomás da; DERING, Renato de Oliveira. *A resistência/existência na vida de uma mulher negra de Goiás: Leodegária de Jesus*. Cora Coralina e Leodegária de Jesus - 130 anos de nascimento. *Leitura em Revista*. n. 16, abril de 2020. Disponível em: https://iiler.puc-rio.br/portal/wp-content/uploads/2020/05/ler_16_2020.pdf. Acesso em janeiro de 2023.
- DENÓFRIO, Darcy França (org). *Lavra dos goiases III: Leodegária de Jesus*. Goiânia: Cãnone Editorial; Livraria Leodegária, 2019.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes: 1992.
- FERREIRA, M. R.; TORRES, M. A. Cora Coralina: uma poética sobre lugares e sabores: Una poética sobre lugares y sabores. *Revista Geografia Literatura e Arte*, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 129-145, 2020. DOI: 10.11606/issn.2594-9632.geoliterart.2020.168824. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/geoliterart/article/view/168824>. Acesso em: 11 fev. 2023.
- FILHO, Oziris Borges. Espaço e literatura: introdução à topoanálise. XI Congresso Internacional da ABRALIC. *Tessituras, Interações, Convergências*. USP, São Paulo, 13 a 17 de julho de 2008. Disponível em https://abralic.org.br/eventos/cong2008/AnaisOnline/simposios/pdf/067/OZIRIS_FILHO.pdf. Acesso em: março de 2023.
- FRANÇA, Basileu Toledo. *Velhas Escolas*. Goiânia: Ed. UFG, 1998.
- GOMES, Álvaro Cardoso; VECHI, Carlos Alberto. *A estética romântica*. Tradução de Maria Antônia Simões Nunes e Duílio Colombini. São Paulo: Atlas, 1992.
- GUINSBURG, Jacob (org). *O romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Tradução de Laurent León Shaffter. São Paulo: Vértice, 1990.
- HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Ed. Centauro, 2004.
- HAMBURGER, M. *A verdade da poesia: tensões na poesia modernista desde Baudelaire*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Cosac Naify, 2007.
- JESUS, Leodegária de. *Lavra dos goiases III: Leodegária de Jesus*. Goiânia: Cãnone Editorial; Livraria Leodegária, 2019.
- JESUS, Leodegária de. *Coroa de Lírios*. Cidade de Goiás-Go: Leodegária publicações/Trilhas urbanas, 2020.

- JESUS, Leodegária de. *Orchideas*. 3 ed. Cidade de Goiás-Go: Leodegária publicações, 2021.
- JUBÉ, Antônio Geraldo Ramos. *Síntese da história literária de Goiás*. Goiânia: Oriente, 1978.
- LINO, Jéssica. *O Parque Estadual Serra Dourada e o valor de existência*. Dissertação (Mestrado), Programa de Pós-Graduação Mestrado Acadêmico em Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, Unidade de Anápolis (CSEH), Universidade Estadual de Goiás, 2021.
- LOPES, Silvina Rodrigues. *Literatura, defesa do atrito*. Lisboa: Editora Vendaval, 2003.
- MARTINS DA COSTA, Mônica. *Avaliação do Patrimônio Natural do Município de Goiás (GO) e sua potencialidade turística*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Instituto de Estudos Socioambientais (Iesa), Programa de Pós-Graduação em Geografia, Goiânia, 2014.
- MOISÉS, Massaud. *A literatura brasileira através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1971.
- MOISÉS, Massaud. *A literatura portuguesa através dos textos*. São Paulo: Cultrix, 1980
- MOISÉS, Massaud. *História da literatura brasileira*. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1989.
- MEIRELES, Cecília. *Viagem*. Lisboa: Editorial Império, 1929. p. 99.
- NUNES, Benedito. A visão romântica. In: GUINSBURG, Jacob (org). *O romantismo*. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- OLIVEIRA, Rita de Cássia. Memória, tempo e poesia. *Revista Vozes dos Vales da UFVJM: Publicações Acadêmicas – MG – Brasil – Nº 02 – Ano I – 10/2012 Reg.: 120.2.095–2011 – PROEXC/UFVJM – ISSN: 2238-6424*. Disponível em <http://www.ufvjm.edu.br/vozes>. Acesso em janeiro de 2023.
- OLIVEIRA, Rita Barreto de Sales. Memória Individual e Memória Coletiva. *Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento*. Ano 2, Vol. 13. pp 339-348. Janeiro de 2017.
- PAZ, Octavio. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. 2 ed. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- PROENÇA FILHO, Domício. *Estilos de época na literatura: através de textos comentados*. 8 ed. São Paulo: Ática, 1984.
- ROSENTHAL, Erwin Theodor. *O universo fragmentário*. Tradução de Marion Fleischer. São Paulo: Ed. Nacional, Ed. Da Universidade de São Paulo, 1975.
- REZENDE, Tânia Ferreira. A semiótica dos corpos na literatura goiana: o corpo negro de Leodegária de Jesus. *Revista Plurais – Virtual*, Anápolis-Go, vol. 8, n. 1, jan./abr. 2018.
- REZENDE, Tânia Ferreira. A aesthesis afrodiáspórica na poética de Leodegária de Jesus. Cora Coralina e Leodegária de Jesus - 130 anos de nascimento. *Leitura em Revista*. n. 16, abril de 2020. Disponível em: https://iiler.puc-rio.br/portal/wp-content/uploads/2020/05/ler_16_2020.pdf. Acesso em dezembro de 2021.
- REZENDE, Tânia Ferreira. *Orquídeas*, um buquê de poesia insurgente. In: JESUS, Leodegária de. *Orchideas*. 3 ed. Cidade de Goiás-Go: Leodegária publicações, 2021.
- SANTOS, Milton. *A natureza do espaço: técnica e tempo – razão e emoção*. São Paulo: Edusp, 2002.

SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima. No cálix perfumado das violetas. In: JESUS, Leodegária de. *Coroa de lírios: versos*. Cidade de Goiás-Go: Leodegária publicações; Trilhas urbanas, 2020a.

SIQUEIRA, Ebe Maria de Lima. Leodegária de Jesus: um pássaro com espinho na garganta. Cora Coralina e Leodegária de Jesus - 130 anos de nascimento. *Leitura em Revista*. n. 16, abril de 2020b. Disponível em: ler.iiler.puc-rio.br. Acesso em dezembro de 2021.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Tradução de Celeste Aída Galeão. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1997.

TELES, Gilberto Mendonça. *A poesia em Goiás; estudo/antologia*. 2 ed. rev. Goiânia: Ed. da Universidade Federal de Goiás, 1983.

TUAN, Yi Fu. *Topofilia – um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente*. São Paulo: DIFEL, 1980.

TUAN, Yi Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. de Lívia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1983.

VIEIRA, Lélis. Prefácio. In: JESUS, Leodegária de. *Orchideas*. 3 ed. Cidade de Goiás-Go: Leodegária publicações, 2021.

WOLF, Norbert; WALTHER, Ingo F. (ed). *Romantismo*. São Paulo: Editora Taschen, 2008. 96p.